BIZZ

AZUL

558 • ANO 09 • Nº 12 • EDIÇÃO 101 • CR$ 1.100,00

GRÁTIS

SUPERPOSTER COM OS FATOS E AS MELHORES IMAGENS DE 1993

UMA REPÓRTER SKATE-PUNK NO MEIO DO OLODUM

PEARL JAM

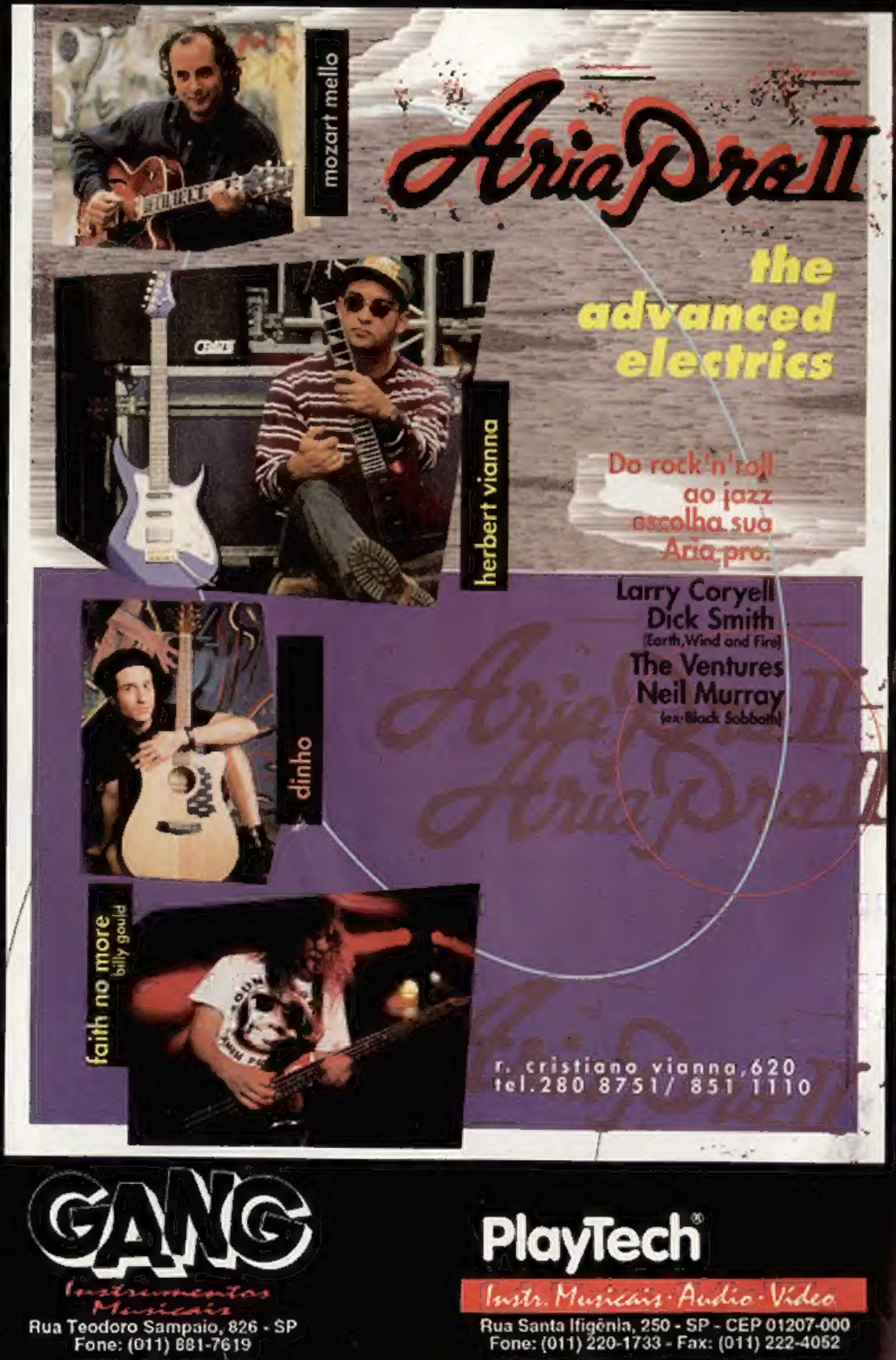
EDDIE VEDDER ESTÁ PIRANDO

BLIND MELON FINALMENTE UNS HIPPIES QUE DERAM CERTO

A CPI DO HOLLYWOOD ROCK

NOVAS SEÇÕES: REGGAE, HIP HOP E A LISTA DE TODOS OS DISCOS LANÇADOS

+ SUBLIMES MANGUE BEAT THE TROGGS E... THE CANNIBALS!



EDITORIAL

O Brasil vive hoje uma cena bastante parecida com aquela de uns dez anos atrás, quando Paralamas, Barão, Legião Urbana, DeFalla, Sepultura, Titãs, Lobão (e outros poucos que sobreviveram) estavam deixando o mofo das garagens pra estourar nas rádios. Há sinais recentes e típicos desse movimento.

Entre os que já mataram a bola sete, o Skank mandando bem, Gabriel foi indo direto no rádio, Pato Fu com um [illegible] e até Carlinhos Brown como anti-herói da [illegible] toda. Já virando notícia, surgem Graforreia Xilarmônica, Maskavo Roots, Chico Science & Nação Zumbi (destaque da página 24), Mundo Livre S/A, Os Raimundos, Professor Antena (página 20), Racionais MC's, Pavilhão 9, Os Mozzarelas, todos ainda de corpo na independência, mas com o espírito lá no cacete. E parou por aí, porque se a gente se aventurar na lista dos que têm tudo pra arrebentar ali na frente... (como o Rap Sensation da página 18, a Sunoque Moreno da página 6, O Rappa da página 20, o Geração Futuro ou as Damas do Rap da página 52).

Daí que a BIZZ, que em outros tempos lançou gente na seção Porão e depois mais gente na Conexão Brasil e sempre no ShowBizz – a mesma BIZZ que há pouco tempo levantou a bola da nova MPB, a Música Pop Brasileira – vai continuar fazendo o que sempre fez: falar de quem realmente quer e pode subir a ladeira. Daí, portanto, que nesta edição (e não na anterior, como mentia o índice) estréia a seção Garagem, uma base de lançamentos pra próxima e bem-vinda temporada.

E dependendo de como você olha as coisas, essa história de as bandas saírem do nada pro tudo pode até ser muito engraçada. Nirvana, Blind Melon e Pearl Jam, por exemplo, aparecem nesta edição em curiosas atitudes diante da deusa Fama. Eles que sempre amaram a postura punk do dirt walk pro mercado, não sabem o que fazer agora diante dos games perigosos da MTV Power, ou a quem odiar quando viram suas fotos nas capas das revistas! E olha lá os caras bambando na corda, sob os dólares decisivos que costumam permear o período do primeiro e do segundo disco (se não emplacar...). Tudo bem, Lennon e McCartney também passaram por isso – e Mick Jagger, Bowie, Clapton, Axl Rose. Com doses bem diferentes de elegância, todos se safaram.

Essas histórias estão todas aqui, graças à prensa de Gutemberg e à guitarra elétrica, embrulhadas para presente, da primeira à última página. Os meninos do Fine Cannibals que o digam.

Otávio Rodrigues

BIZZ

este mês

34

24
CHICO SCIENCE entra em (bom) estúdio com a Nação Zumbi, anunciando a explosão do mangue beat, o segundo melhor produto de Pernambuco

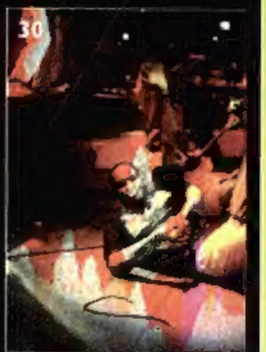
26
A estética hippie ecoa na grungeteria e gera crias de bom calibre como o BLIND MELON. E o que a MTV tem a ver com isso?

30
O que aconteceria se uma repórter vestida de preto e calçando coturno resolvesse atravessar a Praça Castro Alves, em Salvador, em plena festa do OLODUM?

34
No rip de lançamento do disco *Vs.*, o PEARL JAM se atrapalha com as exigências do mercado e põe na gira a discussão sobre o supersucesso repentino

40
Uma geral no HOLLYWOOD ROCK, passando a limpo a (criticada) escolha dos nomes, prevendo quais serão as noites quentes, as frias...

18


30

SHOWBIZZ

6 Simone Moreno e Úteros em Fúria: caras novas na Bahia
10 *Hip Hop Hurra!...* uma coluna em movimento
15 O ex-Judas Priest Rob Halford fala de seu novo grupo
16 *Garagem*: um espaço para os independentes
18 Nirvana em crise
19 *Reggae Times* avisa: chegou o bhangramuffin!
20 Rappa no Rio, Professor Antena em São Paulo
22 O Earth, Wind & Fire levanta a poeira e volta pra sacudir
23 *Mix*: tudo de legal que anda saindo de música por aí

AO VIVO

46 Bon Jovi passou por São Paulo
47 D-Influence baixou em Salvador

LANÇAMENTOS

48 Pearl Jam
50 Donald Fagen, Racionais MC's, Fight, Fear Factory
52 Scorpions, Bezerra da Silva, Def Leppard, Tiro Inicial
53 *Index*: a lista que só a BIZZ faz, com todos os lançamentos da temporada
54 *Bolsa de Discos* e *Alta Rotação*
55 *Arquivo Pessoal* e *Parada* – mundo, leitores e lojas
61 *Vídeo*: Jimi Hendrix, Dire Straits, James Brown

ZONA FRANCA

56 Living Colour, Trance Music, I Roy, African Star

REPLAY

58 Jorge Ben Jor, Kraftwerk, Eddie Cochran

DISCOTECA BÁSICA

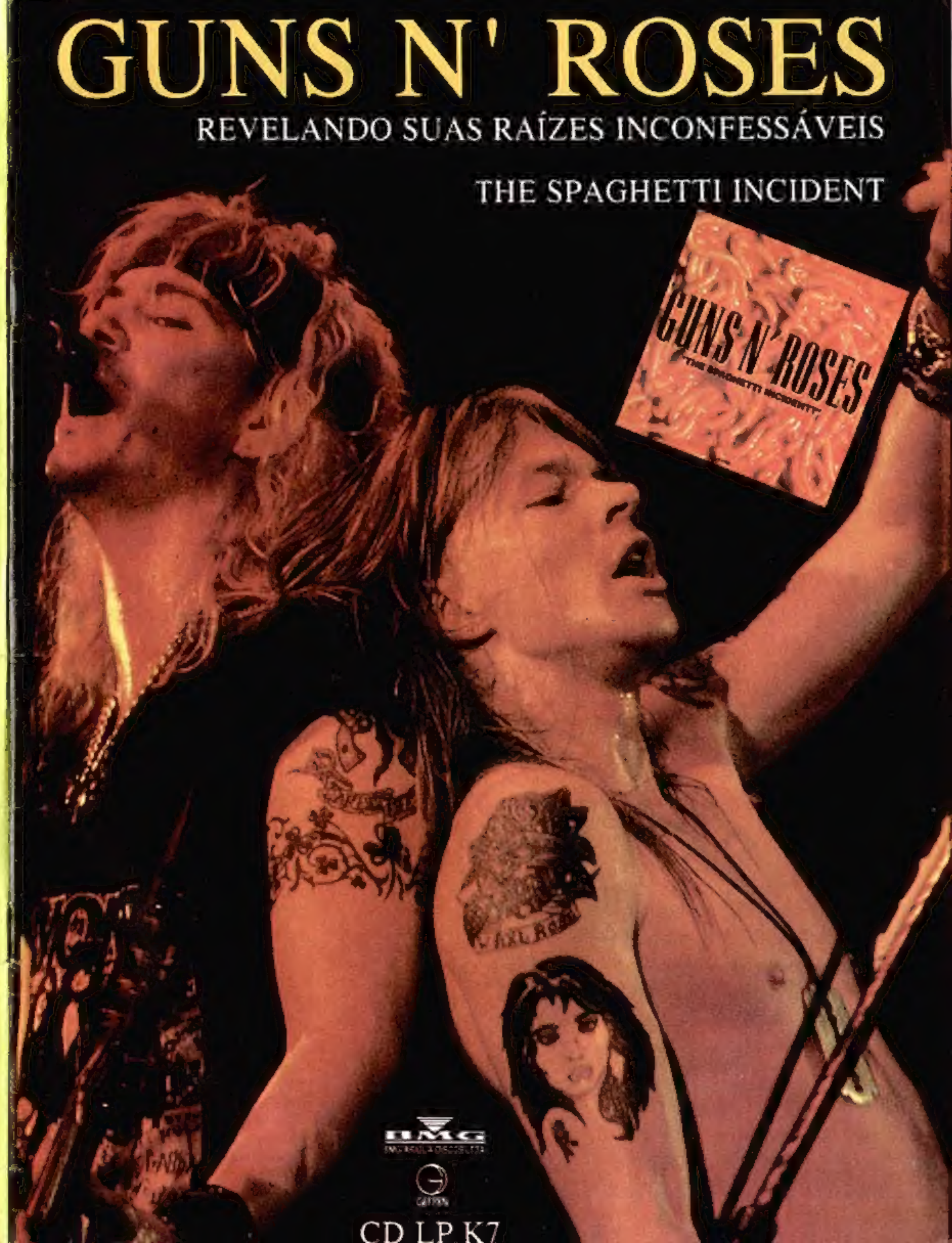
62 The Troggs, por Ayrton Mugnaini

CARTAS

64 Leitores com mais do que apenas cabelo na cabeça pedem um basta na escatologia verbal

H.Q.

66 A saga dos The Cannibals rumo ao estrelato continua



OUTRA DANIELA MERCURY?

"Havia uma certa discriminação comigo por parte da nova geração de artistas baianos, isso até bem pouco tempo." Mas, meu Deus, quem é que estava discriminando **Simone Moreno**? Com 21 anos, 1,80 m de altura e muitosdecibéis na garganta, a ex-vocalista do trio elétrico Novos Bárbaros só agora conseguiu seu passaporte para o mercado nacional, através da Warner/Continental.

Em seu trabalho solo, a morena Simone transcende os limites do carnaval de Salvador, buscando uma releitura mais moderna da música baiana, como na versão cool de "Você Não Sabe Amar", de Dorival Caymmi, ou na regravação de "Palco", com a participação do próprio Gilberto Gil.

E os japoneses que se cuidem. Em 94 ela se apresenta por lá, cicerioneada por Roberto Menescal, que também assina a produção do disco.

METAL NA TERRA DO AXÉ

Bahia, terra da axé music? Não, se depender do coquetel hard-rock-funk-metal do **Úteros em Fúria**. Mauro (vocal), Émerson (guitarra e vocais), Apu (guitarra e gaita), Evandro (baixo) e Mário (bateria) denunciam: "Na Bahia existe uma indústria do axé, que não permite a expansão e a divulgação dos outros estilos de música".

Assim, enquanto os outros subiram nos trios elétricos durante o último carnaval, a banda gravou — por conta própria — o disco *Wombs In Rage*. Daí para o contrato com o selo carioca Natasha foi moleza. *Wombs* tem dez músicas (doze no CD), incluindo a primeira composição própria, "On the Windy Heaven's Road".

NATAL GORDO PARA O TAKE THAT

Na Inglaterra, onde se pode apostar em (quase) tudo, uma das atividades natalinas mais populares é adivinhar quem chegará ao topo das paradas de singles na semana do dia 25 de dezembro. Cliff Richard — uma versão inglesa do Roberto Carlos — geralmente ganha a corrida, mas este ano o favorito das casas de apostas foi o **Take That**, que até semanas antes do Natal ainda não tinha idéia do que lançar.

10 NOMES PUNKS NO SAMBA DO RIO

Gemeu	Gilson Bacana
Jorge Tropical	Zé Catimba
Preto Jóia	Robertinho Devagar
Niltinho Tristeza	Maurício 100
Toninho Professor	Sapo da Ilha

PUMA
+
JOGGING
+ GYM
= VENGEANCE
+
BIKE
= TRIAL
+ PARTY
PUMA
TURN IT ON.

hip hop hurra

LADIES NO RAP

Com charme, letras feministas, bases radicais e refrões que induzem a mulher a não se esquivar diante dos homens, as rappers estão tomando conta. **MC Lyte** vem dominando e lançou *It Go On* . As garotas do **Salt'n Pepa** acabam de soltar o *Very Necessary* , com participação bem especial das bonecas do **En Vogue**. Já a **Yo! Yo!** volta com força total no I Bwin' Wit my Crewin e traz o polêmico Ice Cube na produção de algumas faixas. No Brasil já pintaram algumas forças, como **Lady Rap**, **Rúbia**, **Rose MC** e **Sherryline**, entre outras.. Deixem as garotas *in peace!*

ELAS CHEGARAM

Finalmente as novidades chegaram às lojas: o tão esperado **A Tribe Called Quest**, *Midnight Marauders*, em que Ali Shaheed afirma que se eles não estivessem trazendo algo totalmente novo não haveria razão de estar por aí; **Young MC**, depois de um disco fraco, vem agora com o novo *What's the Flavor*, que promete; Na praia do Quest chega o grande *Buhloone Mind State*, do **De La Soul**, com uma produção genial e beats que levarão você à loucura; e se você ainda não comprou o novo **Cypress Hill**, *Black Sunday*, vá procurar um psiquiatra.

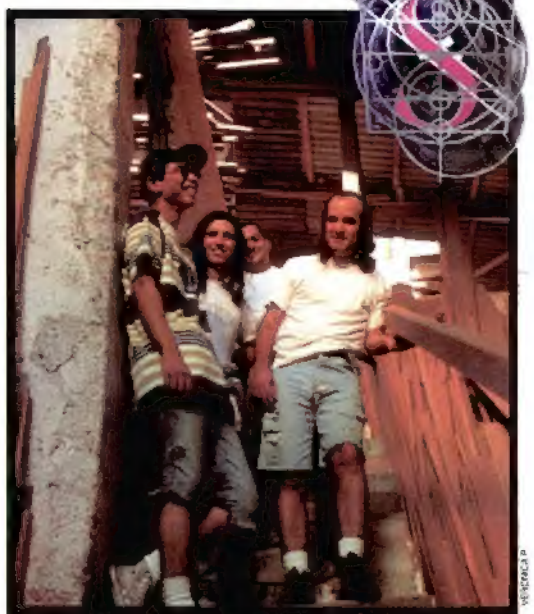
O Rap Sensation: telefone de ouvido

ANDRÉ BADER

BEM LOCO!

E por aqui o movimento rap vai crescendo e melhorando o nível. Sem vacilar, o grupo **Rap Sensation** apareceu de repente e todo mundo babou: a produção musical e a atitude do trio no palco é 10. Sem estilo definido, os caras fazem variações no gospel, radical e radical-humor. O DJ adaptou um telefone como fone de ouvido. Bem loco! Check it out!

Eduardo Bid



PRODUTOR DO NIRVANA COPIA ARRANJO DE BANDA CARIOCA

É muita coincidência. O obscuro grupo americano **Sometime Sweet Susan** gravou uma versão de "Justify my Love", de Madonna e Lenny Kravitz, idêntica à gravada pelo igualmente obscuro grupo carioca **Second Come** em seu álbum de estréia, *You*. A versão brasileira é um ano mais velha. A música do Sometime Sweet Susan aparece no disco *Fuse*, que acaba de ser lançado nos Estados Unidos com produção de **Steve Albini**. É o mesmo produtor do álbum *In Utero*, do **Nirvana**, grupo que saiu do Brasil, após o Hollywood Rock de 93, com várias cópias de *You* na bagagem. Seria mesmo muita coincidência?

MENINAS DO ZAP MAMA LEVANTAM A GALERA DO ROXY

A escuridão do Roxy, palco-trampolim de Los Angeles usado para expor bandas de rock, transportou a maioria incrédula dos presentes para um mundo de cantos pigmeus, sons espanhóis, cubanos, sírios, tanzanianos, zairenses e até esquimós. Nos microfones, o grupo **Zap Mama**, cinco beldades belgas — quatro negras, uma branca — enchendo o lugar com vozes, coreografias animadas e um uso livre de instrumentos de percussão.

A invenção do Zap Mama foi de **Marie Dualne**, uma zairense transplantada para a Europa ainda criança. Para chegar no mercado americano (via Luaka Bop, o selo capitaneado por David Byrne), o grupo só precisou cozinhar um disco de 91 em grandes estúdios e adicionar um nome mais inspirado na capa: *Adventures in Afropea 1*. É uma mistura de primitivismo africano, doo-wop, a capella, jazz e onomatopéias como nunca se tentou antes.

UM TOQUE DE ARTE
NO MUNDO MÁGICO DO SOM.

aura

Rua Leôncio de Carvalho, 306 - 8º andar - Cep 04003-010 - São Paulo
Tel (011) 284 7545 - Fax (011) 287 6882

OUÇA ESSA

"Meu marido, Yoko."
Courtney Love apresentando Kurt Cobain num show beneficente em Los Angeles

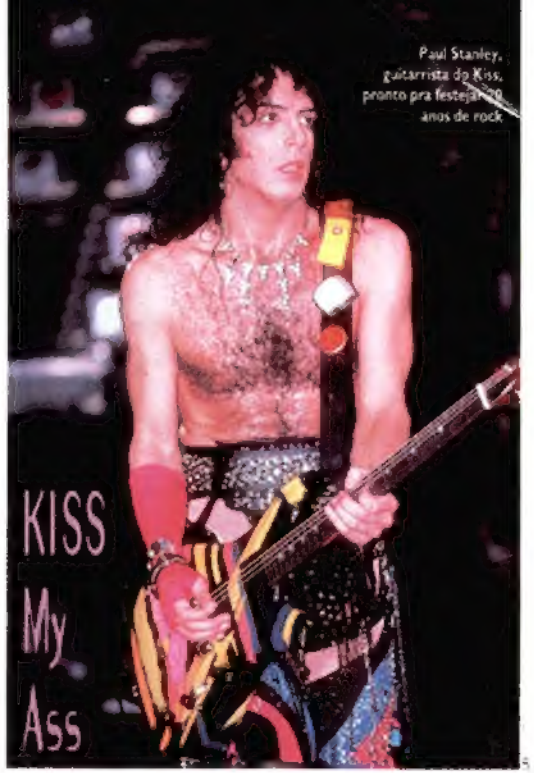
"O homem branco está fazendo rock. O negro está fazendo blues, soul, rhythm'n'blues, reggae e hip hop. E o homem amarelo está fazendo o equipamento! Onde está o homem vermelho? Por aí, assistindo tudo."
Tom Bee, índio americano, rockeiro, fundador do primeiro selo indígena independente

"Essa loucura toda, esse negócio que não sei o que é loucura, que não sei o que é, é isso aí... É mais ou menos".
Carlinhos Brown, novembro de 93

"A maconha pode reforçar uma idéia, mas nós podemos ser criativos sem ela. Qualquer um que precise dela para ser criativo neste negócio deve cair fora."
B-Real, Cypress Hill, New Musical Express, novembro de 93

"Alienígenas, marcianos, seja qual for nome eles estão aqui há muito tempo. De que outra forma você acha que tivemos todos esses desenvolviemtnos tecnológicos tão depressa?"
George Clinton, Pulse!, dezembro de 1993

O marciano George Clinton



Paul Stanley, guitarrista do Kiss, pronto pra festejar 20 anos de rock

Pode ser este o título do disco em homenagem aos 20 anos do Kiss, feito por músicos das mais diferentes raças. **Stevie Wonder** e **Lenny Kravitz** fizeram uma parceria em "Deuce"; **Nine Inch Nails** fez um cover de "Love Gun"; e até o country boy **Garth Brooks** gravou "Hard Luck Woman" — com o próprio Kiss no acompanhamento! Outros convidados para a festa são **Extreme** ("Strutter"), **Megadeth** ("Strange Ways"), **Anthrax** ("She") e **Lemonheads** ("Plaster Caster"). **Guns N' Roses** ainda não sabe o que vai gravar.

FORTÃO, CARA DE MAU E MAIS NADA

Glenn Danzig, vocalista do Danzig, apanhou e ainda ouviu poucas e boas. O cara se meteu numa briga com **Joe Elliot**, do Def Leppard, e tomou umas porradas. Tudo porque resolveu falar grosso e passar entre os caras do Leppard sem pedir licença. "O cara foi muito estúpido e mal-educado. Teve o que mereceu", conta Elliot. "Além do mais, como eu só conhecia ele de fotos, pensei que fosse do tamanho do Schwarzenneger. Mas ele é grande como o Malcolm Young, do AC/DC", secaneia.

STEVE VAI VIROU BABÁ

Você faz idéia de quem são esses moleques?

...E resolveu produzir e arranjar o **Bad 4 Good**, grupo heavy americano com integrantes na faixa dos 15 anos de idade e fama de virtuose do metal (eles usam e abusam daquelas firulas instrumentais e solos mirabolantes). O que faz aí o Steve Vai, o "italianinho virtuoso", uma das mais gloriosas descobertas de Frank Zappa? Bem, o sobrenome verdadeiro do guitarrista do Bad 4 Good, Thomas McRocklin (no centro da foto ao lado), é McLaughlin (isso mesmo! Filho do mago John McLaughlin, que divide o olimpo dos gênios da guitarra do jazz contemporâneo com Pat Metheny e Al Di Meola). E outro detalhe importante: o garoto na capa do disco (acima) é filho de Vai.

CONCURSO CULTURAL

ESTE SOM PODE SER SEU

VOCÊ AINDA PODE PARTICIPAR!

Você não pode ficar fora desta.
Leia o regulamento, crie um slogan, preencha e mande o cupom abaixo.
Este som pode ser seu! Boa Sorte!

aiwa

NSX-320 - DIGITAL MINI HI-FI SYSTEM
300 W (PMPO) BBE com 4 Posições (Alta Definição de Áudio) SUPER T-BASS

REGULAMENTO

1 - A promoção "Este Som Pode Ser Seu" é de caráter lúdico-cultural, promovida pela AIWA - Eletro Eletrônicos com o apoio da revista BIZZ, aberta à participação de qualquer pessoa residente em território nacional. 2 - Para participar, basta criar um slogan para a linha de áudio da AIWA. O júri, composto por profissionais qualificados, levará em conta a criatividade e a originalidade na criação do slogan. 3 - Os slogans deverão ser enviados, acompanhados de cópia do cupom, com os dados completos do participante para: Promoção "Este Som Pode Ser Seu", Av. Brasil, 1066 - CEP 01430-000 - São Paulo - SP., até o dia 15/01/94, valendo a data de postagem. 4 - Será escolhido apenas um slogan e pela escolha dos demais autores, o autor receberá 1 aparelho NSX-320 (cód. 5 - O vencedor será avisado por telefone ou telegrama e terá seu nome publicado na edição 103 da revista BIZZ. 6 - Todos os slogans premiados ou não passarão a ser propriedade da Mix Som Ltda. com poderes de divulgação. 7 - Não poderão participar desta promoção os funcionários das empresas envolvidas, bem como seus parentes.

Nome _____
Endereço _____
Cidade _____ Est. _____
CEP _____ Telefone _____ Idade _____
Profissão _____

Qual a marca do seu som? _____
Você conhece os produtos AIWA? _____
Crie um slogan para AIWA _____

SEATTLE DESCOBRE OS MUTANTES

"Eles são uma das bandas com a sonoridade mais variada que já ouvi na minha vida", exclama **Ken Stringfellow**, o magriço vocalista e sócio-fundador dos **Posies**, a principal entidade pop-experimentalista de Seattle. "Na música deles pintam, de repente, uns sons vindos de diferentes épocas e de diferentes estilos. Eles assimilaram e transformaram em outra coisa o rock psicodélico inglês e americano, e misturaram aquilo com músicas locais. É supercool. É chapante – eu pireí!"

O entusiasmo de Ken é provocado pelos **Mutantes**, a banda paulistana que ele conheceu através dos discos trazidos no início de 93 por **Kurt Cobain**, na volta do Hollywood Rock. Que fabulosa pororoca cultural!

MÍNI-ENTREVISTA EXCLUSIVA

O EARTH, WIND & FIRE VOLTA COM PRINCE A TIRACOLO

O **Earth, Wind & Fire** é uma das principais fontes de inspiração para a nova geração do hip hop, ao lado de James Brown, Parliament e Funkadelic. Depois de se perder em meio a sintetizadores e baterias eletrônicas na década de 80, a banda recupera a vitalidade em *Millenium*. **Prince**, fã confesso, compôs uma música especialmente para o disco e ainda deu canja nos vocais. Com a fala mansa e suave, **Maurice White** respondeu a esta minientrevista via Graham Bell.

Como foi a participação de Prince em *Millennium*?

Ele tocou teclados, programou o ritmo e fez o background vocal de "Super Hero". A letra fala sobre discriminação, mas o título também tem um outro sentido. De uma certa maneira, nós somos os heróis dele.

O EW&F é um dos maiores fornecedores de samples para os novos grupos de rap, ao mesmo tempo em que o jazz é cada vez mais inserido no hip hop. O que você acha disso?

Nós recebemos a toda hora pedidos de autorização para samples. Eu acho isso ótimo. Gosto muito do rap, principalmente o Arrested Development. Na verdade, o jazz é a raiz de toda música negra. O beat do hip-hop é um beat de jazz.

***Millennium* retoma a sonoridade clássica do grupo depois de enveredar por um caminho mais eletrônico nos anos 80...**

O que se ouve hoje é diretamente inspirado nos anos 70, no nosso tipo de som. Nós agora tentamos voltar ao que fazíamos, com as mesmas convicções, a mesma preocupação com a existência humana.

Quando é que vocês voltam ao Brasil?

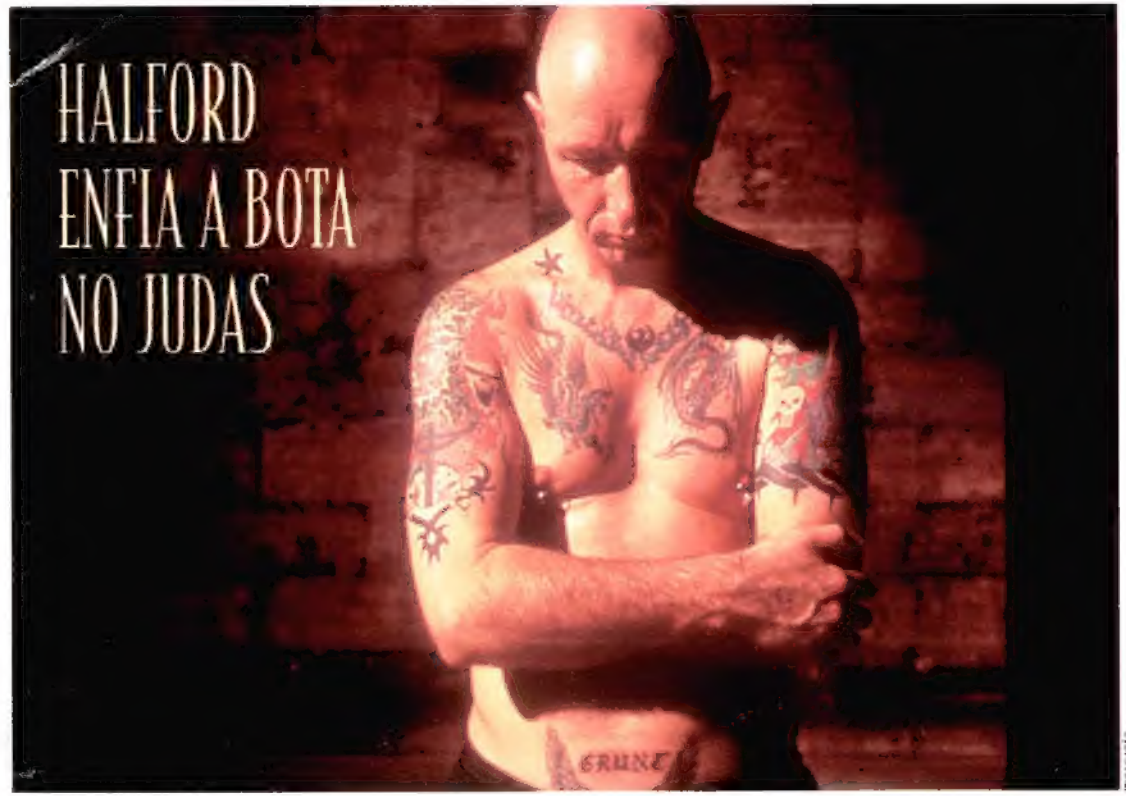
Eu me interesso muito por música brasileira e guardo boas recordações de nossa passagem por aí. Espero voltar nos próximos anos. Seria ótimo.

10 ARTISTAS QUE TIVERAM OS BEATLES COMO BANDA DE ABERTURA*

Bruce Channel
Little Richard
Helen Shapiro
Chris Montez
Tommy Roe
Frank Ifield
Sha Fenton & The Fentones
Joe Brown
Royal Showband
Gene Vincent

* Os shows aconteceram entre a fase Hamburgo e a primeira turnê britânica em 1962/63. *Sic transit gloria mundi*...

HALFORD ENFIA A BOTA NO JUDAS



Rob Halford, de cabeça feita com o novo grupo

A separação entre o vocalista Rob Halford e os monstros metálicos do Judas Priest, juntos por quase duas décadas, teve todas as características de um clássico divórcio hollywoodiano: ciúme, inveja, ódio e frustração. Halford não perdeu tempo e montou logo um grupo, o Fight, com os guitarristas Jay Jay e Ross Parrish, o baixista Brian Tilse e o baterista Scott Travis (que estava tocando com o Priest).

O Fight lançou o elogiado disco *War of Words*, com letras críticas e todos os clichês de fome, ódio e destruição comuns às bandas de metal. Nesta entrevista, Rob Halford ficou à vontade e lavou a roupa suja.

Como foi a separação do Judas?

Não, não foi nada bonito. Nós não somos mais amigos. Tocar com o Judas Priest ficou invivável. Havia um monte de discordâncias e problemas na banda. Nós brigamos muito, e tudo acabou em discussão.

Você não se sentiu mal saindo de uma banda com quase 20 anos de estrada?

Sim. Meus anos com o Priest foram formidáveis, e eu nunca vou criticar a banda porque significa muito para mim. Mas em qualquer banda você trabalha com certas limitações, e com o passar dos anos me senti impulsionado a fazer outro tipo de trabalho, a tentar coisas novas que eu não poderia fazer no Judas Priest.

O que você está fazendo de diferente no Fight?

Socialmente e politicamente esse álbum é muito desafiador. Minha própria evolução como compositor me fez ficar mais atento ao mundo real em vez de me concentrar em um mundo de fantasia, como eu estava fazendo no Judas Priest.

Você teme pela receptividade que seus antigos fãs terão com sua nova banda?

Sempre há medo e apreensão, mas nada é novo para mim. Você tem que se arriscar enquanto está no meio de um processo criativo. Honestamente, não sei se as pessoas vão gostar do grupo ou não. A curto prazo acho que vamos atrair muita atenção somente pelo fato de que eu fui do Judas. Mas eu acredito que o Fight vai ser reconhecido como um grande grupo, e que eu serei visto apenas como seu vocalista.

Depois que você saiu do Judas, não pensou em chamar nomes consagrados e montar um supergrupo?

Não. Eu queria trabalhar com músicos mais jovens, que trouxessem motivação para a banda.

Mas você é o manda-chuva do grupo, não?

Bom, eu escrevi todas as músicas e sou o mais experiente (risos). Mas deixei bem claro para os outros músicos que eles têm toda a liberdade para discordar de mim e não ficar com medo de perder o emprego.

E se num show um fã pedir uma música do Judas?

Vamos tocar a música! (risos) Não tenho por que renegar meu passado. Vamos tocar também algum material do Black Sabbath. Nosso show será diversão em grau máximo.

PROMOÇÃO PARADA DO LEITOR

Os leitores que ganharam a camiseta na promoção da Parada do Leitor (BIZZ 99) são os seguintes: Aida Fernandes (São Cristóvão, Rio de Janeiro/RJ); André S. C. Panico (São Paulo/SP); David Duarte Correia Júnior (Jardim Vila Galvão, Guarulhos/SP); Demilson Alves Ávila (Vila Virginia, Ribeirão Preto/SP); Fabiana A. Sampaio (Vila Flamengo, Barão, São Paulo/SP); Fábio Eduardo Braz (Ermelino Matarazzo, São Paulo/SP); Fábio Maia (Jacarepaguá, Rio de Janeiro/RJ); Isaias M. Ferreira (Brooklin, São Paulo/SP); José Nilo Delgado Júnior (Brooklin, São Paulo/SP); José Ricardo de Luna (Vila Liviero, São Paulo/SP); Leandro Cunha (Vila Galvão, Guarulhos/SP); Leonardo Casimiro dos Santos (Paciência, Rio de Janeiro/RJ); Marcos Aurélio Assis de Araújo (Bria de Fina, Rio de Janeiro/RJ); Richardson Pugliesi (Barra Bonita/SP); Ronaldo J. Santos (Anchieta, Rio de Janeiro/RJ); Sandra R. Moreira (Jardim Paulista, São Paulo/SP); Sarita Palhoni (São Paulo/SP); Suzeli dos Santos (São Paulo/SP); Tertuliano Xavier de Lima Neto (Embú Mirim, São Paulo/SP); Vagner José de Souza (Vila Simone, Itaim Paulista, São Paulo/SP). Pelo amor de Deus!, não nos procurem: nós os procuraremos.

Garagem

Garagem é underground. É demo, fanzine, banda nova. *Garagem* é para o que for legal, honesto. É um canal aberto na BIZZ. É para gente não ficar só reclamando da "grande imprensa" – e para se juntar a ela na divulgação das tantas coisas boas que há neste país. *Garagem* vai estar aqui: Revista BIZZ, a/c Gabriela Dias, Av. Nações Unidas, 5.777, CEP 05479-900, S. Paulo-SP.

zines zines zines zines

Escarro Napalm *nº 4, 24 págs., formato meio-ofício, posters encartados, xerox*
O editor deste zine de Aracaju é também vocalista da banda ETC (Eu Te Como ou ETCetera), além de fã de Mutarelli e dos Pixies. Adelvan (este é o nome dele) faz do *EN* um zine híbrido, *mezzo* HQ, *mezzo* música. O número em questão tem geral sobre *guitar bands*, notas sobre underground (nacional e local), zines e HQs. Honesto.
Escreva: *Escarro Napalm*, a/c Adelvan, Av. São João Batista, 548, CEP 49097-000, Aracaju-SE.

Broken Strings *nº 3, 6/93, 20 págs., formato ofício datado, xerox*
Dos caras que organizaram o festival Juntatribo. Bandas: Mickey Junkies, Velvet Underground (matéria extensa), Pixies. Resenhas de shows e demos. Bastidores do Hollywood Rock, por João Gordo, exclusivo. Visual sujo, colagens. Ótimo zine.
Escreva: *Broken Strings*, a/c Thiago Mello, R. Antônio Luis Carbone, 431, Cidade Universitaria, CEP 13083-050, Campinas-SP.

Mickey Junkies
qualidade nas garagens

Às vezes com nuances psicodélicas, temática variada (HQ, violência, angústia), letras em inglês e covers tão díspares como "Little Down" dos Stooges, "Here Comes Sickness" do Mudhoney, "Theme from The Monkees" dos homônimos e "War Machine" do Kiss. Mas principalmente: um vocalista poderoso, de timbres raivosos (Rodrigo Carneiro), um guitarrista anti-solos, de muita competência e boas distorções (Érico), um baterista no mínimo compenetrado (Alê) e um baixista correto (Satoshi).

Atualmente, esperam registrar um monte de composições novas que já acumulam. Apesar dos contatos com gravadoras independentes e de muita boataria, de concreto só há uma coisa:

Da esquerda pra direita: Satoshi (baixo), Carneiro (vocal), Alê (bateria) e Érico (guitarra)

Confesso que eu tinha uma cisma. Não me recordo bem por que, mas tinha: entrevistar os Mickey Junkies. Talvez fosse só cisma mesmo. Talvez intuição feminina. Pegar o fone, pedir a demo, bater um papo... Marcar entrevista, ver os shows. Por a demo, ouvir uma, duas, três vezes. Não sei bem como foi, mas de repente eu estava ouvindo a tal fita todos os dias.

A demo em questão – de 92 – era a terceira dos MJ. O título era apenas o nome da banda e continha material do início da carreira deles (91) mesclado a composições então recentes (como "Wolverine"). Qualidades e defeitos (todos os têm, afinal), as escolhas e as influências – estava tudo naquela fita de trinta minutos, gravada durante uma participação no programa *Clip Independente*, da Brasil 2000 FM (SP). Em suma, MJ é: versatilidade de estilos (vão do hardcore ao guitar rock).

duas das novas músicas – "Holiday on Ice" e "Awaiting my Girl" – sairão em vinil, respectivamente nas coletâneas *Clip Independente* (da Brasil 2000 FM, com distribuição gratuita para os ouvintes da rádio) e na do selo Caffeine Pure (de Marcel Plasse). Mas quando? A primeira estava prevista para outubro deste ano e a outra para janeiro de 94.

Até lá, escreva pedindo a demo nova (*True Noise Experience*, uma compilação do material antigo, mais quatro músicas novas) ou tente ver um show. Há datas marcadas em São Paulo e Belo Horizonte. Quem foi ao Juntatribo sabe: é uma oportunidade imperdível de ver uma banda que, no mínimo, ainda vai dar muito o que falar. *Gabriela Dias*

MICKEY JUNKIES
A/C Rodrigo Carneiro
Av. Hildebrando de Lima, 1462
CEP 06190-160, Osasco-SP

O REI DO REGGAE PODE VIRAR FUMAÇA

Alguém já imaginou fumar um Marley com filtro? É o que pode acontecer se a Philip Morris (a mesma companhia que produz o Marlboro) conseguir registrar o nome do rei do reggae numa marca de cigarros... especiais. Pra muita gente, a jogada da empresa é preparar as coisas pra legalização da maconha, que está na pauta do dia em todo mundo. A família de Bob Marley não gostou da novidade e já acionou seus advogados pra quebrar as idéias da Philip Morris.

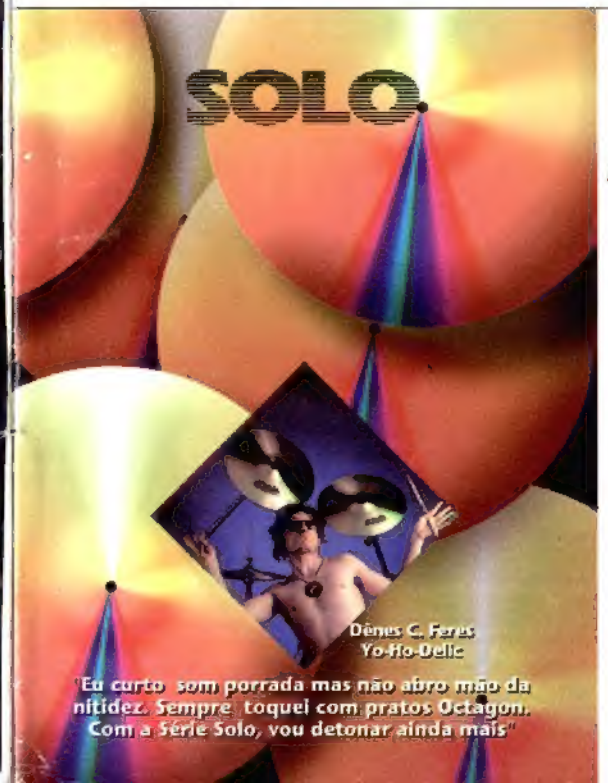
O Ministério da Jamaica adverte: os cigarros preferidos de Bob Marley poderão ser vendidos legalmente na Europa

SORRY, BABY, WE CHANGE THE BALLS

• Na edição 99, página 23, entrevista com Henry Rollins, saiu publicado que ele "montou um trabalho solo com Rick Rubin", quando o correto seria "montou um selo com o Rick Rubin".

• Na mesma edição, caderno *Ao Vivo Especial*, página 10, a reportagem sobre o Reggae Sunsplash de araque, o texto apareceu creditado a Otávio Rodrigues, quando na verdade é de Sérgio Martins (mas o Otávio disse que assumiria aquilo numa boa).

• Na edição nº 100, o Índice estava manco: *Radar* (que era então apenas um nome provisório da seção *Garagem*) foi indicada e não apareceu na revista; a mesma coisa com a página *Vídeo*.



Dênes C. Feres
Yo-Ho-Delic
"Eu curto som porrada mas não abro mão da nitidez. Sempre toquei com pratos Octagon. Com a Série Solo, vou detonar ainda mais"

Octagon Série Solo. Um prato cheio pra você detonar.

A Octagon está lançando a Série Solo. Uma linha de pratos muito mais resistente e que dá aquele brilho no seu som. São cinco modelos: Hi-Hat 13" e 14", Crash 16" e 18" e Ride 20", todos produzidos em liga de bronze. Com a Série Solo, os bateras brasileiros têm à mão uma linha de pratos com o mesmo pique dos melhores produtos importados. Se você estava com fome de um bom prato, se liga: prato para batera ou é importado ou é Octagon Solo.

OCTAGON

Rua André Casado, 258 - Pompéia - São Paulo - SP
CEP 01259-040 Tel.: (011) 263 - 4679

O NIRVANA NÃO É MAIS O MESMO

Kurt e Courtney (com a filha): sexo, drogas e blablablá...

Acabou em algum ponto do verão americano de 1992. Pelo menos na cabeça de **Kurt Cobain**. Achatado pelas pressões da fama instantânea, adquirida via *Nevermind*, trespassado pelas farpas pontiagudas e venenosas dos fofoqueiros e da imprensa – que às vezes se confundiam na busca de mais um detalhe sórdido, por mais infundado que fosse, do atribulado e tempestuoso caso de Cobain com **Courtney Love** e com uma tal Mme. H. –, o guitarrista deixava claro estar prestes a jogar a toalha no chão em cada recado que deixava na secretária eletrônica do baixista Chris Novoselic.

O drama atingiu um de seus tantos clímax com uma matéria de capa publicada pela revista *Vanity Fair*, onde Courtney foi pintada como uma piranha interesseira e sanguessuga, desprovida de talentos artísticos, odiada pelos colegas de banda do marido, determinada a tirar tudo de seu marido famoso, e onde o casal não parecia muito mais que uma versão atualizada de Sid e Nancy: dois junkies perdidos na noite suja da megafama pop, numa marcha inexorável a caminho da autodestruição.

O episódio ganhou repercussão maior quando o Nirvana agradeceu um prêmio da MTV rosnando "não dá para acreditar em tudo que você lê". E Kurt, dali para a frente, decidiu representar e exagerar, ele mesmo, os rumores em que se via envolvido e os problemas reais do Nirvana. "Não conseguíamos compreender o que estava se passando", ele admitiria, "e não conseguimos lidar muito bem com tudo aquilo. Havíamos crescido admirando bandas punk e achando que todas aquelas bandas nas paradas de sucesso não passavam de um constrangimento. E de repente nós éramos uma dessas bandas. Então achamos que o melhor era escangalhar tudo aquilo. Bem que tentamos."

É, como Cobain tentou: dando entrevistas debochadas e desconexas, aparecendo numa cadeira de rodas no último festival de Reading, na Inglaterra, e "desmaiando" no palco daquele show.

"Cambada de satanistas cristãos direitistas de alta moda", Kurt retribuiria, um ano mais tarde, descrevendo os algozes que o crucificaram com papel pintado na *Vanity Fair*. Não era a *VF*, no entanto, o único foco de uma pretensa "caça ao Cobain": incidentes verdadeiros – como a noite em que a polícia baixou na casa de Kurt e Courtney, avisada por um vizinho de que o casal estava brigando; e eles estavam. Invenções monumentais que o próprio músico repete com espanto, como a fofoca recente de que ele e a mulher teriam saído de um táxi em Nova York deixando para trás uma poça de vômito e a filha, Francis Bean.

UM SOMBRIO MENAGE À TROIS

O Nirvana, afinal, não acabou. Mas não é o mesmo. Do dia em que lançou *Nevermind* com um show gratuito na porta da loja Beehive, em Seattle, ao instante em que foi vendida a décima milionésima cópia do álbum, o Nirvana passou de promissora banda underground a ícone pop, uma transição dolorosa e não exatamente benéfica para os próprios caras e para seus fãs de primeira hora: como por encanto, surgiram do nada legiões de novos "fãs" convertidos pela MTV. "Tem gente que compra o disco que está vendendo mais", teoriza Kurt. "E acho que teve muita gente que entrou na loja e comprou *Nevermind* só porque era o mais vendido naquela semana."

O romance perigoso com Mme. H., de fato, existiu, resultante de uma tentativa de Kurt de se livrar de dores estomacais crônicas – "tratamento", vale dizer, asinino. Courtney teria participado de um sombrio *ménage à trois* com Cobain e H., dando início a toda uma nova onda de rumores a respeito da saúde do bebê que Courtney carregava no ventre. Que, afinal, nasceu sadio. Então os experimentos químicos de Kurt pararam: "Não queria que as crianças na escola sacaneassem com minha filha, dizendo que seus pais eram junkies."

Em meio à tempestade, o Nirvana gravou seu novo álbum, *In Utero*. A gestação desse disco também ajudou a alimentar a central de boatos: em dado momento, o produtor Steve Albini disse que a gravadora Geffen Records teria detestado o produto final e exigido que a banda regravasse tudo, do zero. A própria banda tomou a dianteira e publicou um anúncio de página inteira na *Billboard* desmentindo qualquer espécie de ultimato. Para o *Los Angeles Times*, a gravadora admitiu que apenas teria "dado sua opinião" sobre o disco e que a banda, "voluntariamente", preferira remixar algumas faixas. Assim é creditada a Scott Litt a mixagem do primeiro compacto do álbum, "Heart Shaped Box", e Albini, de produtor, virou "gravador" na capa do disco.

Disco nas lojas, hora de voltar à estrada. E o Nirvana, depois de ter recusado uma turnê com o U2 e nada menos que 6 milhões de dólares para estrelar o último festival Lolapalloza, começou em outubro uma excursão bem discreta, tocando para 5 mil pessoas de cada vez – melhor do que se arriscar em ginásios tocando para meia casa.

Reggae Times

SPLIFF OU BHANG?

Depois de Jah, chegou a vez de Shiva dar as cartas no reggae. O hindu **Steven Kapur**, conhecido nas quebradas da Inglaterra como **Apache Indian**, emplacou nas paradas uma nova levada, o bhangramuffin. É uma mistura da música hindu bhangra com o peso do raggamuffin. Nas letras, muita mensagem contra a Aids e o sistema de castas que impera na Índia. Apache já tem convites pra trabalhar com **U2** e **Mick Hucknall** (do Simply Red). Mais detalhes sobre o garotão, somente no CD *No Reservations* ou no single *Boom Shack-alack*, que a PolyGram está lançando no Brasil.

KINGSTON SOB ATAQUE

Começou mais um ataque das gravadoras em cima dos astros do reggae. Depois do veterano **Barrington Levy** ir para MCA, a Elektra levou o "gogó de ouro" **Beres Hammond**. O DJ **Terror Fabulous** assinou com a Eastwest Records (a mesma de Snow) e a RCA ficou com o grupo **Bounty Killers**.

Beres, o gogó de ouro na Elektra

MANGUAÇADO

Desmond Dekker, aquele da música "The Israelites", sucesso mundial no começo dos anos 70, se entupiu de manguaça e bateu seu carro contra três outros em um estacionamento na Inglaterra. Depois, tentou se esconder debaixo do próprio carro. Foi encontrado, claro, e responde a um processo por dirigir mamadão.

CHECANDO A MTV

A partir de janeiro, volta na MTV o programa *Check In* (aquele em que as pessoas escolhem suas músicas favoritas) só com artistas de reggae. Já foram gravados **Ziggy Marley**, **Inner Circle** e **Cidade Negra** – este último em seu habitat natural, ou seja, nas quebradas da Baixada Fluminense.

SÉRGIO MARTINS

ESSE PROFESSOR ANTENA PEGA

Meio thrash, meio reggae, meio funk, meio rap, meio samba de breque... "Chegou a nossa hora", falou Rodrigo Leão, cantor, guitarrista e poeta do grupo **Professor Antena**, de São Paulo, mais que disposto a colocar a banda na história. Com 4 mil doletas, ele e sua trupe bancaram a gravação de dez músicas para o primeiro disco, que deve ir pra fábrica nessa virada do ano. A superprodução, dividida entre o próprio grupo, mais João Marcello (filho de Elis Regina e Rona do Bôscoli), Bruno Bona e Marco Matolli (aquele dos Guanabaras), não chegou a tirar o som de garagem do Professor, mas livrou o disco do undergroundão. E eles acertaram a mão: a versão reggae de "Boys don't Cry", do Cure, foi distribuída em fita DAT por aí e já está tocando em rádios de São Paulo e Rio. A menos que o mundo acabe, eles devem repetir a história do Skank, descoberto (!!) por uma major depois que pôs o disco independente na rua. Para os (bons) observadores, o Professor Antena faz os melhores crossovers de hip hop/rock/reggae da área. Não duvide.

O RAPPA TÁ NA ÁREA

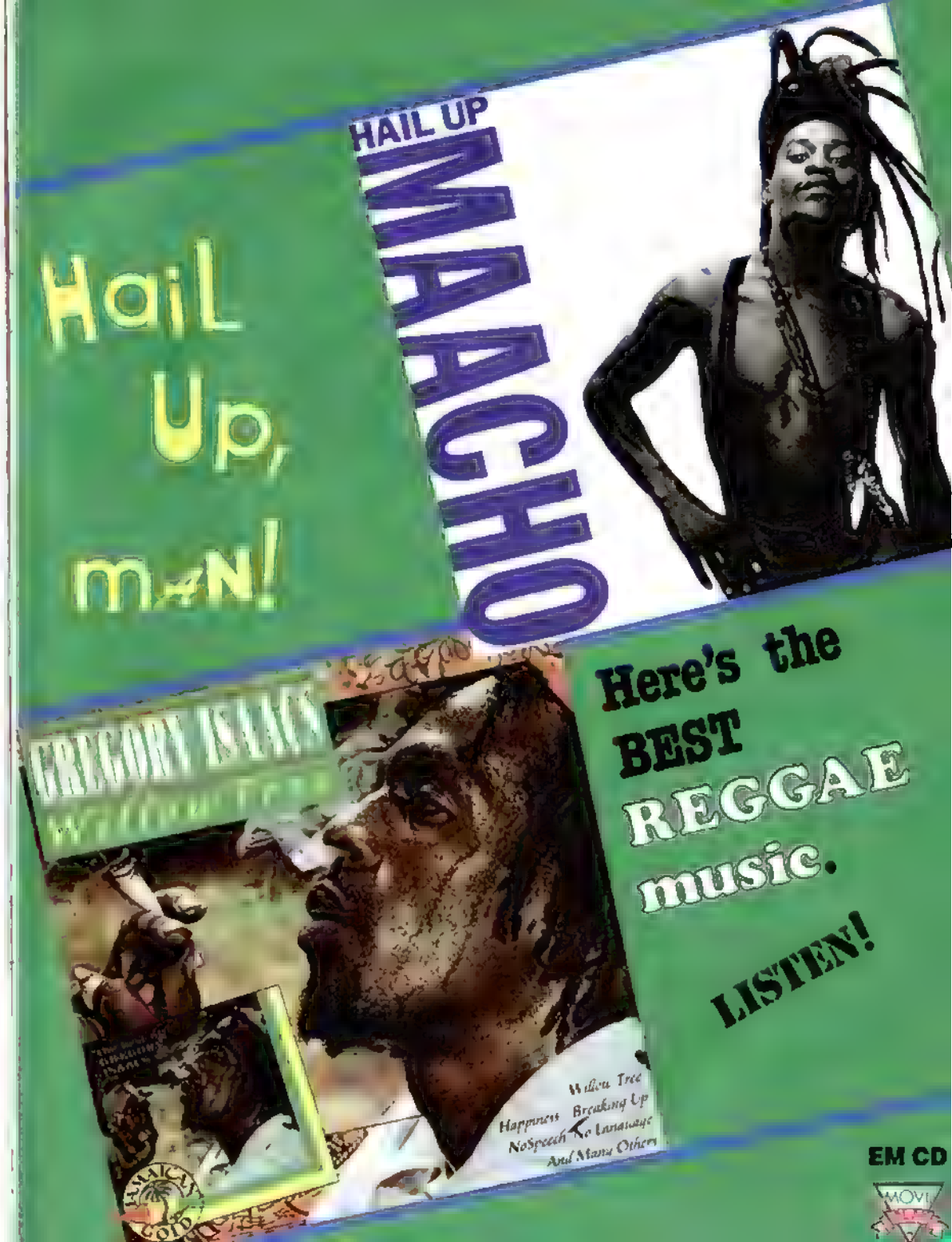
Camelôs de ritmos jamaicanos e demais charlatões do reggae, tremei! **O Rappa** chegou cheio de moral, colecionando fãs e críticas elogiosas em apenas seis meses de existência oficial. Só que não se trata de nenhuma conjunção milagrosa de novatos com talento. Pelo menos não em relação aos músicos, todos veteranos das hostes afro-caribenhas: Yuka (ex-KMD 5), Marcelo Lobato (ex-Afrika Gumbe), o guitarrista Alexandre e Nelson Meirelles, ex-produtor e mentor do Cidade Negra. Qual é a novidade, então?

É que ao microfone está Falcão, de 20 anos, morador do bairro Engenho Novo, no Rio. Sua voz vai do lamento do canto roots à aspereza do raggamuffin com uma facilidade assombrosa. E, pra acrescentar mais interesse à história, seu contato com a banda rolou através de um anúncio em jornal... os caras do Rappa, agrupados por Nelson para acompanhar a turnê brasileira de Papa Winnie, se entusiasmaram com a ideia de continuar juntos e resolveram procurar um cantor depois que o rasta de araque voltou pra Itália.

O ainda tímido Falcão foi o último da fila no dia do teste, mas bastou ele começar a cantar para que todos tivessem certeza de que não haveria outra sessão igual àquela. De lá pra cá rolaram poucas (e ótimas) apresentações, com um trabalho que mescla dub, MPB e ragga em versões inacreditáveis de Bezerra da Silva e Ben Jor, além de composições próprias.

ALBERT COLLINS

Albert Collins morreu em 24 de novembro, em Los Angeles, de câncer no pulmão. Ele tinha 61 anos. Chamado de Mestre da Telecaster, o bluesman texano começou tocando com Clarence "Gatemouth" Brown antes de formar sua própria banda. Gravou com Johnny "Guitar" Watson, Little Richard e Willie Mae Thornton. Seu disco Ice Pickin foi considerado o melhor álbum de blues de 1979. O compositor e guitarrista esteve duas vezes no Brasil: em 1989, no Festival de Blues de Ribeirão Preto, e em 1991, no Free Jazz Festival.


HAIL UP
MAACHO
Hail Up, man!
GREGORY ISAACS
Willow Tree
Happiness Breaking Up
NoSpeech No Language
And Many Others
Here's the BEST REGGAE music.
LISTEN!
EM CD
MOVI

LEILÃO DE SUTIÃS

Para ajudar no combate ao câncer nos seios, **Madonna**, **Deborah Harry** e **Courtney Love** doaram seus sutiãs para serem leiloados em Los Angeles. O de Miss Erótica (que ela usou na Girlie Tour) foi arrematado por 2.500 dólares; o de Courtney Love faturou 750; e o de Deborah Harry, 400.

SOUNDGARDEN ANUNCIA DISCO PRA FEVEREIRO

Chama-se *Super Unknown* e foi gravado durante três meses no estúdio Bad Animals, em Seattle, que é das irmãs Ann e Nancy Wilson (Heart). O guitarrista Kim Thayil disse que agora o **Soundgarden** está explorando "novos jeitos de ser heavy". Mas Chris Cornell, o bambambam da banda, disse que Kim "não sabe do que está falando". É, tá meio confuso

DEVOTOS RADICAIS

Antes de se tornar o VJ mais popular da MTV e virar até personagem canino do *TV Colosso*, Luis Thunderbird era mais (ou menos) conhecido como a figura central do igualmente hilário **Devotos de N.S[a]. Aparecida** perpetrador das poéticas "Paz no seu Cu" e "Abaixaí". Essas e outras preciosidades thunderbirdianas estão em *Devotos a Quem?*, o aguardado disco de estréia do grupo, que sai em janeiro pelo selo Radical Records (com distribuição da EMI). George Johnson (guitarra) e Vitor Leite (bateria) acompanham o queixo mais carismático da televisão brasileira num "thrashbilly" desbocado e completamente desprovido de qualquer pretensão mais séria

Depois de desovar a coletânea *Tiro Inicial* e a volta dos **Garotos Podres** (leia mais sobre os Rotten Boys na seção Lançamentos), a Radical lança ainda em janeiro o rap sem meias palavras do **Artigo 288** pra acabar de vez com o sono da PM carioca

ENQUANTO ISSO, EM ALGUM LUGAR DE IDIOTHAM CITY

Caso 1: Em São Paulo, o movimento black **Filosofia de Rua**, que prega a paz e união entre as raças, enfrentou os rappers muçulmanos do **Black Panther**. No encontro violento, os meninos do bem acabaram mal, no hospital

Caso 2: No Espaço Skate-Rock, em Curitiba, o cancelamento dos shows do **Ratos de Porão** quase detona um quebra-quebra. A polícia apareceu e baixou o sarrafo na galera da fila do dinheiro-de-volta.

Caso 3: Também em Curitiba, num show promovido nas coxas, seguranças entram na área reservada à imprensa e baixam o cacete no pacato **Abonico Rycardo Smith**, colaborador da BIZZ

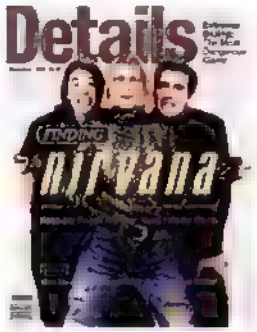
Caso 4: **Luiz Calanca**, dono do salo paulista Baratos Afins, foi abordado por três assaltantes e levado pra uma quebrada. Ficou sem carro, sem grana e abandonado de meia e cueca – e ainda escapou de um balaço torto na hora da despedida.

MIX

O balanço da mídia

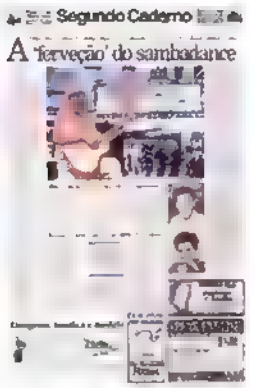
Vestido pra matar

Em novembro, a revista americana *Details* trouxe um extenso perfil de **Kurt Cobain** e botou o **Nirvana** na capa. Sentindo-se à vontade de vestidinho preto, leggings e unhas vermelhas, Kurt falou sobre as pressões da fama inesperada e de como se livrou da sua dependência da heroína, com a qual chegou a gastar 500 dólares por dia



Doing it again

A cantora inglesa **Kate Bush** volta à ativa com disco (e filme) e ocupando as capas das revistas. Entre outras, entrevista na *Q* (saca só o título: "Birita, bichas, machos e eu") e perfil na *RCD (Rock Compact Disc)*, ambas de dezembro. Quem também está na estrada, é o **Steely Dan**, a aclamada banda dos anos 70. A proeza foi celebrada em novembro na *Rolling Stone*, na *Musician*, na *RCD* e na *Q* com o **Sting** na capa (o ex-tira relembra seus bons e maus tempos no **Police**).



Olha o sambadance aí, gente!

Os europeus estão misturando samba com dance e se dando muito bem. O híbrido sambadance é a sensação nos clubs londrinos e foi tema de capa do Segundo Caderno do jornal *O Globo*, em 14 de novembro passado, num texto assinado por Camulo Rocha.

Aos DJs locais, que na mesma reportagem se lamentaram na base do "eu poderia ter feito isso", aqui vão algumas sugestões para novas fusões: bumbadance, catiradance, forrodance e jongodance

A verdade nua

Nikki Sixx, baixista do **Mötley Crue**, aparece pelado, pintado de verde e em pose de Hulk na capa da semanal inglesa *Kerrang* (6 de novembro)

pra falar mal de **Vince Neil** e promover o novo disco da banda. Na *Kerrang* seguinte, **Sebastian Bach** posa de bad guy na capa e diz que ninguém vai deixar o *Skid Row*. Na mesma edição, um poster do **Guns N' Roses**, oito páginas com fotos do **Pearl Jam** tocando ao vivo e o **Iron Maiden** dando uma exorcizada em seu "annus horribilis" — e isso não é um trocadilho

Chegou a General nas bancas

Chegou em novembro a primeira edição da *General*, uma revista de "música, cinema, política e nenhuma explicação", cria do intrépido e vetusto **André Forastieri**, ex-editor-chefe da BIZZ. Na capa, **Jorge Ben Jor** numa psicodélica irrealidade virtual. Parece com a da *Veja*? Pois é. Mas a *General* fez primeiro.

TEM O mangue beat CHIP entra em estúdio NO e liga o Nordeste MACULÊLÊ na tomada

As duas bandas de maior destaque do mangue beat – Mundo Livre S/A e Chico Science & Nação Zumbi – estão na boca do forno. A Nação Zumbi está terminando a gravação do seu primeiro álbum pela Sony e a Mundo Livre negocia com o selo Banguela, dos Titãs.

Num fim de tarde, na beira da piscina do hotel em que a Nação Zumbi estava hospedada no Rio, Chico Science e Fred 04, guitarrista da Mundo Livre S/A, explicaram de onde vêm e para onde querem ir com sua batida forte, seus ritmos variados, seus vocais "rapenteados" (rap+repente) e suas letras socialmente corretas.

Como a banda e o movimento mangue começaram?

CHICO SCIENCE A banda começou em 89, quando conheci os percussionistas do Nação Zumbi. A gente começou a ensaiar no Centro Cultural de Apoio à Comunidade de Chão de Estrelas, o "Daruê Malungo". Eu já conhecia o Fred. Como era muito difícil de agitar show, resolvemos trabalhar em cooperativa – juntar as bandas e fazer show junto. Então o Fred fez um manifesto com as nossas idéias e começamos a articular uma coisa nova. O movimento mangue era um gancho forte, mas hoje a gente prefere chamá-lo de cooperativa cultural.

O pessoal que formou a Nação Zumbi já era de uma outra banda?

CHICO Sim, do Lamento Negro, um bloco afro que sai no carnaval de Recife tocando maculelê e samba-reggae. Eu convidei alguns para formar a Chico Science & Nação Zumbi.

Séria que o rótulo "mangue beat" é uma confusão da imprensa?

CHICO É. Era "bit" de computador, não "beat", de batida. "Mangue Bit" é o nome de uma música da Mundo Livre S/A.

Qual foi o pontapé inicial?

CHICO Foi no show "Viagem ao Centro do Mangue", em setembro de 91. Só foram os amigos, foi tipo um ensaio.

Me disseram que agora tem um monte de banda nova em Recife.

FRED De monte. Só em setembro, teve um festival (o I Recife Rock Show) com 57 bandas novas!

Por que vocês criaram esse nome, esse rótulo?

CHICO Mangue é uma senha. Coincide com a geografia da cidade, capitaliza a energia legal que passou a rolar lá. Casou tão bem que, depois que começou a sair na imprensa, todo mundo já quis ajudar: em clip, na parte de visual etc.

FRED É também um marketing próprio. Eu acho que é a primeira tentativa de se fazer uma cena no pop brasileiro. Há muito tempo que o pop internacional, a indústria pop, vive de cenas, não de bandas.

Como foi a reação das gravadoras?

FRED Eles chegavam e diziam: "Mas vocês já estão prontos! Não precisa fazer mais nada!"

Foi tudo meio rápido, não?

CHICO Depois que saiu na MTV, um ano atrás, a gente começou a receber convites. Quando saiu na BIZZ, na *Conexão Brasil*, as gravadoras se interessaram. Então a gente bancou uns shows da Mundo Livre e da Nação Zumbi pelo Brasil. Fomos pra um albergue em São Paulo, fizemos um show; com a grana pudemos ir para Belo Horizonte e comer. Fizemos mais três shows lá para poder voltar e... comer.

FRED Mas o pessoal amigo segurou a gente para aquilo tudo não subir à cabeça, pra não fazermos nenhuma besteira. E foi ótimo, porque o Nação conseguiu um contrato superlegal, de três anos, com a Sony, e a Mundo Livre está em negociações com o selo dos Titãs, o Banguela.

Pra quando é o disco da Nação?

CHICO Era pra janeiro, mas nosso guitarrista pegou caxumba e atrasou as gravações. Tá quase pronto: faltam as guitarras e os vocais. Mas deve sair em janeiro ou março de 94.

Gabriela Dias

BLIND MELON

Jogado aos leões

A história da banda poderia ter começado e terminado nos 80 mil curiosos compradores do primeiro disco. Mas apareceu a tal da menina vestida de abelha no clip da MTV e...

Era uma vez o Blind Melon, uma banda americana neo-hippie formada por forasteiros vindos do Sul, do Leste e do Centro-Oeste, que se encontraram em Los Angeles, para onde haviam ido em busca de fama e fortuna. Mesmo sob as asas de uma grande gravadora, a tal banda não ia mal para uma principiante – mas também não ia lá muito bem: somente 80 mil pessoas haviam se dignado a comprar o primeiro disco, batizado simplesmente *Blind Melon*. Na era do pós-grunge, a sonoridade melódica e relax da banda parecia fora de hora. Seu maior ponto de venda até então não estava na música, mas na amizade de seu vocalista, Shannon Hoon, com seu ilustre conterrâneo de Indiana, Axl Rose.

Até que veio a abelha. Alias, uma menina fantasiada de abelha, à imagem de outra garota que já enfeitava a capa do disco. A menina-abelha tornou-se a figura central de um novo videoclip, "Rain", e o mundo (leia-se todo mundo sob o domínio da MTV), como por encanto, caiu de paixão pela banda. Em pouco tempo, as vendas atingiram o primeiro milhão de cópias nos Estados Unidos.

"No próximo vídeo a menina-abelha será crucificada", sentenciaria o guitarrista Christopher Thorn numa entrevista ao jornal *Los Angeles Times*. "Ela será atropelada por um caminhão e, em seguida, será esquartejada. Finalmente será envenenada e aspergida com ácido corrosivo. Tudo de ruim que puder acontecer com ela, acontecerá." Felicidade? "É brincadeira", ele emendaria logo a seguir: "Não acho que muita gente gostaria de ver isso acontecer com a menina. Mas acho que preferimos nos distanciar daquela imagem. Não queremos que daqui a dez anos as pessoas só se lembrem da gente como 'a banda da abelhinha'". "Esse vídeo nos apresentou a um público novo, gente que nunca

tinha ouvido falar da gente", argumentara com menos bile o baterista do Blind Melon, Glen Graham, irmão da menina-abelha original – aquela que enfeita a capa do disco e as camisetas da banda.

Glen está conversando à beira da piscina do Nikko Hotel em Atlanta, no estado americano da Geórgia, poucas horas antes do show que a banda fará num anfiteatro ao ar livre, abrindo para Lenny Kravitz. "Eu sabia que o vídeo iria nos tornar mais conhecidos, mas, chegar ao ponto que chegou, jamais imaginei." A irmã pode ter sido de Glen, mas a idéia de usar a foto na capa do disco – a imagem passou anos pendurada na sala da casa dos pais de Graham – partiu de Thorn. "Ele viu a foto e cismou que tinha que estar na capa do nosso primeiro disco. Toda menina americana — e talvez até uns meninos – teve algum tipo de experiência 'artística' (embaraçosa) na vida, seja dançando jazz, sapateando ou fazendo balé, aquelas coisas horríveis que as crianças fazem quando ainda são bem pequeninhas. Resolvemos integrar aquela imagem ao nosso vídeo, que falava de aceitação – a menina-abelha é repudiada por todo mundo, até que encontra pessoas iguais a ela e finalmente é aceita."

A popularidade da abelhinha ensinou uma lição a Graham. "A MTV é o que o rádio costumava ser, antigamente. Hoje, o rádio é quase secundário. A garotada chega em casa da escola, liga a MTV, e está tudo lá para elas. 'Será que eu gosto disso? Acho que gosto!' E é assim que a coisa funciona."

Glen não deixa de estar espantado com a pronta aceitação do Blind Melon após a entrada em cena do "vídeo da abelhinha". "Na minha cabeça", ele recorda, lembrando os tempos em que chegou em Los Angeles, três anos atrás, "o ideal seria tocar em universidades, criar um público aos poucos, assinar com um selo independente, talvez até lançar um disco de circulação limitada, nada grande demais, depois talvez fazer mais alguns shows em outros lugares. Não tinha a menor idéia de que estaria tocando em estádios abertos. Algum dia sim, mas não tão rápido."

No palco, naquela mesma noite, as palavras de Graham ganhariam maior ressonância e significado mais claro. Ao vivo, o Blind Melon ainda é uma banda crua, iniciante, que precisa aprender um pouco mais sobre seu relacionamento com a platéia (que responde animadamente na hora de "Rain", cantando a música toda quase sozinha. Mas aí não vale, é o atual hit martelado diuturnamente pela MTV e pelas rádios do país inteiro). Não há nada de espetacular no show da banda, e a impressão geral é de que todos os integrantes estariam ou muito cansados – a estrada parece não terminar nunca – ou de certa forma (já?) estariam blasés e desiludidos com suas conquistas. E essas conquistas, vale dizer, não foram poucas. A questão é que numa indústria voraz por novidades, numa época em que não mais é dado quase tempo algum de amadurecimento, o Blind Melon foi jogado aos leões cedo demais. E o que a banda está tentando é manter a cabeça no lugar nesse redemoinho incessante.

"A MTV é o que o rádio costumava ser antigamente. Hoje o rádio é quase secundário"

Não faz tanto tempo assim que Glen Hoon, Thorn, o baixista Brad Smith e o guitarrista Roger Stevens estavam lutando para ser notados numa Los Angeles comandada por legiões de metal-lovers. Com quatro músicas gravadas numa demo-tape, o Blind Melon – o nome vem de um personagem criado pela dupla humorística/doidona dos anos 70, Cheech & Chong, e refere-se a um fictício músico de blues – conseguiu chamar a atenção da Capitol a ponto de ser contratado. Faltava apenas compor mais músicas para perfazer um álbum. Em Los Angeles, no entanto, era impossível trabalhar: a banda se via em meio à intensa badalação por causa da aparição de Shannon cantando "Don't Cry" no vídeo dos Guns N' Roses, então deuses supremos e incontestes. Foi preciso um chá de sumiço – todos se esconderam em Durham, uma cidadezinha na Carolina do Norte, para pôr a cabeça no devido lugar e só então recomeçar a compor.

A primeira turnê nacional do Blind Melon foi sob as vistas do mundo inteiro, como parte da "alternativa" *120 Minutes Tour*, da MTV (sempre a MTV), ao lado de Live, Big Audio Dynamite e PIL. "Muita gente foi àqueles shows achando que ia ver o Clash ou os Sex Pistols", diz Graham, "mas em vez de Johnny Rotten, o que elas tiveram foi John Lydon tirando tampões femininos de dentro da cueca dele e jogando na platéia, coisas ridículas desse tipo." Virá mais, logo depois: turnês abrindo para o Soundgarden, abrindo para Ozzy Osbourne, para Alice in Chains, para Neil Young (aqui, sim, já em estádios abertos). Ralando, ralando, ralando. Até que a abelha pousou.

José Emílio Rondeau

Arte à flor da pele

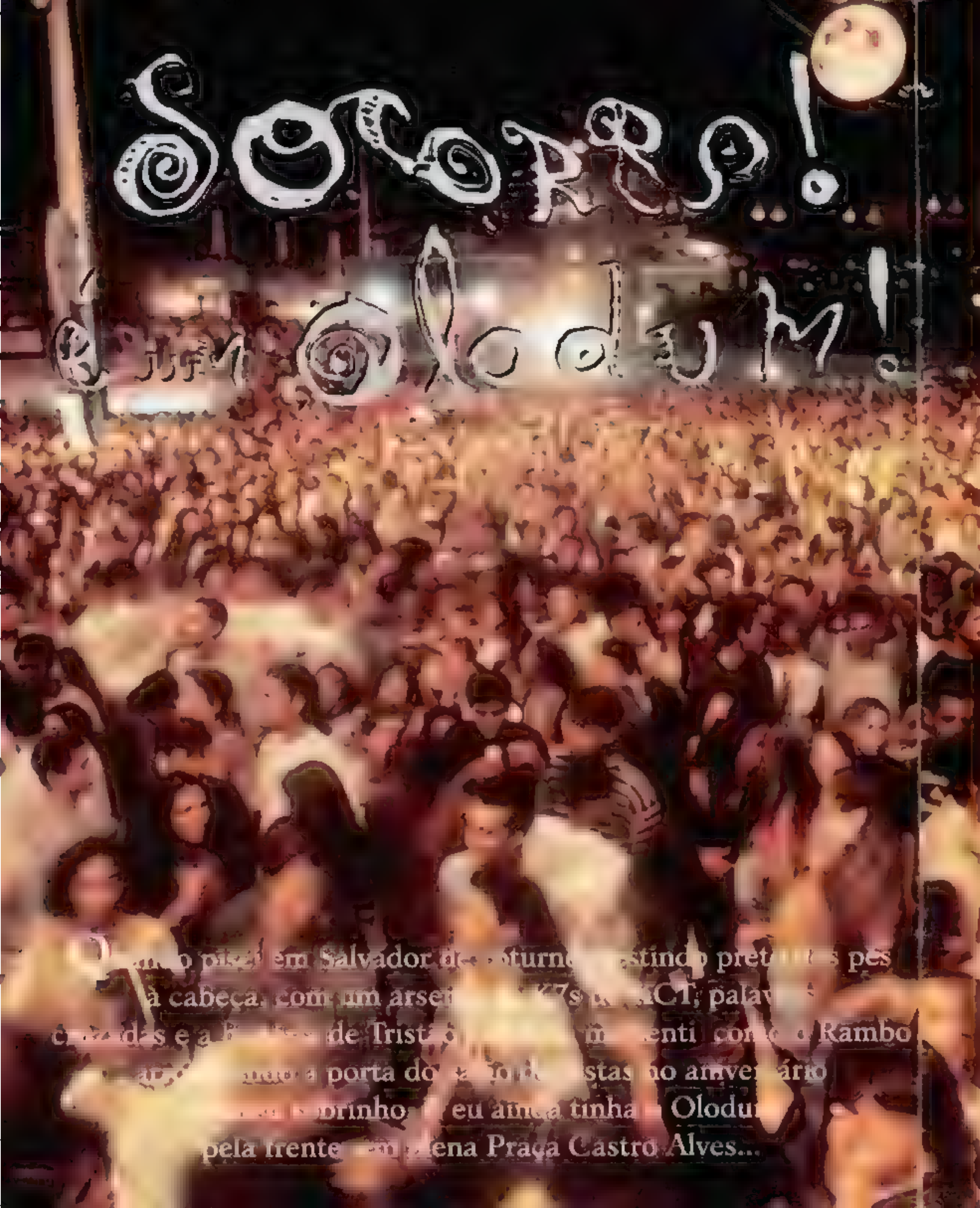
TATUAGEM

SASUN

A ÚNICA TATUAGEM DO BRASIL APROVADA PELO F.D.A.*

JÁ NAS BANCAS, LIVRARIAS E PAPELARIAS.

*ÓRGÃO RESERVADO PARA INSPEÇÃO DE ALIMENTOS E MEDICAMENTOS NOS USA.



Socorro!... é Olodum!

[illegible] pisei em Salvador de [illegible] oturno [illegible] stindo pret [illegible] pes [illegible] à cabeça, com um arse [illegible] 7s [illegible] CT, palav [illegible] [illegible] das e a [illegible] de Trist [illegible] m [illegible] enti [illegible] com [illegible] Rambo [illegible] porta do [illegible] stas no aniver [illegible] ário [illegible] brinho [illegible] eu ain [illegible] a tinha [illegible] Olodu [illegible] pela frente [illegible] ena Praça Castro Alves...

Fui marchando entre os espertos de sapatos e roupas leves no corpo e na mala, cientes de que a Bahia precisa tanto de passatempos e thrash, como Beethoven de cuíca. Relógio? Pra quê? Além de correr o risco de voltar da praia só com a marca de sol no pulso, não adianta ter pressa. O fuso horário baiano é muito diferente.

O 20 de novembro, Dia Nacional da Consciência Negra, Dia de Zumbi dos Palmares, prometia um futuro negro. No palco armado na Praça Castro Alves, a Moçada do Pagode, Neguinho do Samba e Margareth Menezes. Era uma comissão de frente para o Olodum. A armada sonora do Pelourinho ia armar ali o lançamento mundial de seu sétimo disco, *Olodum - O Movimento*.

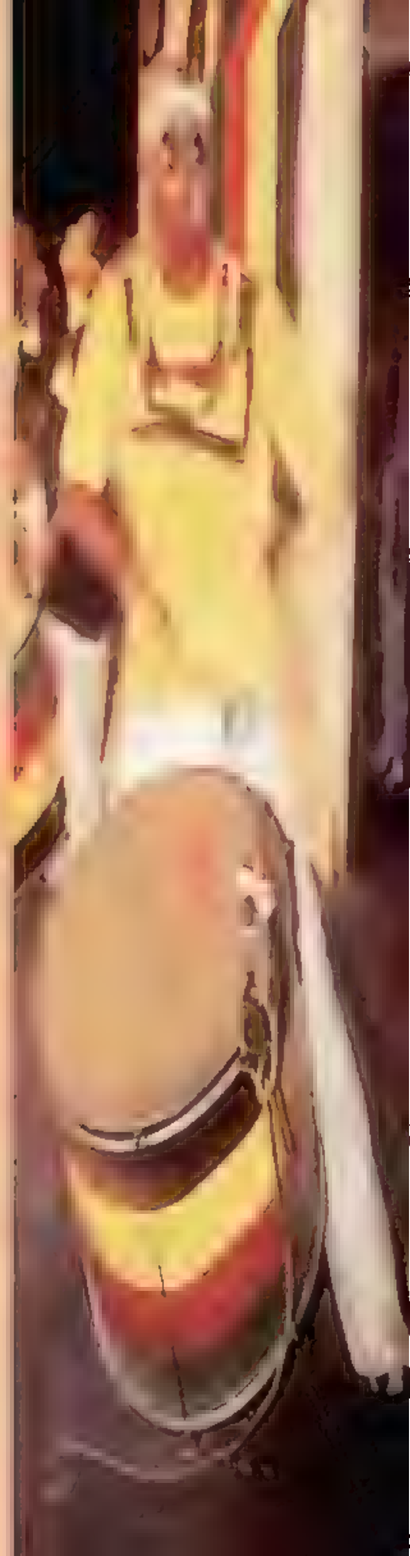
Em outros tempos eu achava que Olodum era só batucada. É mais, é uma organização que desenvolve atividades teatrais, educativas, artísticas, literárias e outras tantas, sempre no espírito da conscientização e dos direitos humanos, tudo funcionando sob um invejável patrimônio imobiliário, com oficinas, galerias de arte, butiques e galpões de ensaio. E, claro, Olodum também é dança e música. Melhor ainda – e por auto-definição: "É um movimento polirrítmico, multidisciplinar, anti-racista e democrático!". E eu ali, no meio desse repertório, tentando descobrir onde pisar

NO EMBALO DO CAPETA

Lição número 1: O típico baiano não tem nada a ver com o baiano típico. Um é pacato e simpático e o outro é *for export*, afetado mas belo também. O primeiro é um tipo autêntico, mágico, religioso no que faz, orgulhoso do que é. O outro, cidadão do mundo, se antena no gosto de gringo, vira atração – como acontece em toda cidade turística, aliás. E os dois tipos falam muito. Gente, como baiano fala... quando quer. E como tem assuntos interessantes!

O combustível eleito pela galera na Praça Castro Alves era o "capeta", um coquetel (Molotov) com amendoim, guaraná em pó, pinga e outros objetos flutuantes não-identificados. Salvador é cheia de afrodisíacos afro. Tem o "cravinho", por exemplo, uma das muitas pingas especiais – vem gente do mundo inteiro ver se acorda. Já o "ligante" foi proibido por causa de seus ingredientes estimulantes – ou talvez porque o fornecedor era duvidoso.

De cima do caminhão dava pra ver o massacre: o povo pisoteando barracas, apanhando das autoridades incompetentes e dançando muito. A poderosa aqui pensou: "Lá vou eu, a que encara Metallica no gramado sob a chuva, a que dança pogo com o cigarro aceso, a que vai a pé do centro traveco ao bairro boêmio da megalópole paulista, às 4 da manhã, de anágua"



Tambores e couro de gata

Tudo bem, a festa de *Olodum* • O *Movimento* tinha mesmo bons motivos pra tanto entusiasmo. Com 75 mil cópias vendidas antecipadamente (25 mil a mais do que conseguiu por aqui o disco *Vs.*, do Pearl Jam, em 20 dias nas lojas), essa é, com certeza, a obra mais polêmica do grupo. "O Olodum é amado por muita gente, odiado por muita gente", segundo o diretor geral João Jorge. O novo disco traz influências inéditas para o som dos blocos afro: ritmos nordestinos, cubanos, negros de outras pátrias, mais a experiência dos 15 cantos do mundo que eles varreram nos último quatro anos de rodagem.

A temática ainda é a oração da denúncia, da negritude enquanto nação. Só que já não tem muito daquele lamento ancestral, do qual o Olodum emergiu de corpo inteiro. A idéia é a de fazer política por vias menos pedregosas e escarpadas, provocar dança e deleite, ação e pensamento, transmutir recados a outros povos, promover as crianças de marginais a príncipes, sem no entanto relegar a batida da qual é herdeiro exclusivo.

Saí do caminhão com as mãos perto do coldre, bati as esporas e fui. Dei três passos na direção norte e fui parar 15 metros a sudeste. Onde está meu kit Stallone quando preciso dele? A agradável sensação de ter o estômago acotovelado pelo cara cujo joelho está sendo esmagado pelo fígado da namorada é indescritível. Mas sobrevivi praticamente inteira e, depois de meia hora, consegui achar os óculos que eu estava usando o tempo todo.

O som do Olodum é "comercial"?

A promessa do mestre Bura foi cumprida: "A percussão não vai parar na cozinha!" Engraçado, não é isso o que diz o disco... Muita gente já traduziu essa incursão como "comercial", João Jorge faz questão de falar:

"Liberdade é a única coisa que nós temos. No momento em que a gente é obrigado a fazer um só tipo de coisa, evidentemente perdemos a carruagem humana. Não queremos ser repetitivos como o reggae passou a ser. Apesar de adorarmos Gregory Isaacs, não dá pra ouvir seus 44 discos. Ou os 20 de Bob Marley. Também não queremos ser políticos chatos, com um discurso pesado. Nós também temos casos de amor, pensamos em criança, sensualidade e flores."

Eu sei que você tem uma nuca fortíssima de tanto sacudir a cabeça nos shows, mas na batida do tambor o negócio acontece é nas juntas, com fé em Oxalá e pé na estrada. E as 45 mil pessoas que lotaram a Praça Castro Alves aprovaram essa química, aplaudindo com o corpo numa dança que não tinha fim. Acabei me entregando e o que mais importa eu não sei

CECÍLIA MAE

LEI DE EDDIE MURPHY
Se alguma coisa puder ser engraçada, será

• A Companhia Telefônica de Tóquio formou uma rede de apoio ao Olodum e já deu dois equipamentos de gravação – que ninguém ainda entendeu como se usa, porque está tudo em japonês

• Se alguém lhe convidar pra um "sururu na bucetera de Jejé", mantenha a calma... Trata-se de um prato típico, servido numa das mais concorridas barracas de *slow food* das praias de Salvador

EU ACREDITO EM NEGÃO
Os números do Olodum

• O Olodum já tocou duas vezes no Central Park de Nova York: uma sozinho, para 10 mil pessoas, e outra com Paul Simon, para 750 mil pessoas

• Tocou no disco desse mesmo Paul e dividiu o Disco de Platina pelo milhão de cópias vendidas

• Percorreu quinze países em quatro anos (três na América do Sul, dois na do Norte, nove na Europa e um no Japão)

Sob o chapéu, Neguinho do Samba, o general da banda

ESSE BLOCO É AFRODISIACO!

Ela subiu no carro...

...deixou baixar a macaca...

...e arrotou as fãs de Madonna!

Lançamento Exclusivo

Stomp overprint

ESTAMPA TOTAL (OVR)
DESENHO FRENTE E COSTAS
MANGA CURTA

OVR-1 OVR-2 OVR-3 OVR-4 OVR-5 OVR-6 OVR-7 OVR-8 OVR-9 OVR-10

CAMISETA ESPECIAL (TE)
ESTAMPA FRENTE E COSTAS
MANGA CURTA

TE41 TE40 TE39 TE38 TE37 TE36 TE35 TE34 TE33 TE32 TE31 TE30 TE29 TE28 TE27 TE26 TE23 TE22 TE20 TE17 TE15 TE12

CAMISETA
ESTAMPA FRENTE
MANGA CURTA (MC)
MANGA LONGA (ML)

662 661 660 659 658 656 653 651 650 649 639 640 634 629 628 616 602 575 561 516

RECEBA PELO CORREIO - PAGUE AO RETIRAR
PREÇOS ESPECIAIS PARA REVENDEDORES
FONE (011) 299 7478

Stomp Rock Wear

MALHA MERCERIZADA
SILK SCREEN DE ALTA QUALIDADE
TAMANHOS P,M,G

PREÇOS
MANGA CURTA (MC) - CR$ 3.990,00
MANGA LONGA (ML) - CR$ 4.910,00
CAM. ESPECIAL (TE) - CR$ 5.040,00
CAM. OVERPRINT (OVR) - CR$ 6.500,00

PREÇOS VALIDOS ATÉ 31/12/93
01/01/94 a 15/01/94
AUMENTO DE 20%

REF	TAM	MOD	REF	TAM	MOD

P.(C$ 10)

NOME
END
CEP CID EST

ENVIE O CUPOM AO LADO (OU XEROX) P/ STAMP. RUA HELIODORA, 321 - CEP 02022-051 - SÃO PAULO - SP.

VOCÊ RECEBERÁ UM AVISO DO CORREIO PARA RETIRAR SEU PEDIDO NA AGENCIA MAIS PRÓXIMA DE SUA CASA.

PEARL JAM

O SUCESSO É UMA MERDA

Dizem que Vedder é um problema esperando pra acontecer, enchendo a cara, cada vez mais paranóico...

Como foi aquela história na Dinamarca, em 92? No Festival de Roskilde, contaram que você ficou tão despirocado que quase teve que voltar pra Seattle numa camisa-de-força.

VEDDER Você pega um bloco de gelo, segura sob uma torneira de água quente, e o que acontece? Ele se despedaça. Naquele show, eu me despedacei.

Quando entrou no palco, como estava se sentindo?

VEDDER Só... mau. Assim, "que alguém me leve através disso".

O que aconteceu exatamente? Ouvi dizer que você estava tentando chegar perto do publico, ou algo parecido, e acabou trocando sopapos com a segurança do festival.

VEDDER Oh, aquilo! *(ele dá risada)* É verdade?

VEDDER É... é. Acho que sim.

Você não quer falar sobre isso?

VEDDER Não... ah... Na verdade, isso é muito interessante, porque eu não tinha pensado sobre nada disso até você tocar no assunto.

Então o que aconteceu?

VEDDER Bem, primeiro de tudo, tinha uns 10 metros separando o palco da multidão. E isso era um problema pra mim. Mas, apesar dessa porra de distância, um cara conseguiu chegar até o palco. Foi muito impressionante. Incrível. Ele conseguiu passar por todos aqueles caras da segurança! Quer dizer, aquele cara merecia um prêmio. E pra completar, ele deu um mergulho impressionante do palco. Pô, dêem pra ele mais um prêmio! Ele merece. Mas o que ele realmente recebeu foi uma boa e sólida surra. Ele pulou do palco e, pelo que vi, seis caras — seis caras bastante dedicados, que provavelmente estavam assistindo muito futebol americano ou coisa parecida — pularam sobre ele e desceram porrada. Uma cena horrível. Então eu pulei do palco e caí em cima deles. E, claro, eles pensaram que eu pulei da multidão. Eles não sabiam quem eu era! Então, de repente, estávamos todos brigando. E eu puto! Essa merda não podia estar acontecendo.

Então, basicamente você perdeu o controle?

VEDDER Estou sempre perdendo o controle.

Mas você o encontra depois?

VEDDER Cedo ou tarde, estou sempre perdendo e retomando o controle.

JEFF AMENT *(baixista do grupo)* Aquilo foi uma reviravolta pra nós. Foi a primeira vez que a gente admitiu que estava cansado mesmo e quase perdendo o controle sobre o que estava acontecendo. Até aquele ponto, praticamente guardávamos nossas opiniões sobre turnês pra nós mesmos. Até aquele ponto, pensávamos que não havia nada a fazer, porque essas coisas são planejadas com antecedência e você acaba se sentindo responsável por muitas pessoas — a gravadora, a equipe, os fãs. Você acha que não há nada que se possa fazer pra deter isso uma vez que esteja em movimento. Não tivemos escolha. Estávamos fisicamente e espiritualmente exaustos. Tivemos que parar no acostamento. Acredito que se a gente não tivesse dado um tempo, a banda não existiria mais.

VEDDER Até onde entendo, não tenho nenhuma dúvida: eu pirei. Virei um porra-louca, cara.

O SUCESSO DEVE TER FODIDO COM A CABEÇA DELE

Dizem que desde o sucesso do disco *Ten*, Eddie Vedder acha difícil chegar a bons termos com sua própria celebridade. Você deve ter ouvido boatos de que ele anda enchendo a cara, que está cada vez mais paranóico, propenso a climas de violência e a mudanças imprevisíveis de idéias e opiniões. Pessoas que se preocupam com Eddie acham que ele é um problema esperando pra acontecer. Elas acham que talvez o sucesso de *Ten* tenha fodido com a cabeça dele.

Obviamente, Vedder é muito intenso, o que deve ser duro pra algumas pessoas encararem, e ele tem muita vontade de fazer algo com sua enorme popularidade junto ao Pearl Jam. Até que esse cara tem se dado bem, apesar do que você tem escutado por aí.

Considere o que ele tem passado. O Pearl Jam vendeu mais de 7 milhões de cópias de *Ten* — 5 milhões nos Estados Unidos, onde ultrapassou o *Nevermind*, do Nirvana. Em setembro do ano passado, a popularidade do Pearl Jam se tornou evidente quando o grupo ganhou quatro das cinco categorias a que foi indicado para o MTV Awards, onde roubaram o show do R.E.M. com sua explosiva apresentação, cujo clímax foi a versão de "Rockin' in the Free World", de Neil Young, com o próprio na guitarra.

Foi o tipo de performance que nos lembra que toda uma geração de americanos, da qual Eddie tornou-se uma espécie de porta-voz, agora ouve suas palavras. Suas canções ecoam altas e fortes. As pessoas acreditam nele.

Mas tem gente que não está convencida. O Pearl Jam tem seus críticos, alguns vociferantes. Há alguns elementos entre a imprensa britânica, por exemplo, para quem o Pearl Jam não passa de um bando de oportunistas que seqüestraram o trem grunge que o Nirvana colocou em movimento, estragando tudo. Claro que a imprensa adora essa rivalidade — as duas maiores novas bandas de rock americanas pulando uma no pescoço da outra. E esta é uma controvérsia alimentada por Kurt Cobain, que às vezes parecia estar numa campanha pessoal de vingança contra o Pearl Jam, a quem chama "heavy metal anos 70 recauchutado" e coisas piores.

JEFF AMENT Entende isso! Estou impressionado porque nenhum de nós jamais disse qualquer coisa sobre eles. Quer dizer, a segunda pergunta em toda entrevista que demos nos últimos anos foi: 'Vocês conhecem o Nirvana, eles são caras legais?' E tem tantas maneiras de responder isso, porque nenhum de nós conhece eles realmente. Nunca conversei com Kurt Cobain. Nós obviamente já vimos os caras tocar e eu já encontrei Chris Novoselic alguns anos atrás, mas nós realmente não conhecemos eles. Então, tudo que podemos dizer é que achamos seus discos legais...

VEDDER Primeiro, acho que o tipo de sucesso rápido que tivemos inevitavelmente provoca alguma hostilidade. Eu acabei tendo muitas dificuldades comigo. Estou sendo honesto quando digo que às vezes, quando vejo a foto da banda ou a minha foto ocupando toda uma página de alguma revista, eu odeio aquele cara. Como eu disse para um cara da Rolling Stone: "Geralmente, quando uma banda se torna capa da Rolling Stone, eu não gosto mais da sua música". Alguma coisa geralmente muda quando isso acontece. Eles se tornaram tão po-

O baixista Jeff Ament [illegible] trem grunge?

No sentido horário, passando o tempo, lá em cima Dave A. Abbruzzese, depois Stone Gossard, Mike McCready, Jeff Ament, Eddie Vedder e o chefe da tour, Eric Johnson

pulares que não é mais divertido gostar deles. Assim eu tenho problemas com o nosso sucesso nesse nível e não posso me relacionar com as pessoas que sentem animosidade ou desconfiança. Pra mim, toda essa coisa de Pearl Jam versus Nirvana fugiu de controle. Isso nunca deveria ter se tornado tão público. Mas, de qualquer jeito... Isto está sendo corrigido agora, todo esse relacionamento.

E como você conseguiu isso?

VEDDER É uma coisa pessoal. Não quero falar sobre como isto está rolando. Está tudo certo, agora. Fim da história.

Um álbum caótico

Então veio à luz o segundo álbum do Pearl Jam. Eis alguns dos nomes que eles queriam dar ao disco:

- *A Shark in Blood Waters*, uma sugestão de Mike McCready;
- *Paul is Dead*, que Jeff Ament gostava muito;
- *Five Against One*, um verso retirado da canção intitulada "Animal"

A banda estava preparada pra escolher este último quando Eddie mudou de idéia. Ele não estava mais contente com o título, apesar da arte da capa já estar pronta para empacotar a bolacha. Eddie queria chamar o álbum de *Pearl Jam*. Depois mudou de idéia novamente e escolheu *Vs.* — de "versus", significando "dois lados em oposição"

As canções do novo disco são violentas, ameaçadoras, uma colisão de emoções nem sempre palatáveis. A primeira impressão que se tem é a de um álbum caótico, turbulento.

STONE GOSSARD (guitarrista) Tem algumas canções nesse disco que as pessoas irão achar meio esquisitas e que não funcionam.

É isso que estão esperando da banda que produziu *Ten*?

VEDDER Eu nem penso nisso.

Todos nós ouvimos sobre os problemas que o Nirvana aparentemente teve ao submeter as fitas originais de *In Utero* à gravadora Geffen. Vocês tiveram problemas similares com *Vs.* e a Epic?

VEDDER A gravadora não ficou nas nossas costas, se é isso que você quer saber. Por causa do sucesso de *Ten* sentimos que podíamos fazer qualquer porra que quiséssemos. E isso é muito legal. Não acho que eles ousariam tentar nos dizer o que fazer.

Quais os pontos altos do disco?

VEDDER Toda faixa é um ponto alto. Quer dizer, nós gravamos duas vezes mais canções do que as que estão no disco, e todas estavam prontas pra entrar. Então, tudo que acabou saindo no disco era o que queríamos. É um álbum de pontos altos. E há muito o que escolher, porque usamos diferentes... cores. Não vou dizer diferentes estilos, porque odeio a idéia de discos que têm uma balada, um reggae...

> *"Eu estava com toda aquela porra de energia passando por mim. Estava louco, com uma puta raiva"*

Você acaba soando como um turista musical.

VEDDER Completamente! Assim, "Eu sou Paul Simon e preciso de uma porra de carreira, portanto irei pra África ou America do Sul pegar a música deles e colocar minhas letras, porque sou esperto e brilhante". Que merda.

Os tiras de Seattle

Numa manhã no centro de Seattle Eddie deixou os ensaios para o novo álbum pra colocar algum dinheiro no parquímetro. Ele não pretendia demorar, mas o resto da banda estava trabalhando em algo que lhes ocuparia o tempo e portanto ele não precisava se apressar. Quando ele viu alguém acenando do estacionamento do outro lado da rua, foi até lá pra dizer oi — assim começou a história da música "Policeman", que agora se chama "W.M.A." (sigla de "White Male Armed", "White Male American" ou "White Male Asshole", dependendo para quem do grupo você perguntar).

VEDDER Era um cara que eu conhecia. Não era exatamente um sem-teto, ele só ficava ali pelo estacionamento. Muitos caras ficam por lá. Tem uns negócios rolando por ali, nada muito pesado. E eu fui até lá, sentei ao lado dele num banco e começamos a conversar. Fazia uns dois dias que eu estava no estúdio ensaiando, sem tomar banho, de sapatos velhos, minha aparência não era das melhores. E estou lá sentado com esse cara, que tem a cor mais escura que a minha, quando chegam os tiras. Em Seattle nós temos esses tiras que andam de moto tentando parecer cool...

Então lá vem eles, diretos em cima de nós. E eles me ignoram e começam a encher o saco do cara. Comparado a mim, ele parecia muito mais respeitável. Mas eles começaram a molestá-lo e aquilo me fez explodir. Então comecei a encher o saco deles...

E uma coisa leva à outra.

VEDDER Eu estava mesmo queimado com isso. Estava com toda aquela porra de energia passando por mim. Eu estava louco. Com uma puta raiva. Voltei pro estúdio e os caras estavam trabalhando numa coisa e eu fui direto gravar os vocais, e assim saiu a música.

Me chama de animal

Quando o Pearl Jam apareceu no MTV Awards, estava combinado que eles iriam tocar "Go", a faixa de abertura do novo álbum. Em vez dessa, eles se lançaram numa versão de "Animal", uma das canções mais perturbadoras do disco. Assim como em "Rats" e "Blood", é uma barulheira infernal, que sugere uma certa impaciência com o que hoje em dia as pessoas chamam de humanidade.

A quem a raiva de "Animal" é endereçada?

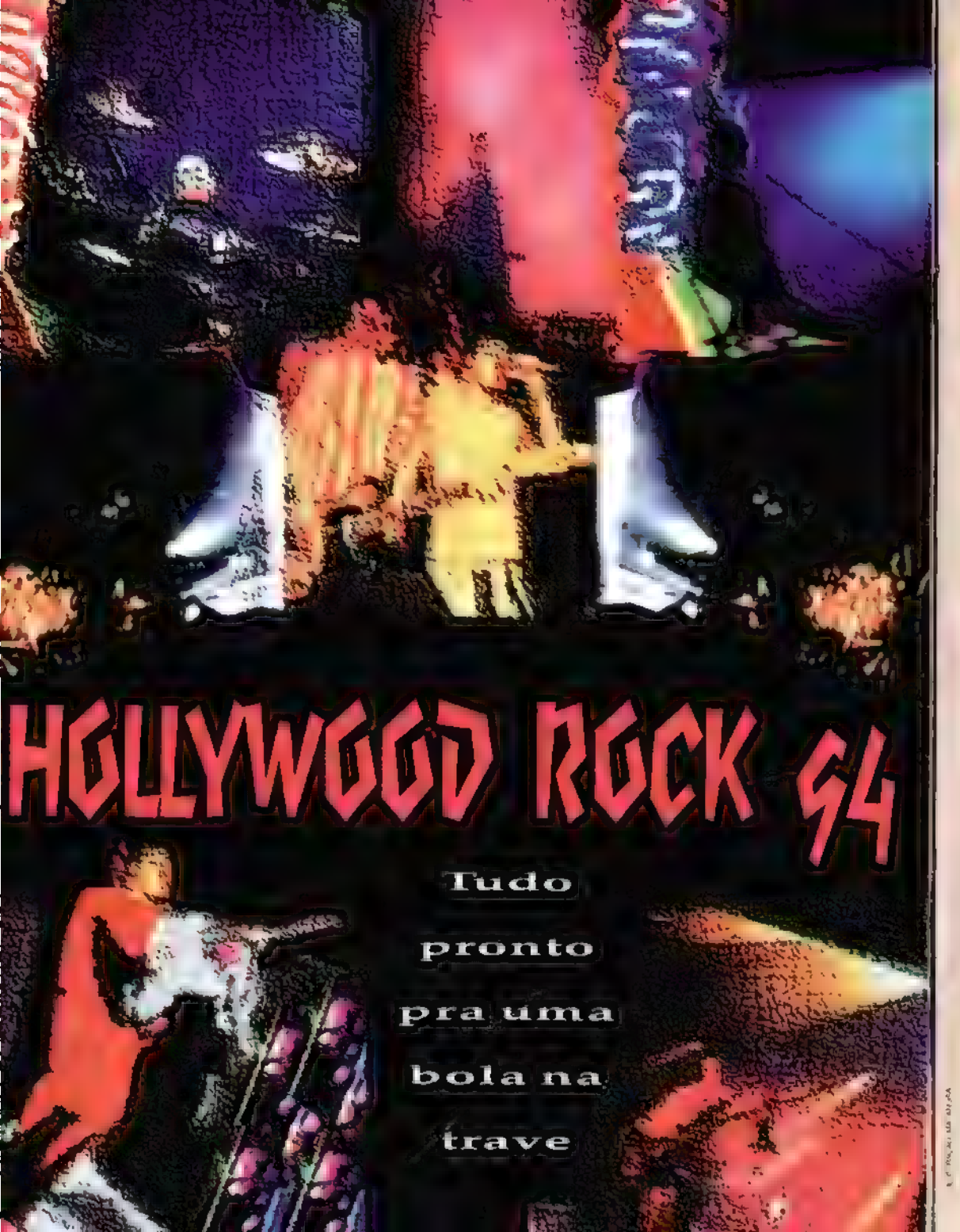
VEDDER Não quero falar sobre isso.

É muito pessoal?

VEDDER Nem tanto... É só... ah... bem, alguém na gravadora disse outro dia que queria os vocais com mais volume. Ele queria que as pessoas entendessem exatamente o que eu estava cantando. Então eu disse a ele sobre o que se tratava e ele disse: "Está certo, deixa os vocais como estão. Talvez não queiramos mesmo que as pessoas entendam isso".

Parece que você não quer falar sobre isso.

VEDDER Não agora. Vamos esperar. Me pergunte sobre isso dentro de um ano. *Allan Jones, Melody Maker*



HOLLYWOOD ROCK 94

Tudo pronto pra uma bola na trave

Nem Pearl Jam, nem Ministry, nem Sugar, nem Depeche Mode, nem Ice-Cube, nem Dinosaur Jr., nem Rush, tampouco Body Count...

Mas, sim, Poison e Ugly Kid Joe...

Nem Sonic Youth, nem Soundgarden, nem Black Crowes, nem Pink Floyd, nem House of Pain nem Shabba Ranks, nem REM, muito menos Rage Against The Machine.

Mas, sim, Live e Whitney Houston.

Bem-vindos ao Hollywood Rock 94, aquele que, invertendo a máxima, prova que às vezes a calmaria vem depois da tempestade.

É que depois do golaço do ano passado, em que teve como atrações gente (literalmente) de peso, como Nirvana, Alice in Chains, L7 e os Red Hot Chili Peppers, o line-up deste ano tem mesmo algumas bolas na trave. Para virar o marcador, quem não gosta de rock-farofa ou dance-baba vai contar com os veteranos do Aerosmith, a maior banda de garagem do planeta, e a honorável figura do ex-Led Zeppelin Robert Plant, além de um bom time verde-e-amarelo, formado pelos Titãs (em sua terceira participação no festival), a ex-Blitz Fernanda Abreu, Skank e ele, Jorge Ben Jor, o rei do suíngue, da malandragem e da sumpatia.

Há quem diga que os "excessos" da turma anterior — Kurt Cobain, do Nirvana, mostrou o pau para as câmeras de TV e as meninas do L7 exibiram as bundinhas para a platéia — teriam assustado a alta cúpula do Hollywood Rock e forçado uma escolha mais conservadora. E há quem diga também que foram os famosos motivos de força maior os responsáveis por essa escalação — Pearl Jam teria se recusado a tocar em um festival patrocinado por uma marca de cigarros, enquanto outros favoritos da galera teriam que entrar em estúdio exatamente na época do festival. Não importa. O fato é que, depois da "onda" do ano anterior, o maior encontro de rock do país encaretou. Nada muito grave se a gente pensar que, afinal, 95 é logo ali.

Carlos Albuquerque

Steven Tyler, depois de beijar a lona

A

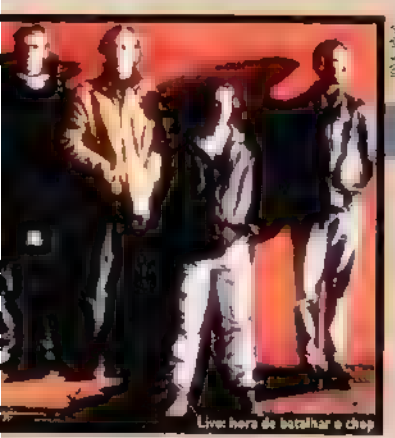
Um grupo barulhento formado por uns caras bêbados, arruaceiros, junkies e mulherengos. Falando assim, parece a banda de rock ideal. E o Aerosmith — Steven Tyler e Joe Perry à frente — esteve bem perto disso durante os intermináveis anos 70, com seu musculoso e despojado som de guitarras, particularmente explosivo em discos como *Toys in the Attic* e *Rocks*. Mas o apego aos prazeres do backstage e algumas turbulências internas no final daquela década, quase fizeram com que a fonte inspiradora de grupos como Guns N' Roses, Bon Jovi e Skid Row secasse antes da hora.

Felizmente, uma providencial desintoxicação na segunda metade dos anos 80 e um inesperado, porem bem-vindo, empurrão do Run-DMC, que regravou, com enorme sucesso, "Walk this Way", ajudaram o Aerosmith a retomar à estrada principal do rock and roll, manobra concretizada com o ótimo *Pump*, lançado em 1989 e considerado por muita gente boa o seu melhor disco. Hoje, o grupo coleciona Grammys e é um dos queridinhos da MTV. Com todo merecimento, diga-se de passagem. Afinal, beijar a lona pop e se levantar antes de a contagem chegar até dez não é para qualquer um. Mais do que um clip, a trajetória do Aerosmith daria um filme. De ação, claro

S

Eles são mineiros, mas não trabalham em silêncio. Há coisa de dois anos, ecos vindos de BH indicavam a presença de uma excelente banda de reggae, antenada com as novas tendências do gênero e imbatível em cima de um palco. O "ouvi falar" transformou-se em realidade quando os caras lançaram, ano passado, um CD independente que desceu redondo nas melhores caixas de som do país e repercutiu dentro de várias gravadoras, entre elas a Sony, que acabou contratando o grupo e relançando o CD. Foi tiro e queda. Balanços pop-reggae e letras de uma rara felicidade não poderiam mesmo ter outro destino.

Skank, os mineiros do barulho



Live: hora de batalhar o chop

L

Nos Estados Unidos, ou você é um CDF ou um porra-louca. Com o advento da praga do politicamente correto, os porras-loucas ganharam uma subdivisão light: os alternativos. Isso, esse jogo de faz-de-conta, vale pra quase tudo, particularmente na música pop. Ali, ou você é um outdoor no muro de vaidades da *Billboard*, ou é um rabisco na parede universitária. O Live é rabisco, e a lápis Produzido pelo circuito college rock americano, o grupo da Pensilvânia chegou às edições de verão de revistas como a *Rolling Stone* vendido como o novo R E M Bullshit. No seu segundo disco, *Mental Jewerty*, os caras fazem, honra seja feita, uma ou outra cesta de três pontos (como "Pain Lies on the Riverside", que virou tema de comercial... de qual cigarro, mesmo?), mas no resto do tempo só acertam o aro pop. Aproveite a falta de música e compre um chop gelado na hora do show

F

As batatas fritas ficaram murchas, mas Fernanda Abreu seguiu sem gorduras em sua carreira solo pós-Butz. Após uma estratégica sumida de cena, ela reapareceu com um show revistonista da era disco e depois com um pioneiro disco de dance music, *Sla Radical Dance Disco Club*, de 1990. Virginiana convicta, Fernanda extrapolou seus próprios limites e, com o discaço seguinte, *Sla 2 Be Simple*, de 92, levou o baucubum-dance ao morro e dali para o asfalto. Luxuoso combustível para uma noite que vai ser incendiada por Ben Jor. E resfriada por Whitney Houston.

Poison: farofa na mesa

P

Falta a banana e o ovo frito, mas é farofa da boa. Ou, como dizem os americanos, poodle-rock. Sintomas clássicos: muitas caras e bocas, cabelos cuidadosamente despenteados e um rock ligeiramente pesado, entrecortado por baladas xaroposas. Poison na mesa. Tem lá quem goste. O penúltimo disco dos caras foi um triplo-platina nos Estados Unidos, lugar onde o hambúrguer é cesta básica. Seu novo disco chama-se *Native Tongue* e deve ser a base do show dessa butique roqueira no Brasil

Fernanda esquenta a noite para Ben Jor

Será que ele vai cantar "Stairway to Heaven"?

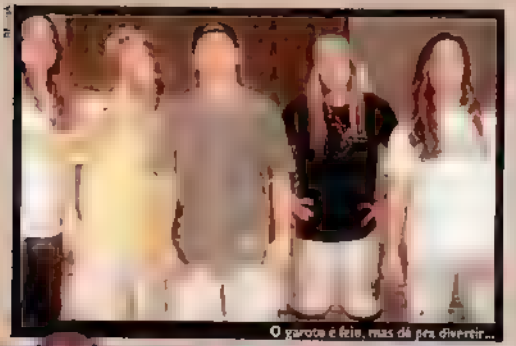
R

Pode se beliscar. O ex-vocalista do Led Zeppelin, uma das maiores e mais influentes bandas de rock de todos os tempos, vai passar pela alfândega brasileira sem seu passaporte de qualidade vencido. Bob Plant — cuja voz não é mais a mesma, embora seus cabelos... pouca diferença — sobrevive, obviamente, mais por causa do seu passado grandioso do que por seus (digamos, bons) discos solo. Mesmo assim, quem viu recentes shows desse centroavante dos masters do rock jura de chuteiras juntas que o indivíduo ainda é competente. E quer saber mais? Se ele cantar "Starway to Heaven", vai ser difícil não ficar arrepiado.

HOLLYWOOD ROCK 94

Ben Jor, mestre do balanço

Também conhecido por Deus. Não lhe faltam adjetivos: rei do suingue, mestre do balanço, embaixador da boa-vontade, mensageiro da alegria. Samba, funk, reggae, rock, afro, tudo o que entra no caldeirão de misturas de Ben Jor sai com um gostinho de quero-mais-é-dançar. Por um desses enigmas da vida, ele só caiu nas graças do povão há pouco tempo graças ao sucesso de "W/Brasil". Antes tarde do que nunca. Lançou recentemente o disco 23. Chances de roubar o espetáculo: 100%.


O garoto é feio, mas dá pra divertir...

Rock de bermudas clássico. Odes à descontração original do rock and roll, papos-furados sobre garotas e cerveja e cerveja e garotas, além de um nada original mix funk-metal, marcam essa banda da Virgínia, transplantada para a Califórnia. Formado em 1989, o Ugly Kid Joe tem um EP (*As Ugly as they Wanna Be*) e um LP (*America's Most Wanted*) lançados. Se fizer um show divertido, já vai ser de bom tamanho. Esperar mais que isso é um risco.

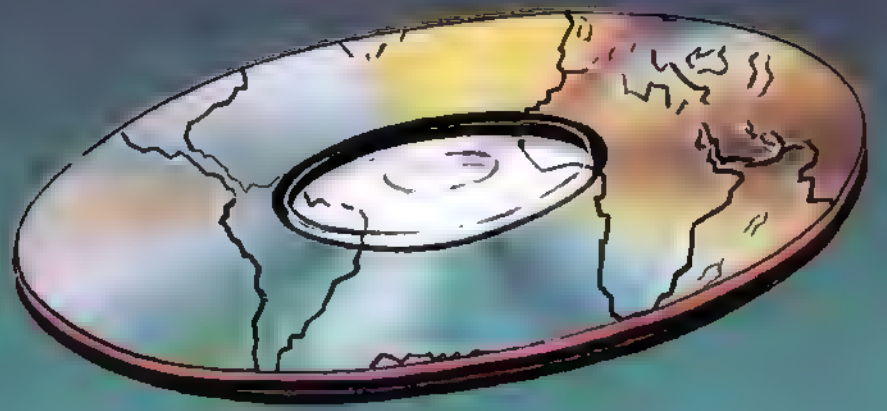
Cissy Houston é a mãe. Whitney, a filha, a riqueza da família. Educada nas melhores escolas de canto do planeta — as ruas da América negra —, Whitney é um passarinho engaiolado numa concepção musical quadrada. Seus quatro discos já venderam mais de 40 milhões de cópias. O último foi a trilha do filme O *Guarda Costas*, puxado pelo hit "I Every Woman". É casada com Bobby Brown e costuma cantar o hino nacional americano em estádios de beisebol. Com certeza o show mais concorrido do festival. Seu azar, tocar depois de Jorge Ben Jor. Ducha de água fria, percebe?

Titãs, outra vez

São os tricampeões do Hollywood Rock. Debutaram no festival em 88, na mesma noite em que tocaram o Ira! e a irada Chrissie Hynde e seus Pretenders, e repetiram a dose em 92, em dobradinha com os Paralamas, fechando para o Cidade Negra. Jesus Jones e Seal. Nos dois últimos anos, fizeram lamentáveis cortes na diversificação musical, engordaram o som das suas guitarras e estão pesados como nunca. Há quem diga que vão trazer para o palco os Raimundos e seu forró-core made in Brasília.

Whitney: Uma ducha de água fria!

PLANET MUSIC
IS
HERE



PLANET MUSIC IS HERE

Aqui você encontra CDs e LDs do mundo todo.
O legítimo blues do Mississipi. O mais autêntico rock'n'roll inglês.
Óperas alemãs e tudo mais que esteja rolando no universo musical.
Dos últimos lançamentos à acessórios nacionais e importados.
O mundo laser está na Planet Music.

EXCLUSIVIDADES

- Shopping Ibirapuera Lj. 16/17 Tel. 543-3383
- Shopping Eldorado Lj. E01 Tel. 814-1123
- Via Park Shop (Rio) Lj. 1084 Tel. (021) 385-0384
- Natal Shopping BR 101 Km2 - Lj. 205 Natal
- Consolação, 2854 Tel. 881-2165
- Shopping Jardim Sul Lj. 381 Tel. 844-8861
- Lorena, 1326 Tel. 64-4883
- Av. Moema, 50 Tel. 570-7571

PLANET MUSIC

IN MUSIC WE TRUST

AO VIVO

BON JOVI

Estádio do Pacaembu

(São Paulo)

Os mais de 50 ônibus de outras cidades e estados cercaram o Estádio do Pacaembu logo pela manhã, no ensolarado feriado de Proclamação da República. Seus ocupantes transformaram a Praça Charles Muller em uma Olinda do Rock, embalados pelas rádios que transmitiram o show ao vivo tocando em alto e bom tom, misturados à gritaria dos ambulantes – que vendiam até salsicha autografada do Bon Jovi.

Diferente dos megashows onde a maioria do público vai mais por curiosidade, Bon Jovi reuniu 60 mil ardorosos fãs, que lotaram completamente o gramado e as arquibancadas. Curioso: a galera prefere ver o show de lado só pra ficar mais perto do palco – a parte central ficou praticamente vazia. Mas, como o som estava perfeito, nada embolado, bom pra todos os cantos do estádio, todo mundo dançou e cantou à vontade. A infra do Pacaembu, mostrou mais uma vez que é ótima para shows de rock. A marcada foi rolou apenas na altura do palco, que do fundo do gramado parecia baixo

Mr. Jon demonstrou sua experiência de anos e anos com muita movimentação, posando de bom moço num palco sem pano de fundo e de montagem padrão, com poucas luzes se acendendo. Ele gostou, estava alegre e por vezes pareceuemocionado. Ao longo das duas horas cravadas de show, rolaram "Born to Be my Baby, "You Give Love a Bad Name", "Runaway", "Bad Medicine" e algumas do disco novo, *Keep the Faith* como "In these Arms" e "Bed Roses" (claro, todas com aquela cara de comercial de cigarro). Teve até um inesperado cover de Elvis Presley, "Falling in Love with You", e depois outro, dos Stones, o superclássico "Jumpin' Jack Flash". No final com inegável cara de bis, mais uma versão: "With a Little Help from my Friends", dos Beatles. É, as meninas adoraram. *PATRÍCIA GUEDES*

Bon Jovi posou de bom moço, cantou seus sucessos e fez a cabeça de 60 mil pessoas

ARSENAL

Richie Sambora, guitarra

- Guitarra Gibson Les Paul 1971
- Guitarra Gibson Fire Bird
- 10 Fenders Stratocaster
- 2 Ovations de braço duplo
- 4 caixas Marshall de 100 Watts
- 2 cabeçotes Trace Elliot
- Processador de Efeitos Bob Bradston
- Cordas GHS
- Efeito Zoom

Meio clubber, meio afro, o D-Influence mostrou que é mesmo do balaco

D-INFLUENCE

Concha Acústica

(Salvador)

Com Jazzie B. como mestre-de-cerimônia, a Inglaterra fez a mais esperta reelaboração do soul nos anos 80. À matriz americana dos 60 e 70, foi acrescentada a diversidade dance – com pitadas de rap e reggae em grooves equilibrados entre a tecnologia e a instrumentalização acústica. Quem não deu bola para a tour brasileira (oito capitais) do D-Influence não sabe o que perdeu para se antenar com alguns dos novos rumos dessa expressiva reelaboração.

Formado há dois anos na cena clubber londrina e com um disco, *Good 4 We (leia mais sobre esse lançamento na página 54)*, o D-Influence já abriu shows para Jacko e Prince e, por último, está produzindo um single para Mick Jagger. Com a roliça diva Sarah Ann Webbe no vocal, o quarteto realmente é do balaco. Mixou dance ("Good Lover"), funks poderosos ("I'm the One"), baladas ("For You I Sing this Song") e funk-jazz-afro ("Journey"), para delírio de uma platéia pequena, mas com o diabo no corpo.

Como tem um pé na África, o grupo não passaria em vão pela baianidade: fez uma jam com o Olodum – convidando o grupo afro para participar do novo disco, em fase de gravação – e trocou figurinhas com o timbaleiro-mor, Carlinhos Brown. Foi 10. *HAGAMENON BRITO*

ANTENANDO

Os shows da temporada

DEZEMBRO

Paul McCartney, Estádio do Pacaembu, São Paulo, dia 3 • Pedreira Paulo Leminski, Curitiba, dia 5.
Cidade Negra, Beto Guedes e Plebe Rude, Concha Acústica Castro Alves, Salvador, dias 3,4 e 5.
Moraes Moreira, Bahia Othon Palace, Salvador, dia 5.
Pantera, Olympia, S. Paulo, dias 6, 7 e 8.
Pravda, O Rappa, Chico Science e Raimundos, Circo Benetton, São Paulo, dia 9.
Djavan, Concha Acústica Castro Alves, Salvador, dia 10
Tim Maia, Flamengo, Rio, dia 10.
Skank e Pimenta do Reino, Clube Baiano de Tênis, Salvador, dia 11.
Pato Fu, Chico Science, O Rappa e Pravda, Savassi , B. Horizonte, dia 12
Sublimes, Columbia, S. Paulo, dias 13 e 15.

JANEIRO

Pato Fu e General Junkie, Circo Voador (fone 252-8445), Rio, dia 7
Dinosaur Jr., 4 Non Blondes, Rage Against the Machine, Soul Asylum, Inner Circle, Chris Isaak, Fito Paez, Deborah Blando, Fausto Fawcett, Cidadão Kane, Gabriel Pensador e Paulinho Moska, Santos, dia 8 • Rio (Barra), dia 9 • Rio Grande do Sul, dia 22 • Florianópolis, dia 23 (fone produção 829-3321).
Ilê Ayê, e Olodum, Bahia Othon Palace, Salvador, dias 9 e 16.
Titãs, Poison e Aerosmith, Estádio do Morumbi, S. Paulo, dia 14 • Praça da Apoteose, Rio, dia 21 (organização fone 021-537-4382)
Skank, Live, Ugly Kid Joe e Robert Plant, Morumbi, S. Paulo, dia 15 • Praça da Apoteose, Rio, dia 22.
Fernanda Abreu, Jorge Ben Jor e Whitney Houston, Estádio do Morumbi, São Paulo, dia 16 • Praça da Apoteose, Rio, dia 23.
Gilberto Gil, Salvador, dia 29 (organização fone 021-237-1308).

Esta agenda de shows, tão exata quanto possível, é organizada a partir das informações fornecidas pelas gravadoras, casas noturnas e produtoras. Confirme tudo antes engomar o cabelo e ir pra missa.

LANÇAMENTOS

PEARL JAM

Sony

Vs.

Recapitulando: Pearl Jam ganhou quatro das cinco categorias em que foi indicado no último MTV Video Music Awards – a quinta, Revelação, ficou com o imitador Stone Temple Pilots. Foi na entrega desse prêmio que Pearl Jam apresentou as músicas de *Vs.* pela primeira vez. A performance de "Animal" não saiu da telinha desde então, transformada em chip exclusivo e "não-oficial". Maketing puro.

Não subestime a grana. Quando a Sub Pop era dona do terreiro, a coisa era outra. Bastou as grandes gravadoras descobrirem Seattle para Vogue, MTV Hollywood Rock e o inferno quererem seus pedaços de grunge. Resultado: Stone Temple Pilots, 4 Non Blondes e Blind Melon, "design grunge".

Pearl Jam foi a primeira banda de grunge comportado a cair nas graças do público. Eddie Vedder, que parece um bom rapaz, andou pirando com isso e deu vexame na atual tour mundial. Pearl Jam e Nirvana vivem trocando delicadezas, um acusando o outro de vendido. Há quem diga que o título *Vs.* signifique Peal Jam versus Nirvana.

Ten, o álbum anterior, era o ápice da fórmula grunge de milhões de dólares: o garoto Vedder em crise, abrindo-se para uma geração de atenção tão transitória quanto um zapping, amparado por guitarras e refrões da idade da pedra do rock. *Vs.*, à primeira vista, parece uma viagem muito diferente. O disco abre com guitarras microfonadas, baixo sujo de fuzz e uma bateria destruidora. A música é "Go". O peso remete a Helmet ou a Therapy? Na sequência, "Animal" e a constatação de que a sujeira reina.

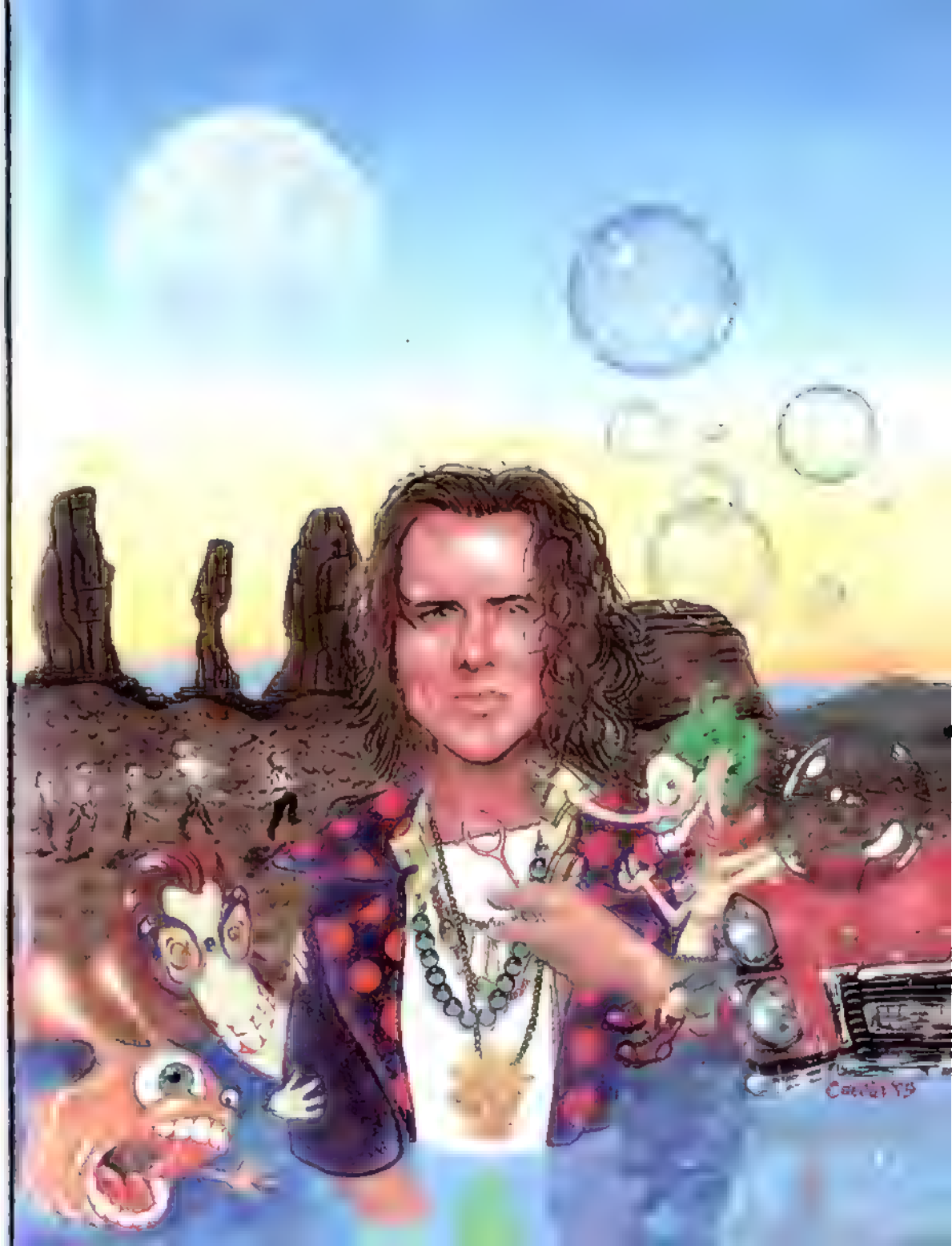
A impressão é transitória. "Daughter" vem levinha, balada à *Led Zeppelin III*, atualizada para o padrão de "rádio alternativa". "Glorified G", em que Vedder ironiza o excesso de armas nos EUA, bebe nos Rolling Stones funkeados dos 80.

Constatação: não há uma faixa original no disco inteiro. O que é o som grunge do Pearl Jam? Um grande assalto aos riffs do Led Zeppelin, sem dúvida, mas também a outros trens pagadores. "Eldorh Woman Behind The Counter In A Small Town" é, descaradamente, "Swan Swan H", do R.E.M. O baixo e a bateria dançantes de "W.M.A." são coisa dos Stone Roses.

E "Leash", uma das faixas grunge do disco, com sua atitude Stooges, tem elementos baba do U2 e Peter Gabriel.

Vs. é um álbum síntese do médio gosto "alternativo" do final dos 80. Pearl Jam virou o Cult que deu certo. Mesmo quando faz porcaria do tipo de "Rearviewmirror", música de trilha de cigarro que o Journey costumava fazer, consegue arrancar elogios da crítica entendida do Primeiro Mundo. Impressionante.

MARCEL PLASSE



DISCOS

DONALD FAGEN

Warner

Kamakiriad

Ed Motta, que é um Steely-danmaníaco de carteirinha, definiu muito bem este *Kamakiriad*.
Quando você ouve pela primeira vez, pergunta: Donald Fagen demorou cinco anos para lançar esta baba? Quando você ouve pela segunda vez, o CD não sai nunca mais do player. É o eterno disfarçado de descartável.
Afinal, Fagen e o produtor Walter Becker criaram este som, eles fundaram este ramal da música pop. A fórmula? Funko-jazz (de McCoy Tyner e Les McCann entre outros), uma dose de soul-latino num clima cool. O primeiro disco solo de Donald Fagen (*Nightfly*) falava do passado utópico da era Kennedy. Este segundo remete a um futuro onde o sonho de todo garoto é o Kamakiri, um carrão com uma chacrete (!) na traseira.
Musicalmente, este disco tem mais a ver com *Gaucho*, o último do Steely Dan, só que ainda mais cheio de suingue e imaginação. Melodias irresistíveis, baladas que já nascem clássicas (como "Snowbound"), um cuidado extremo na produção e nos arranjos. Parando sobre tudo, a voz esquisita, incomparável e inimitável de Mr. Fagen, o Único.

DAGOMIR MARQUEZA

FEAR FACTORY

Roadrunner

Soul of a New Machine

O som desses caras não faz o menor sentido. E é exatamente esse o grande mérito deles. É pedreira no limite e sem nenhum nexo, que resulta numa mistura que envolve a maluquice do Voivod com a raiva e a potência do Sepultura. Agressivo, sujo e bom pra caralho.
Detalhe: não é todo mundo que tira da cartola a velocidade e a torça dos bumbos de Raymond Herrera. Enfim, ouvir o Fear Factory no talo corresponde a uma grande viagem de ácido, bolinha ou qualquer outra substância que alucine.
O Fear Factory veio para revolucionar. Enlouqueça seu vizinho. Toque muito alto!

ROBERT HALFOUN

RACIONAIS MC'S

Zimbabwe

Raio X Brasil

É isso aí. Aqui não é South Central Los Angeles, não é Compton, não é Bronx. Aqui é muito pior, mano. Se você duvida, vai dar uma banda lá na Zona Sul de São Paulo, nas quebradas do Capão Redondo, Jardim Lídia, Parque Santo Antonio. Se você não tem coragem, então ouça este disco. É a crônica da periferia sem aquele tom de *Notícias Populares*. É o raio X da dureza de morar onde a polícia trata todo mundo como bandido.
O segundo LP dos Racionais não amolece nas mensagens políticas. Os caras continuam enfezados com a sociedade e pregando a consciência negra. As letras são relatos cinematográficos do cotidiano, tipo "Fim de Semana no Parque" e "Papo na Porta do Bar". Mas um ponto forte continua sendo a excelente qualidade musical. Eles sabem escolher bem os samples e as bases são de primeira. Há até um experimento em que o grupo funde rap e blues na faixa instrumental "Fio da Navalha". Para quem acha que o rap brasileiro começou com Gabriel, o Pensador.

JEFERSON DE SOUSA

FIGHT

Sony

War of Words

Rob Halford é uma das vozes mais originais surgidas no reino do heavy metal. Quem não se emocionou ao ouvir "Victim of Changes", "Exciter" e tantos outros clássicos do Judas Priest? Pois bem: o Fight, novo projeto do cantor, rejuvenesce o trabalho de Halford, graças ao baterista Scott Travis (tirado do próprio Judas) e a dupla de guitarristas Russ Parrish e Brian Tilse, rapidinhos como exige o novo metal. As músicas são curtas e grossas, mortais, com os abençoados agudos de Halford estourando as suas cartas de som. "Into the Pit", "For All Eternity" e mais outros dez petardos são ideais para detonar aquele seu vizinho que insiste em ouvir pagode (ou Roberto Carlos) no sábado de manhã. Os maravilhosos Glenn Tipton e K.K. Downing (ex-companheiros de Halford no Judas) que me perdoem, mas é melhor parar. A não ser que eles achem um vocalista tão bom quanto o careca. Pareo duro, não acham?

SERGIO MARTINS

RUSH

Warner

Counter Parts

O que mais agrada no Rush é a capacidade que os caras têm de estar sempre atuais, demonstrando movimento constante no seu som, mas sem sair de um estilo básico. Essa mudança permanente faz um bem danado à música do grupo.
E, tratando-se de quem se trata, faz bem até ao rock mundial. Faça a memória funcionar: quantas bandas até hoje influenciaram tanta gente ao mesmo tempo e nos mais diferentes segmentos? Se você conhece o mínimo de música, o Rush não ficou fora da sua lista.
Também não venha com saudosismo setentista, dizendo que a "nova fase" é muito comercial. Para os desavisados: isso chama-se evolução.
Um dos melhores bateristas e baixistas do rock, um guitarrista cada vez melhor, sem se render a virtuosismos babacas (leia-se Joe Satriani e companhia). Antenas ligadas captando o que há de mais legal nos quatro cantos do planeta — ou transformando coisas nem tão legais assim em passagens ultrainteressantes.
Resultado: um disco impecável, que embora traga músicas bem menos inspiradas que as maravilhas "Time Stand Still" e "Manhatan's Project", não fica devendo absolutamente nada aos trabalhos anteriores.
Ao contrário, até traz mais. Uma audição rápida das duas primeiras músicas já é o suficiente para empolgar e fazer surgir um sorriso contagiante — daqueles de orelha a orelha. "Animate" e "Stick it Out" misturam riffs pesados com momentos inusitados, que incluem até uma levada grunge animadinha. Grunge?! Quem dera que tudo que vem de Seattle fosse assim...

ROBERT HALFOUN

do grupo, não anda em dias muito inspirados. O pior é que algumas canções beiram o jazz-rock insosso.
O que salva o EW&F da chatice completa são os bons arranjos, os quais, aliás, sempre foram uma marca registrada do grupo. Pra não dizer que a viagem é totalmente perdida, vale pelo embalo de algumas faixas, como "Spend the Night". Mas está a anos-luz do disco anterior, que trazia um arrasa-quarteirão com a participação especial do mestre Sly Stone.

JEFERSON DE SOUSA

GAROTOS PODRES

Radical

Canções Para Ninar

"Era uma vez um Fernandinho Veadinho que passava a mão na poupança das velhinhas". Não há dúvida que isso é Garotos Podres e seu punk legítimo, irreverente e engraçado. Um dos maiores nomes da punkadaria brazuca continua vivo. Viva!
Aliás, esse disco funciona como uma espécie de revival da época que ainda se encontrava punks devidamente caracterizados na galeria da rua 24 de Maio (SP).
O ranço (no bom sentido) é idêntico ao dos discos daquela fase — onde aliás, a regra básica era exclusivamente o divertimento e a sacanagem. E isso os GP resgataram com talento. Chega de papos-cabeça e conversas caretas. Além do rock rasgado, o destaque fica por conta de letras como "Oi Tudo Bem?", "Sadam Hussein is Rock n' Roll", "Verme" e a tal do "Fernandinho Veadinho". São impagáveis!

ROBERT HALFOUN

EARTH, WIND & FIRE

Warner

Millenium

É pensar que o EW&F já foi uma banda bem legal. Quando se queria agitar uma pista, bastava recorrer a algum clássico do grupo, como "September" ou "Shining Star", para se ter a certeza de que ninguém ficaria parado.
Bons tempos... Agora a história é outra: Maurice White, o mentor

SHAGGY

EMI-Odeon

Pure Pleasure

O DJ Shaggy (cujo nome foi herdado do parceiro do Scooby-Doo, o Salsicha) é uma das contratações mais milionárias de que se tem notícia no mundo da música: custou um milhão de dólares aos cofres da gravadora Virgin. Culpa de "Oh Carolina", versão de um reggae antigo, que ganhou inserts de "Peter Gunn" e virou um dos hits da parada britânica.
Mas é no ouvir sua bolacha de estreia para notar que o dinheiro foi bem gasto. São 16 faixas mortais (incluindo duas versões de "Carolina"), em que Shaggy mistura ritmos e proseia letras recheadas de sexo - veja "All Virgins", "Lust" e "Bedroom Bully Hunter" –, apimentadas ainda mais graças à voz de trovão e interpretação maliciosa do garoto.
Shaggy também inventa o ragga de levada lenta em "Soon be Done". "Bow Wow Wow", outro destaque, é "embolada" para cantador nordestino nenhum botar defeito.
Uma obra-prima detonada por este jamaicano criado nos guetos de Nova York e que anos atrás passou uma temporada no Exército para sobreviver – chegou até a participar da Tempestade no Deserto, operação americana na guerra contra o Kwait. Fãs do desenho animado, eu sinto muito: depois deste Shaggy ninguém mais vai dar bola para o Scooby.

SERGIO MARTINS

4 NON BLONDES

Warner

Bigger, Better, Faster, More!

Os 4 Non Blondes são um fruto típico da época. Fazem parte do mesmo fenômeno que colocou bandas com Stone Temple Pilot no topo das paradas — o vácuo criado por uma entressafra.
Explicando melhor: enquanto grupos como Nirvana, Pearl Jam e Soundgarden se recolhiam para preparar seus novos discos, o mercado fonográfico, sempre ávido de novidades (tem que vender, né?), virou seus holofotes para algumas bandas menores. E elas acabam em evidência por superexposição.
Não que os 4 Non Blondes sejam exatamente ruins. *Bigger, Better, Faster, More!* tem uma coleção de músicas interessantes e bem arranjadas. O grupo consegue unir o peso ("Train") às baladas ("Dear Mr. President") sem deixar de ser coerente. A voz de Linda Perry é potente e segura, e personaliza a banda.
Então, qual o problema? É que eles carecem de carisma. Você ouve, gosta, mas não rola aquela sensação de admiração. Não tem cara de "the next big thing". Basta ouvir o hit "What's Up", que não pára de tocar nas rádios e já tem até remix.

JEFERSON DE SOUSA

DISCOS

SCORPIONS

PolyGram

Face the Heart

Enfim o Scorpions vai poder variar o repertório dos shows — desde 85 que era a mesma lenga-lenga... Os velhacos do rock alemão resolveram deixar a frescura dos dois discos anteriores e voltam a fazer heavy metal tradicional recheado de baladas prontíssimas para entrarem nas hit lists. Aposto como "Under the Same Sun" (melado em estado bruto), em menos de um mes de lançamento já vai estar tocando nas "campeãs de audiência". De resto, um trabalho literalmente medíocre.
ROBERT HALFOUN

D-INFLUENCE

Warner

Good 4 We

É uma mostra da soul music mais chic feita na Inglaterra atualmente. Tidos como uma das grandes revelações do ano pelo próprio Jazzy B., líder do Soul II Soul, o D-I segue a mesma escola, ao lado de Massive Attack, Galliano, Brand New Heavies. "Good Lover" e "For you I Sing this Song" revelam os vocais aveludados de Sarah Webb. Aliados à perfeição das batidas, eles estão entre as coisas mais puras, prazerosas e belas já ouvidas na dance/soul contemporanea. Em tempo, a banda fez algumas apresentações

por aqui em novembro e deixou os desavisados de queixo caído. Soul moderno é isso: uma mistura dosada de jazz, hip hop, funk e é claro, sample em pitadas certas.
CLAUDIA LIMA

BEZERRA DA SILVA

BMG-Ariola

Cocada Boa

Bezerra dá as caras de novo e mostra qual é a malandragem da boa. Enquanto o pagode, quase repetindo o fenômeno de 86, volta a fazer sucesso com suas letras românticas, Bezerra manda bala com seu samba em que mané não tem vez.
Na mira de Bezerrão estão dedos-duros, os federais, mulheres "venenosas" e outras figuras da barra-pesada. O malandro velho sabe escolher bem seus compositores: Silva Junior, Nilson Reza Forte, Dinho, Ivan Mendonça – gente que sabe o que diz.
Ele joga duro mas com naturalidade: tiroteio, ponto de drogas e outras paradas são abordados com a maior graça. Em "A Macaca Vai Cantar"

ouve-se uma rajada de metralhadora como introdução e uma escopeta se encarrega do fecho. Enquanto isso, ele avisa à "comunidade" que vai chover bala. Há também a regravação de "Veneno de Peçonha" ("Piranha não dá no mar/ Piranha/ Somente na água doce se apanha").
O homem merece o título de Ice-T brasileiro. Ou melhor: o Ice-T é que é o Bezerra deles. Você aí, que acha que conhece o "wild side" da vida: deixa de ser ze e vai ouvir Bezerra da Silva.
JEFERSON DE SOUSA

DEF LEPPARD

PolyGram

Re-troactive

Compilação de rock comercial assumido, para tocar no rádio. Quem ouviu os primeiros discos dos caras, até *Pyromania* (83), nunca poderia

imaginar que eles iam chegar a este ponto. As tragédias sofridas (a amputação do braço do baterista Rick Allen, o suicídio de Steve Clark) devem ter influenciado o som da banda. Convenhamos, banda que serve de matéria-prima para versões do Yahoo, não dá. Apesar de tudo, essa compilação de hits de lados B e algumas inéditas, quando escapa das baladinhas meladinhas, diverte como o último do Brian Adams.
ROBERT HALFOUN

VÁRIOS

Radical

Tiro Inicial

Impetuoso e engajado, porém ingênuo, o rap brazuca ainda gagueja para falar sobre os mesmos temas: racismo, opressão e violência. Isso não invalida o lema "integridade acima de qualquer suspeita", principal mérito dessa coletânea de rappers do subúrbio carioca coordenada pelo centro de articulação de populações marginalizadas.
Engraçado ver que no meio de tanto marmanjo mal-encarado de capuz quem se sai melhor são as Damas do Rap. Enquanto na maior parte das faixas o excessivo teor político não acha contrapeso no instrumental malhado, o trio feminino mostra o que é ter um bom groove pra segurar.
Também se safam bem os Filhos do Gueto, com "A Diferença é a Farda", a letra mais sagaz do disco. Os outros grupos são Geração Futura, Poesia Sobre Ruínas, N.A.T. e Consciência Urbana.
ALEXANDRE ROSSI

CHAKA DEMUS AND PLIERS

PolyGram

Tease Me

A combinação DJ/cantor é uma das melhores coisas surgidas no mundo do reggae. Mas nunca a sofisticação foi tanta quanto a alcançada por esta dupla. Plier, adepto da escola de Stevie Wonder e de outros vocais cheios de soul, é o molho exato para os "toasts" certeiros de Chaka. *Tease Me* tem a produção experiente de Sly Dunbar e Robbie Shakespeare.
O disco traz "Murder she Wrote", o maior hit jamaica no ano passado, com groove surrupiado de "Bam Bam" (do histórico Toots Hibbert, do grupo The Maytals). A faixa-título é outra adaptação, desta vez de "Balls of Fire", do grupo de ska The Skatalites, a sensação da Jamaica nos anos 60. Para completar a festa, tem "A Nation Under a Groove", regravação de George Clinton.
E se você quiser conquistar uma gata é só colocar no CD-player "She don't Let Nobody" ou "I Wanna be Your Man" e correr para o abraço.
SERGIO MARTINS

INDEX

O QUE ESTÁ CHEGANDO NAS LOJAS

POP/ROCK

BLIND MELON • (Capitol/EMI - vinil • CD • cassete) Primeiro disco dos hippies bem-sucedidos (leia reportagem na página 26). Legalzinho.
D-INFLUENCE • *Good 4 We* (Warner - vinil • CD • cassete) Dance-soul music de alta qualidade (leia mais na página ao lado).
DARYL HALL • *Soul Alone* (Epic/Sony - vinil • CD • cassete) Terceiro album do cantor e tecladista, após o fim da dupla Hall & Oates.
DONALD FAGEN • *Kamakiriad* (Reprise/Warner - vinil • CD • cassete) Segundo disco solo do co-fundador do Steely Dan (leia mais na página 52).
FIGHT • *War of Words* (Epic/Sony - vinil • CD • cassete) Primeiro disco do grupo liderado pelo macaco velho Rob Halford, ex-Judas Priest (leia mais nas páginas 15 e 52).
HOT STUFF • *Kind of Crime* (Vidisco - vinil • CD • cassete) Álbum de estréia da banda luso-brasileira de metal, que conta com o filho do fadista mala Roberto Leal na bateria. Farofa geral.
KATE BUSH • *The Red Shoes* (EMI - vinil • CD • cassete) A badalada volta da cantora, depois de quatro anos na geladeira.
PATRA • *Queen of the Pack* (Epic/Sony - vinil • CD • cassete) A versão feminina de Shabba Ranks, já chamada de rainha do dance hall.
PEARL JAM • *Vs.* (Epic/Sony - vinil • CD • cassete) O segundo — e aparentemente decisivo — disco do grupo de Seattle (leia mais na reportagem especial da página 34).
RENAISSANCE • *Ashes are Burning* (Capitol/EMI - vinil • CD • cassete) Relançamento do disco de 1973 que mostra alguns dos melhores momentos do grupo.
RENAISSANCE • *Prologue* (Capitol/EMI - vinil • CD • cassete) Relançamento do disco de 1972), com vários clássicos do grupo.
VÁRIOS • *Aerodance* (RCA/BMG - vinil • CD • cassete) Coletânea que de hits dançantes.
VIPER • *Live–Maniacs in Japan* (Eldorado - vinil • CD • cassete) Registro da bem-sucedida aventura da banda brasileira de metal em suas andanças pelo mundo.

BLUES

B.B. KING • *Blues Summit* (MCA/BMG - vinil • CD • cassete) O mestre liderando duetos com Ruth Brown, Albert Collins, Etta James, Koko Taylor e John Lee Hooker.
B.B. KING • *Six Silver Strings* (MCA/BMG - vinil • CD • cassete) Relançamento do 50º disco de B.B., com uma versão para "Midnight Hour", de Wilson Pickett, além do tema do filme *Into the Night*.
LONNIE MACK • *Live! - Attack of the Killer V* (Alligator/Warner - vinil • CD • cassete) Preciosidade do selo Alligator lançada aqui com três anos de atraso. O guitarrista de blues em sua melhor forma.
SAFFIRE • *The Uppity Blues Woman* (Alligator/Warner - vinil • CD • cassete) Três gordas blueseiras com muita inspiração. Bacaninha.

JAZZ

COUNT BASIE & THE KANSAS CITY SEVEN (Impulse/BMG - vinil • CD • cassete) Relançamento histórico (o original é de 1962), com Basie mostrando que funciona maravilhosamente sem orquestra.
DUKE ELLINGTON & JOHN COLTRANE (Impulse/BMG - vinil • CD • cassete) Também de 62, com os dois deuses em sonora e aplicada sintonia. Do grande cacete!

COUNTRY

DWIGHT YOAKAM • *This Time* (Reprise/Warner - vinil • CD • cassete) Sexto disco desse representante da nova onda country americana, com evidente interesse no mercado pop. Tô fora.
LITTLE TEXAS • *Big Time* (Warner - vinil • CD • cassete) Country music com instrumentos exóticos, sucesso nas paradas do estilo lá fora.
RANDY TRAVIS • *Wind in the Wire* (Warner - vinil • CD • cassete) Novo disco do bonitão, com a trilha-sonora de seu especial para a TV americana. Só para quem assistiu.
TRAVIS TRITT • *T-r-o-u-b-l-e* (Warner - vinil • CD • cassete) Country com influências dos Allman Brothers e Lynyrd Skynyr. Tem até um cover de Buddy Guy. Passável.

MPB

ASA DE ÁGUIA • *Cocobambu* (Columbia/Sony - vinil • CD • cassete) Uma das estrelas da axé music, com embalos ora interessantes, ora repetitivos.
BANDA BRASIL • *Pra Bater um Papo* (Continental/Warner – vinil) Primeiro disco do grupo de samba, formado por músicos que já tocaram com Ben Jor e Tim Maia.
BANDA MEL • *Mãe Preta* (Continental/Warner - vinil • CD • cassete) Sétimo disco do grupo baiano que mostra axé music em 12 faixas de balanço.
BEZERRA DA SILVA • *Cocada Boa* (RCA/BMG - vinil • CD • cassete) O trivial sortido do homem: bang-bang, drogas e malandragem de morro. Obra cult obrigatória.
CHICO BUARQUE • *Paratodos* (RCA/BMG - vinil • CD • cassete) Sua mãe vai adorar as músicas. Você talvez goste da capa. Participações especiais de Tom Jobim e Gal Costa.
FAUSTO FAWCETT E FALANGE MOULIN ROUGE • *Básico Instinto* (Sony - vinil • CD • cassete) O Sargentelli das loiraças de banda nova e com muita putaria.
GRUPO RAÇA • *Jeito de Felicidade* (RCA/BMG - vinil • CD • cassete) Novo disco do grupo-sensação do samba.
IRA! • *Música Calma para Pessoas Nervosas* (Warner - vinil • CD • cassete) Sexto disco do grupo paulista, agora bem distante das levadas mod do início de carreira. Pra muita gente, ficou melhor.
MENINOS DO PELÔ • *Adota Eu* (Columbia/Sony - vinil • CD • cassete) Primeiro disco da garotada baiana, produzido por Daniela Mercury. Samba-reggae e levadinhas com participações especiais de Caetano, Chico e Elba Ramalho.
MILTON GUEDES (RCA/BMG - vinil • CD • cassete) Rock-balada produzido por Lulu Santos. Trilha sonora pra namoro de portão.
MILTON NASCIMENTO • *Ângelus* (Warner - vinil • CD • cassete) O "Zé do Boné" novamente, agora com regravações de "Clube da Esquina Nº 2" e "Hello, Goodbye", dos Beatles.
RAUL SEIXAS • *Mata Virgem* (Warner - vinil • CD • cassete) Mais um título na onda de relançamentos do Raul (o original é de 1978), que traz "Judas", "As Profecias" e "Conserve seu Medo", entre outras.
SANDRA DE SÁ • (RCA/BMG - vinil • CD • cassete) Novo disco da cantora, com uma versão de "Você", de Tim Maia", um medley de Luiz Gonzaga e outras 12 faixas.
SUBLIMES (Columbia/Sony - vinil • CD • cassete) Girl group lançado com luxo e bararé, que está causando espécie no circuito Rio-SP. Não confundir com as Supremes.
VÁRIOS • *A Vez do Brasil* (Eldorado - vinil • CD • cassete) Coletânea com cinco nomes do rock brasileiro. Só uma tem nome em português (ou quase): Gratoréia Xdarmônica. É bom.

TRILHAS

THE FIRM • (MCA/BMG - vinil • CD • cassete) O tema de Dave Grusin mais canções de Robben Ford, Jimmy Buffett, Nancy Griffiths e outros.
THE WHO'S TOMMY • (RCA/BMG - vinil • CD • cassete) A ópera-rock do grupo The Who, agora numa versão (piorada) para os palcos da Broadway. Nem Pete Towshend agüenta.

A BIZZ organiza este Index a partir dos lançamentos que chegam à redação até o dia 10 de cada mês. Nosso endereço é Av. Nações Unidas, 5.777 São Paulo (SP), CEP 05479-900

TANTRA — DUAS DIRETO — RAPIDINHA — NAMORO DE PORTÃO — BROXADA
VINIL — CD — CASSETE

BOLSA DE DISCOS

Média		Disco										
8,22		VÁRIOS • *Judgement Night* • Epic/Sony	8	•	8	10	7	7	10	8	8	8
6,60		GABRIEL O PENSADOR • Chaos/Sony	10	5	8	6	6	6	5	9	6	5
6,50		PAUL WESTERBERG • *14 Songs* • Sire/Warner	•	7	•	•	5	•	8	6	•	•
6,37		UB 40 • *Promises & Lies* • Virgin/EMI-Odeon	5	6	7	•	6	7	6	9	6	•
6,22		BAD BRAINS • *Rise* • Epic/Sony	6	6	7	7	5	5	7	7	6	•
6,22		OZZY OSBOURNE • *Live & Loud* • Epic/Sony	•	4	6	6	8	7	6	7	7	5
5,66		JOÃO PENCA • *A Festa dos Micos* • Lobion	•	8	•	•	4	6	5	4	7	•
5,12		DUFF McKAGAN • *Believe in Me* • Geffen/BMG-Ariola	5	3	5	4	7	•	5	5	7	•
4,90		GUNS 'N ROSES • *The Spaguetti Incident?* • Geffen/BMG-Ariola	3	4	4	4	7	5	5	5	8	4
4,25		ENGENHEIROS • *Filmes de Guerra...* • BMG-Ariola	4	3	•	3	4	3	4	6	7	•

alta rotação

A REDAÇÃO RECOMENDA

Você ainda não comprou o *Tropicália 2*? Ótimo, então passe na loja e compre este **Gilberto Gil Ao Vivo** que é bem melhor. Trata-se de um show como há muito tempo Gil não faz. Gravado ao vivo no Festival Internacional de Montreaux em 78, Gil traz uma superbanda (como o guitarrista Pepeu Gomes e o baixista Rubão Sabino) e detona um som de primeira. Tem banda para Xangô (na introdução de "Chuck Berry Fields Forever"), a reverência ao bom e velho Luiz Gonzaga em "Respeita Januário" e outro punhado de grandes músicas, como "Ela" e "Chororô". Depois disso, Gil ainda fez dois ou três discos razoáveis e se acomodou: hoje prefere tocar projetos medianos, como aquele ao lado de Caetano Veloso. *Sérgio Martins*

Desceram sobre a mesa dois CDs. OK, nada de novo, só duas coletâneas de sucessos de um cara, but... Esse cara se chama **Prince** e – seja bonzinho – isso muda alguma coisa. O *Prince/The Hits Vol. 1* tem "When Doves Cry", "1999", "Sign o' the Times", "Let's Go Crazy", "Pink Cashmere" e outras desse tamanho. No *The Hits Vol. 2*, "Controversy", "Cream", "Little Red Corvette", "I Wanna be your Lover" e claro a tão cultuada, mas chatíssima, "Purple Rain". *Otávio Rodrigues*

Só por ter saído por aqui antes de qualquer outro lugar no mundo e ainda se tratar de uma banda brazuca/internacional, o ao vivo do **Viper**, *Maniacs in Japan*, já valeria uma indicação. Mas ainda por ser porrada do começo ao fim, sem frescuras de overdubs, mixagens exageradas e etc. Por falar em Alta Rotação, uma dica para os "gaviões" à procura de namoradas. Nos shows da banda o índice de meninas bonitas (e disponíveis!!!) tem sido impressionante. Não ouso dizer que é de 5 pra 1, mas tá quase lá. *Roberto Halfoun*

Dr. Funkenstein, o cara mais sampleado pela tribo hip hop, fez um disco da porra: *Hey Man... Smell my Finger* (Paisley Park/Warner Bros.). Parece uma súmula da sua longa carreira com a conexão Parliament/Funkadelic, temperada com os melhores impulsos musicais da atualidade. Só tem nas importadoras. *Lu Gomes*

ARQUIVO PESSOAL

SAMUEL ROSA (SKANK)

A vida é dura pra quem está no começo da carreira. Ate separar os discos que está ouvindo dá um trabalhão. Os dez discos eternos e os dez recentes se confundem e têm que ser separados racionalmente, conforme sua importância. Eis a mistura fina de Rosa.

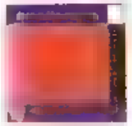
OS DEZ RECENTES

1. OTTIS REDDING • *The Ultimate Otis Redding* • Warner
2. CARLOS SANTANA • *Santana* • Columbia
3. MADNESS • *Divine Madness* • Virgin
4. SHINEHEAD • *Sidewalk University* • Elektra
5. MARVIN GAYE • *The Best Of...* • Motown
6. JEFF BECK & THE BIG TOWN... • *Crazy Legs* • Sony-Epic
7. STRAY CATS • *Blast Off* • EMI
8. BUDDY HOLLY • *16 Original World Hits* • MCA
9. BLACK UHURU • *Red* • Island/Mango
10. POLICE • *Zenyatta Mondatta* • PolyGram

OS DEZ ETERNOS

1. BOB MARLEY • *Catch a Fire (73)* • Island
2. SLY & ROBBIE • *Taxi Connection Live... (81)* • Mango
3. THE BEAT • *I Just Can't Stop It (80)* • Two Tone
4. THE BEATLES • *Revolver (66)* • Parlophone
5. THE SPECIALS (79) • Chrysalis
6. CAETANO VELOSO • *Transa (73)* • Philips
7. JORGE BEN • *Tábua de Esmeraldas (74)* • Warner
8. QUEEN • *A Night At The Opera (75)* • Elektra
9. LED ZEPPELIN • *Led Zeppelin (69)* • Atlantic
10. LEE SCRATCH PERRY • *Lee Perry* • Heartbeat

LEITORES



Os leitores mostraram do que gostam, mas não entraram num acordo. Muita gente ficou de fora da parada – como o Viper e seu *Evolution* (Eldorado) e os Screaming Trees. Assim, quem fica com o troféu é o U2, com *Zooropa* (PolyGram), disputando cabeça por cabeça com os TITÃS e seu *Titanomaquia* (Warner). Em terceiro, NIRVANA, com *In Utero*. Empatados em quarto lugar, ficaram SEPULTURA, *Chaos a.D.* (RoadRunner) e *Tropicália 2* (PolyGram), de CAETANO & GIL. Em quinto ficaram empatados o PEARL JAM, *Ten* (Sony) e SPIN DOCTORS, *Pocket Full of Kryptonite* (Sony). Na lanterna vêm empatados: SOUL ASYLUM, *Grave Dancers Union* (Sony), NEW ORDER, *Republic* (PolyGram) e DEPECHE MODE, com *Songs of Faith and Devotion* (Warner)

Em vez de ficar encrespando com os resultados, escreva pra cá e participe da bagaça, passando os nomes dos discos que você comprou recentemente. O endereço da BIZZ é Av. Nações Unidas, 5.777, CEP 05479 900, São Paulo (SP).

LOJAS

GERAL

1. PEARL JAM • *Vs* • Sony
2. CAETANO E GIL • *Tropicália 2* • PolyGram
3. GABRIEL O PENSADOR • *Gabriel O Pensador* • Sony
4. MARIA BETHANIA • *As Canções Que Você...* • PolyGram
5. SOUL ASYLUM • *Grave Dancers Union* • Columbia/Sony
6. IRON MAIDEN • *A Real Dead One* • EMI-Odeon
7. RAGE AGAINST THE MACHINE • Epic/Sony
8. GAL COSTA • *O Sorriso do Gato de Alice* • BMG-Ariola
9. JORGE BEN JOR • *Mestres da MPB* • Warner
10. NINE INCH NAILS • *Broken* • Warner

INDIE

1. SEPULTURA • *Chaos a.D.* • RoadRunner
2. KILLING CHAINSAW • *Killing Chainsaw* • Zoyd
3. PIN UPS • *Scrabby?* • Devil
4. PATO FU • *Rotomusic De Liquidificapum* • Cogumelo
5. RACIONAIS MC'S • *Raio X Brasil* • Zimbabwe
6. KORZUS • *Mass Illusion* • Devil
7. LÍNGUA DE TRAPO • *Brincando com Fogo* • Devil
8. DEFALLA • *Kingzobullshit* • Cogumelo
9. BIOHAZARD • *Urban Discipline* • RoadRunner
10. SECOND COME • *You* • Rock It

PARADA

EUA

1. PEARL JAM • *Vs* • Epic
2. FRANK SINATRA • *Duets* • Capitol
3. MEAT LOAF • *Bat Out of Hell II...* • MCA
4. VARIOS • *Common Thread: The Songs of...* • Giant/Warner
5. MARIAH CAREY • *Music Box* • Columbia
6. JANET JACKSON • *janet* • Virgin
7. BILLY JOEL • *Keep The Faith* • Jordan
8. EAZY-E • *It's On (Dr. Dre) 187UM Killa* • Ruthless
9. TOO SHORT • *Get In Where Ya Fit In* • Jive
10. TONI BRAXTON • *Toni Braxton* • LaFace/Arista

GB

1. MEAT LOAF • *Bat Out Of Hell II: Back Into Hell* • Virgin
2. KATE BUSH • *Red Shoes* • EMI
3. INXS • *Full Moon, Dirty Hearts* • Mercury
4. DIANA ROSS • *One Woman, The Ultimate Collection* • EMI
5. DINA CARROL • *So Close* • A&M
6. BETE MIDLER • *Experience the Divine, Greatest Hits* • Atlantic
7. TAKE THAT (Varios) • *Everything Changes* • RCA
8. CHRIS REA • *Espresso Logic* • East West
9. FRANK SINATRA • *Duets* • Capitol
10. TOM PETTY & THE HEARTBREAKERS • *Greatest Hits* • MCA

EUA College

1. THE BREEDERS • *Last Splash* • 4AD/Elektra
2. SMASH PUMPKINS • *Siamese Dream* • Virgin
3. BUFFALO TOM • *Big Red Letter Day* • Beggars Banquet/East West
4. NIRVANA • *In Utero* • DGC/Geffen
5. THE JULIANA HATFIELD THREE • *Become...* • Mammoth
6. CRACKER • *Kerosene Hat* • Virgin
7. THE OCEAN BLUE • *Beneath The Rhythm and Sound* • Sire
8. THE CONNELS • *Ring* • TVT
9. UNREST • *Perfect Teeth* • 4AD/Elektra
10. CATHERINE WHEEL • *Chrome* • Fontana/Mercury

GB Tecno

1. SUN ELETRIC • *Kitchen* • R&S
2. VARIOUS • *Homeworks* • Source
3. DAVE ANGEL • *Royal Techno* • Rephlex
4. PENTATATONIK • *Re-Solutions Series One* • Kudos
5. SPECTRUM • *Limited Edition nº4* • Labworks
6. TRANSAM • *Ammo Remixes* • Bizz
7. 030 FEAT DR MOTTE • *Kit* • MFS
8. MARCO ZAFFARANO • *Minimalism nº4* • Harthouse
9. GREY HAWK • *Boiled Acid* • Djax
10. JOHN SPEROS • *Trance Form* • Frankfurt Beat

ZONA FRANCA

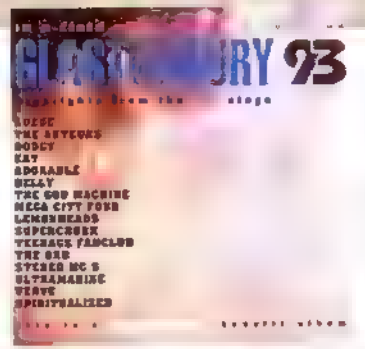
PRA JAPONÊS OUVIR

Nós, ocidentais, que morramos de inveja. Não é a primeira vez – e provavelmente não será a última – que serão lançadas edições (ao vivo ou não) limitadíssimas e exclusivas para o mercado japonês. Depois do EP (para o mundo ocidental) *Biscuit*, que no Japão é um álbum completo com 15 músicas totalmente *alive*, acaba de pintar por lá mais um ao vivo do **Living Colour**. É *Dread*, que traz em média 100 minutos de música bem gravada nos shows em Chicago, Paris e durante a performance na rádio holandesa Dutch Radio Broadcast. Entre os 16 títulos que compõe o CD, com direito a um show à parte de Vernon Reid, mais da metade é de canções do recém-lançado disco *Stain*. Entre outras, aparecem "Leave It Alone", "Go Away", "Postman", "This Little Peg" e uma versão acústica de "Nothingnets", que se misturam a antigos sucessos como "Cult of Personality" e "Time's Up". Curiosamente, a polêmica "Bi", que cultua o bissexualismo, ficou de fora. Será que os japoneses, a exemplo de boa parte dos americanos, também aderiram à homofobia?

ROBERT HALFOUN

Até o final do ano passado, poucos por aqui sabiam o que era trance music. Depois, muita gente definiu, tocou, e quase todo mundo acabou dançando esse bicho nas pistas. Este *Trance Europe Express* (EP) vale como registro da onda: são 24 faixas no estilo, premiadas com um livro de 192 páginas explicando tudo sobre trance. Mas o mais interessante está mesmo no repertório do disco: tem **CJ Bolland**, **Aphex Twin** e até "Persuasion", com **Billie R. Martin** (Electribe 101), um dos clássicos nas pistas este ano. Dance com qualidade. *LOURIVAL C. S. JUNIOR*

OBRAS ASSISTENCIAIS



Definitivamente, o Midnight Oil e o U2 não estão mais sozinhos apoiando as causas ecológicas do Greenpeace. **Suede**, **Stereo MC's**, **Lemonheads**, **The Orb**, **Verve**, **The Auteurs** e outros estão juntos nos dois volumes do CD duplo *Glastonbury 93*, cuja renda será revertida à proteção de oceanos, combate da poluição industrial e movimentos contra bases nucleares. Lançado há pouco na Inglaterra, o disco é resultado de uns shows promovidos pelo semanário *New Music Express*, que conseguiu juntar essa galera toda. • E a onda de caridade não pára por aí! Em defesa dos animais, uma organização chamada IDA (In Defense of Animals) produziu a coletânea homônima, bem menos brilhante por não ser ao vivo e trazer apenas versões oficiais. Vale principalmente pela enfurecida – e única ao vivo – "You Borrowed", do **Helmet**, e a seleção de nomes bem menos conhecidos por aqui, como **Lush**, **The Shamen**, **Sister Psychic**, **Meat Beat Manifesto**, **Consolidated**, **Grotus**, **Material** e **Skinny Puppy**. Tudo bem: tem **Primus** e **Pearl Jam**. *RH*

REGGAE SEM GRIFE

É uma pena, mas aqui só chega reggae de grife. Tudo bem, nada contra Marley, UB40 ou Shabba Ranks, mas a gente está perdendo a melhor parte da história. Por exemplo, o disco *Sound System Anthology*, do histórico DJ **I Roy** (não confundir com o pioneiro U. Roy), que saiu lá fora pelo obscuro selo King's Music. Neste novo disco, I Roy lava a égua e põe o vozeirão pra fora em clássicas levadas de sound system – que no Brasil já têm seu equivalente nas "radiolas" do Maranhão. Além de I Roy, o catálogo King's Music tem **African Star**. Esse não chega a impressionar, mas passa. A produção é simples, mas como o grande apelo são mesmo as letras, os vocais e harmonias, ninguém vai sentir falta de super-samplers ou efeitos especiais. Para pedir esses discos, escreva para King's Music Records Inc., P.O. Box 4813, Wilmington, NC 28406, USA. *OTAVIO RODRIGUES*

DANCE MUSIC DE SOFÁ

O **DJ Moby**, lenda viva no universo das raves dançantes – e que esteve se apresentando por aqui em maio –, lançou um disco na praia tranquila da ambient music. O estilo, já chamado também de "dance music de sofá", não tem vocais e se parece muito com música clássica, embora use e abuse de instrumentos eletrônicos e sacadas de computador. *Ambient* é uma viagem, ideal pra depois das seis da tarde. A duração das músicas é inusitada: "Bad Days", por exemplo, dura 8 minutos, enquanto "Heaven" mal chega a um minuto. *LCS*

MAIS LANÇAMENTOS

COLDCUT *Philosophy* (Arista) – Fez sucesso com a música "People Hold On" ao lado de Lisa Stansfield. Depois de 2 anos estão de volta ao disco. ■ **SONIC YOUTH** *Daydream Nation* (Geffen) – O disco mais enfurecido da banda estava fora de catálogo desde 88. ■ **THE ORB** *Live'93* (Red Line) – Viagens pop/space ao vivo com o maior nome da ambient dance mundial. ■ **SOUL II SOUL** *Vol. IV Classic Singles* (10 Records) – 15 sucessos da história da banda, mais os remixes de "Keep on Movin'" e "Back to Life". ■ **CROWDED HOUSE** *Together Alone* (Capitol) – Ultra festejado pela crítica inglesa, o disco prevê novos horizontes para o som da banda. ■ **DE LA SOUL** *Buhloone Mindstate* (B-g Life) – De La Soul não está morto! Os rappers aclamados nos EUA revolucionam mais uma vez e surpreendem com músicas de até 55 segundos. *RH*

BOAS DOSES DE JB

discografia de Jorge Ben Jor entre 63 e 76 é relançada em CD

A música "W/Brasil", de **Ben Jor**, toca sem parar nas rádios, impulsionando a redescoberta do cantor e compositor por uma novíssima geração de fãs do Pantera e Sepultura. Agora, chegou a chance de conhecer melhor o novo muso musical dos teens.

A PolyGram acaba de relançar em CD todos os discos dele no período em que estava na gravadora, de 1963 a 1976. São onze ao todo: *Samba Esquema Novo* (63), *Ben É Samba Bom* (64) e *Sacudin Bem Samba* (64), *Big Ben* (65), *Jorge Ben* (69), *Força Bruta* (70), *Jorge Ben/Negro É Lindo* (71), *Ben* (72), *A Tábua de Esmeraldas* (74), *Solta o Povão* (75) e *África Brasil* (76).

Esses discos são de quando Ben Jor era Jorge Ben – ele ainda não havia percebido que seus direitos autorais escorregavam para a conta bancária errada, no caso a do meloso jazzista George Benson, por razões semânticas.

Ben Jor começou a aparecer em 1963, com "Mas que Nada", uma das músicas brasileiras mais executadas lá fora e uma das razões do sucesso de Sérgio Mendes nos EUA. Depois da bossa-nova, era Ben quem despontava como novidade na música brasileira, eletrificando o samba, se aproximando do rock e do soul.

O universo de suas letras é quase sempre o mesmo, como comprovam esses CDs. Futebol, mulheres convertidas em musas e o cotidiano dos suburbios cariocas com seus malandros anônimos. Com *ginga* e muito *suingue*, Ben Jor injetou uma alegria espontânea e contagiante na MPB. Quem quiser conhecer os primeiros momentos dessa combustão de ritmos e espíritos tem aí uma grande chance.

Os CDs reúnem alguns dos principais hits do cantor: "Os Alquimistas Estão Chegando" no ótimo *Tábua de Esmeralda*, "Que Maravilha" em *Negro é Lindo*, "Zagueiro" e "Jorge de Capadócia" – recém-regravada numa levada dance por Fernanda Abreu –, em *Solta o Povão*.

Jorge Ben, o disco de 1969, é, porém, dos melhores. A capa é kitsch, num desenho do retratista da moda na época, Albery. Além de "Que Pena" e "País Tropical", há uma versão demolidora de "Charles, Anjo 45", o Robin Hood dos morros cariocas. Samba rasgado, com marcações na cuica e no apito que vão fazer você tirar o tapete da sala e dançar até a última gota de suor. No meio de "Charles", gravada ao vivo, Ben Jor perde a voz e se desculpa.

O pacote prova que Babulina (apelido que ganhou de Tim Maia por causa da música "Bep Bop a Lena"), sempre foi mendiário. Vocês que perceberam a fumaça meio tarde.

CELSO FONSECA

GURU DA SOUL MUSIC

Finalmente, a obra do cantor Jackie Wilson (1934-1984), um dos pioneiros do soul, ao lado de Ray Charles, James Brown e Sam Cooke, está disponível no Brasil. A Movieplay (de novo ela) está lançando os CDs *Hit Story Volumes I & 2*, cobrindo gravações que vão de 1957 a 1972. Nascido em Detroit, Wilson ganhou fama no grupo gospel Billy Ward and The Dominoes, substituindo o lendário Clyde McPhatter. Em 1957, conseguiu seu primeiro sucesso na parada pop, "Reet Petite", composição de Berry Gordy Jr., o fundador da gravadora Motown. A partir daí, foram mais de 50 sucessos na parada da revista *Billboard*. A carreira de Jackie Wilson era esquizofrênica. Ao mesmo tempo em que gravava números dançantes como "Lonely Teardrops" e "Baby Workout", fazia concessões ao mercado branco e adulto em baladas exageradas como "Night", "Alone at Last" e "My Empty Arms", todas baseadas em temas da música clássica. O melhor momento de Wilson foi em 1967, com "Your Love Keeps Lifting (Higher and Higher)". Cantor sem igual, dançarino e showman, Jackie Wilson merece toda reverência. Afinal, quantos outros podem ter entre seus discípulos declarados nomes tão diversos como Elvis Presley, Michael Jackson e Van Morrison?

PAULO CAVALCANTI

A SAGA DOS HOMENS MÁQUINA

A gravadora americana Cleopatra reedita clássicos do Kraftwerk

Kraftwerk é sinônimo de evolução. Basta checar as duas últimas décadas e constatar a importância do grupo na mutação sonora da música pop. É impossível que você tenha ficado ileso em relação ao som do quarteto alemão – mesmo sem saber.

Por gerações, o grupo vem influenciando diversos artistas da cena mundial do rap ao industrial, de David Bowie a Ministry. Mas nunca é tarde para descobrir... Afinal de contas, a cada dia, mais e mais bandas surgem referenciando – e reverenciando – a alquimia analógica do grupo teutônico.

Comece pelo oportuno relançamento de três álbuns clássicos: *Radioactivity* (76), *Trans-Europe-Express* (77) e *Man Machine* (78), todos pela gravadora americana Cleopatra.

Estes discos já foram editados no Brasil, em CD, há alguns anos, mas estão fora de catálogo, o que é um excelente argumento para adquirir as versões importadas. Que, graças à remasterização digital, soam como se tivessem sido gravados recentemente em algum estúdio de última geração.

Além destes, a Cleopatra oferece ainda dois novos itens para os aficionados: *The Model*, uma coletânea que abrange esta fase do grupo e inclui ainda uma versão em francês, "Les Mannequins", e *Showroom Dummies*, mini-CD que traz versões para a faixa-título além de remixagens para "The Robots".

Ficamos em standy-by aguardando pelo lançamento de "Tour de France", o clássico single krafwerkiano que ainda não desfrutou a tecnologia digital.

ENEAS NETO

O ELVIS COM ALGO A MAIS

A curta carreira de Eddie Cochran é relembrada numa coletânea

Mais um lançamento fundamental da Movieplay portuguesa: o CD *Summertime Blues*, do pioneiro do rock dos anos 50, **Eddie Cochran**. Quem até então não podia comprar um similar importado, agora pode fazer a festa. Cochran era o "Elvis com algo a mais".

Além de cantor de primeira, ele compunha suas músicas e tocava como um louco (você pode sentir ecos de sua guitarra no trabalho de Ritchie Blackmore, Jeff Beck, Pete Townshend e outros desse quilate). Ele sempre foi mais popular na Inglaterra do que nos Estados Unidos, sua terra natal. Antes de morrer num acidente de carro, em 1960, Cochran deixou clássicos como "Twenty Flight Rock", "C'mon Everybody" e a faixa-título, todos incluídos nesta compilação.

PAULO CAVALCANTI

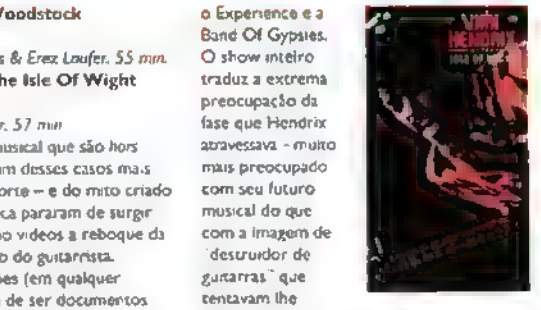
FFD VIDEO AREA

JIMI HENDRIX

Jimi Hendrix At Woodstock
BMG-Ariola. 97
Direção: Chris Hegedus & Erez Laufer. 55 min.
Jimi Hendrix At The Isle Of Wight
BMG-Ariola. 90.
Direção: Murray Lerner. 57 min

Há figuras no meio musical que são *hors concours*. Hendrix é um desses casos mais típicos. Desde sua morte – e do mito criado em torno dela –, nunca pararam de surgir discos, livros e mesmo vídeos a reboque da lenda criada em torno do guitarrista. Algumas destas edições (em qualquer formato) não deixam de ser documentos imprescindíveis, mas outras não passam de pura picaretagem para faturar em cima de seu nome. Por isso, estas duas fitas devem ter sua devida importância resgatada.

Depois daquele vídeo "meia-bomba" de Hendrix (Experience), lançado há alguns meses, agora a BMG-Ariola se redime com estes lançamentos de real valor histórico. Eles flagram momentos distintos da trajetória de Jimi, ambos igualmente importantes. Em Woodstock, temos a apoteose do guitarrista, com a banda Electric Sky Church, momento de transição entre o Experience e a Band Of Gypsies. O show inteiro traduz a extrema preocupação da fase que Hendrix atravessava – muito mais preocupado com seu futuro musical do que com a imagem de "destruidor de guitarras" que tentavam lhe imputar. E o momento maior é realmente imperdível: a interpretação do hino nacional americano, onde sua guitarra subverte e bombardeia a melodia, trazendo a tona o pesadelo da guerra do Vietnã em plena celebração do "paz & amor".



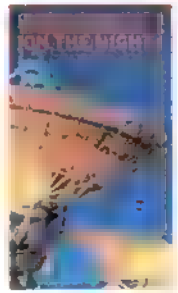
Já sua presença na ilha de Wight é um tanto tensa, até preocupada, como se Hendrix pudesse prever que aquela seria sua última performance – ele morreria menos de um mês depois desta apresentação. Mas as interpretações que imprime a canções como "All Along The Watchtower", "Voodoo Chile" e "Red House" não deixam dúvidas que o talento de Jimi ultrapassava até suas dificuldades pessoais.

Só resta esperar que seja editada por aqui a fita *Hendrix In Atlanta*, a única que foi lançada recentemente e que falta ser lançada por aqui para completar uma trilogia imperdível deste gênio da guitarra.

CELSO PUCCI

DIRE STRAITS

On The Night
PolyGram. 93
94 min.

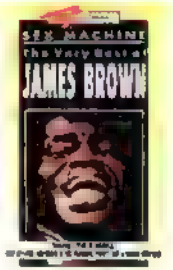


Para situar o Dire Straits no universo pop, gosto de lembrar que o meu velho, que odeia rock pesado, adora esta mistura de blues, country, progressivo e *muzak*, com um saxofonista medíocre a Kenny G. Sempre achei o "strait-o-caster man" Mark Knopfler um guitarrista de técnica e *feeling* invejáveis. Porém, tirando as músicas mais agitadas como "Walk Of Life", "Heavy Fuel" e "Money For Nothing", você precisa estar numas de relaxar e curtir o clima dos momentos mais calmos. Este vídeo é bem feito, cheio de câmeras, cortes rápidos, *travelings* e *takes* aéreos da bela arena de Nîmes, na França. Nenhuma ousadia. Na abertura, "Calling Elvis" ganhou uma versão longa e meio arrastada (logo ela, que tinha um clip tão legal). A decepção maior é o vídeo acabar sem o maior hino dos Dire Straits. Cadê "Sultans Of Swing"?

JOÃO RICARDO LIMA

JAMES BROWN

Sex Machine – The Very Best Of James Brown
PolyGram. 93.
90 min.



A América produziu James Brown. A TV estatal da ex-Alemanha Oriental produziu o programa, que virou vídeo em 88. O show sensacional, mas o diretor às vezes não encontra quem está tocando o sax. O som é *digitally mastered*, mas meio mal mixado. Alguns podem dizer que quem viu um show de JB viu todos. Sorte de quem viu todos. Revive um marco na história da música, o laboratório onde o funk foi inventado.

Os músicos que o acompanham estão juntos há muitos anos. Com a lenda JB, esta o mais quente sax do planeta, Maceo Parker. Os solos sobre Berlim Oriental são muitos, longos, , e quando a banda ataca com armas táticas do suingue, como "Get On The Good Foot" ou "(Get Up I Feel Like Being A) Sex Machine", abala os alicerces do muro que seria derrubado um ano depois.

DAGOMIR MARQUEZI

D.B

discoteca básica

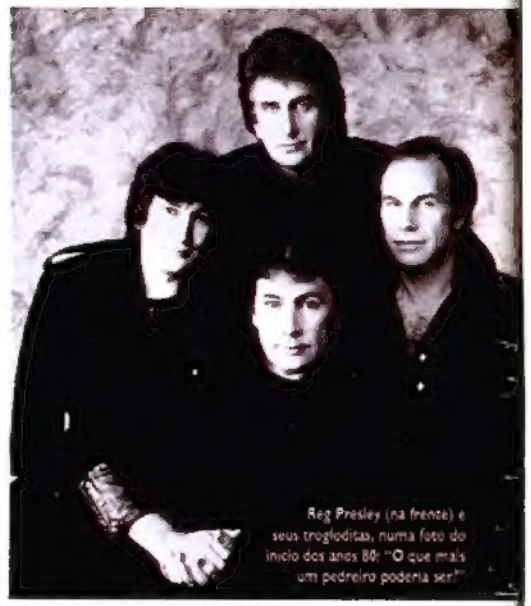
TROGGS
From Nowhere The Troggs

PERFORMANCE

Lançamento: julho de 1966 **Produção:** Larry Page **Faixas:** "Wild Thing" (Chip Taylor), "The Kitty Cat Song" (Roach/Spindel), "Ride your Pony" (Allen "Naomi Neville" Toussaint), "Hi Hi Hazel" (Bill Martin/Phil Coulter), "I Just Sing", "Evil" (Singletin), Our Love will Still be There", "Louie, Louie" (Richard Berry) "Jingle Jangle", "When I'm with You", "From Home", "Jaguar and the Thunderbirds" (Chuck Berry); as outras composições são de Reg Presley **Notas:** Lançado lá fora originalmente pelo selo Fontana • Alcançou um belo 6º lugar nas paradas inglesas • Esperou *apenas* até 1989 para ser reeditado – e em CD, com faixas-bônus, pelo selo DJM • Saiu no Brasil em 1966, pela RGE.

Com essa onda de dinossauros familiares e jurássicos, nada mais oportuno que lembrarmos um grupo inglês troglodita até no nome: eles mesmos, os Troggs, que começaram em 1965 e estão aí até hoje (pois é, estão pra completar 30 milhões de anos de bons serviços ao rock'n'roll) e sempre fazendo os Sex Pistols parecerem o Yes.

O nome Troggs ("troglodytes") não poderia ser melhor: nenhum outro grupo reuniu tão bem a simplicidade primal, a garra e a espontaneidade, nem apresentou uma trilha sonora tão eficiente para a satisfação dos (usando outra expressão em voga por aí) "básicos instintos". Reg Presley, vocalista e principal compositor dos Troggs (além de ex-baixista e pedreiro!), sempre manifestou em relação às mulheres a filosofia de Baby Sauro: se não é a mamãe, precisa me amar! Só que o sexismo de Reg soa de uma pureza bem diferente do machismo cego de Jagger, Lennon no início ou Zappa no final. Quando Reg elogia uma garota abaixando as calças e deixando entrever os quadris, demonstra muito interesse numa prima ou lamenta ter transformado sua futura esposa em mãe solteira (só para citar exemplos de 1967-68!). É sempre de sacanagem, mas nunca é por mal. "Somos mundanos, mas não sujos", disse Reg uma vez. "O que mais um pedreiro da cidade de Andover poderia ser?"



Reg Presley (na frente) e seus trogloditas, numa foto do início dos anos 80: "O que mais um pedreiro poderia ser?"

Sim, Reg é sacana sem maldade, apesar de cantar "sou mau!" no clássico do r&b "Evil", em *From Nowhere The Troggs*, primeiro LP do grupo. Nesta faixa, Reg Presley e seus amigos – Chris Britton (guitarra), Pete Staples (baixo) e Ronnie Bond (bateria) – demonstram que o rock consegue influenciar mais seriamente quando menos se leva a sério.

From Nowhere The Troggs começa com nada menos que "Wild Thing", pinçada de uma demo do compositor americano Chip Taylor (de quem os Troggs gravariam muitas outras músicas) e um clássico entre os clássicos do rock, regravado por todo mundo, de Hendrix e 2 Live Crew a Robertinho de Recife. Mas a gravação dos Troggs é ainda a mais influente e insólita, com a introdução de feedback de guitarra e um solo de ocarina (daquelas de barro mesmo), com um efeito ainda mais "punk medieval" do que a obra de Lou Reed segundo ele mesmo.

Entre as composições de Reg para este disco, temos "From Home", ancestral do heavy metal, e "Jingle Jangle", uma das muitas e ótimas "baladas punk" do grupo (e enquanto eles caprichavam no playback, com uma ajuda do maestro Colin Fletcher no cravo, Reg rabiscou a letra na cabine de gravação da voz). Completam o LP bons covers de Chuck Berry ("Jaguar and the Thunderbird") e do megaclássico do rock que inspirou "Wild Thing", "Louie Louie". Além disso, os Troggs provam sua admiração pelo mestre do r&b Lee Dorsey, regravando os dois lados de um compacto dele, "Ride your Pony"/"The Kitty Cat Song". E, só para ninguém esquecer que os Troggs são britânicos da gema, não falta um cover de rock-vaudeville, "Hi Hi Hazel", pegando a onda de "Puppet on a String", "Winchester Cathedral" e outros hits bonitinhos e açucarados do estilo.

A saga dos Troggs mereceria um artigo dos mais longos, cheio de peripécias, como a da briga após um show em que Reg quase levou uma facada na garganta, Chris Britton fora do grupo por dez anos e mantendo um bar em (ora, pois!) Portugal, a morte de Ronnie Bond e o disco gravado em dupla com os caras do REM ano passado. Mas esse *From Nowhere The Troggs* é o suficiente pra provar não ser à toa que o REM, Ozzy Osbourne e Billy Idol, entre outros, vivem declarando ser fãs do grupo (sem falar no bubblegum do Ohio Express, que imitam os Troggs direitinho – pode reparar).

AYRTON MUGNAINI JR.

CENTRAL DE INSTRUMENTOS MUSICAIS
NACIONAIS E IMPORTADOS
ATENDEMOS A TODO O BRASIL
TELEVENDAS (011) 883-5080
• Loja Pinheiros
Rua Teodoro Sampaio, 763
Loja 10 - CEP 05405-050
Fax: (011) 815-0880
• Loja Guarulhos
Rua Padre Celestino, 70 - Centro
Fone: (011) 208-1318

SHOPPING BIZZ SHOPPING

MR. MUSIC
INSTRUMENTOS MUSICAIS E EQUIPAMENTOS ELETRÔNICOS NACIONAIS E IMPORTADOS.
TOBIAS (REVENDEDOR EXCLUSIVO)
ADA
GIBSON
LANEY AMPS
EPIPHONE
ETC.
ACEITAMOS ENCOMENDAS DE TODO O BRASIL.
R. TEODORO SAMPAIO, 763
LJ. 9 - CEP 05405-050
TEL.: (011) 851-2916
SÃO PAULO - SP

BIZARRE RECORDS
UNDERGROUND SOUNDS & MORE
CD's - VÍDEOS - DISCOS
NOVIDADES - RARIDADES
GRAVADORAS INDEPENDENTES
DESPACHAMOS PARA TODO O BRASIL
Rua 24 de Maio, 116 - 8. A. Lj 11 - Tel. (011) 220-7933
São Paulo - SP - CEP 01041-000
Rua Senador Flaquer, 186 - Santo André - CEP 09010-160

Locação e Venda de CD's Importados
TRANCE RAD TOO PURE ACID JAZZ HD 80's R+S GUITAR 90's CREATION NME INDUSTRIAL WARP TECHNO TALKIN'LOUD NOISE GARAGE
MO'BETTER CD's
R. Nazaré Paulista, 438
TEL.: (011) 62-0108

PAI DO ROCK
INSTRUMENTOS MUSICAIS
VENDA • TROCA • CONSIGNAÇÃO
NOVOS E USADOS
(NACIONAIS E IMPORTADOS)
ATENDEMOS TODO O BRASIL

GUITAR TABLATURE
Todos os Books do Rock!!!
Toque rock mesmo, peça HCM-Catalogo: Cx. Postal 6106 - CEP 01064-970 ou pelo fone: (011) 223-7605
HELIO CORTEZ MUSIC

BIZZ
PARA ANUNCIAR LIGUE:
(011) 816-7866
Ramal 304
EDITORA AZUL

TUDO NA MÚSICA TEM CONCERTO
Rush Tech
ESPECIALIZADA EM EQUIPAMENTOS DE ÁUDIO PROFISSIONAL
•Cabeçotes (valvula/transistor/FET) •Powers •Pres •Efeitos (analógico/digital) •Pedais •CD Players •DATs
Serviços Autorizados
Stagg
Rua Teodoro Sampaio, 763 - Lj. 19 - Pinheiros - SP
Fone: (011) 883-1328 - 282-9195

CDs NOVOS, USADOS E IMPORTADOS
LPs USADOS E RAROS
• MPB • ROCK
• CLÁSSICOS • JAZZ
ACEITAMOS ENCOMENDA PARA TODO O BRASIL
UMA ESPAÇO PARA A BOA MUSICA EM PINHEIROS
RUBBER SOUL
Rua Dep. Lacerda Franco, 159 - CEP 05418-000
Pinheiros - SP - Tel.: (011) 816-1519

O ROCK VIROU A PÁGINA
DISK MUSIC
(011) 262-7544
FAX: (011) 262-7198
De A a Z Tudo Em Instrumentos Musicais e Acessórios Nacionais e Importados.
ATACADO E VAREJO
despachamos para todo o Brasil pelo correio
VENDA • TROCA • CONSIGNAÇÃO
Rua Coriolano, 297 - Lapa
São Paulo - SP - CEP 05047-000
Estacionamento próprio
NEW Festival
INSTRUMENTOS MUSICAIS LTDA

CANHÕES, ROSAS E DÚVIDAS

Sou louca pelo Guns N' Roses. Quando li a última edição da BIZZ e tava escrito que o baixista Duff McKagan pora o pé de novo na estrada, mas desta vez com sua banda, eu não entendi. Ele saiu ou não saiu? Me expliquem direito esse negócio de álbum solo, que Gilby Clarke segue a trilha de McKagan, etc. Ele vai ficar no Guns?

Estela Takahechi
São Paulo/SP

Vai. Ninguém saiu do grupo.

EM DEFESA DO A-HA

Há mais ou menos um ano e meio tornei-me leitora dessa que muitos consideram a "melhor revista do país". Faz o mesmo número de meses que eu me seguro para não ir perder meu precioso tempo escrevendo para essa droga de seção de correspondência que mais parece um território em conflito. Agora, além de tudo, vem essa "talzinha" Cristiane Fontes (que deve ser uma tremenda grunge de carteirinha) e desce o porrete no disco novo do A-ha. Tá certo, o disco não é dos melhores, eles podiam mesmo ter feito algo muito melhor, mas... "tecladinhos melodicamente pobres"? Pô, o que ela queria? Uma obra digna de Mozart num disco pop?! Oras vá para o inferno... Em tempo: *Memorial Beach* não é o 6º álbum gravado por eles, e sim o 5º, sendo que dois são coletâneas brasileiras e uma internacional.

Anônimo
Santos/SP

POCILGA VERBAL

Impressionante a pocilga verbal de alguns leitores na seção de cartas. Imagino tratar-se de fenômenos providos de dois orifícios anais, um inferior e outro superior (logo abaixo do nariz), tamanha a imundície que produzem.

Ricardo Torstensson
Porto Alegre/RS

O que me levou a escrever foi a publicação das cartas dos leitores da BIZZ 93. É liberdade de expressão muito mal usada. Oh, galera, se vocês colocassem essa força jovem, essa energia de brigar por aquilo que gosta e colocar os políticos podres pra fora do poder, acho que este Brasil teria algum jeito. Perder tempo avacalhando músicos e bandas pra quê? Espero que da próxima vez em que eu ler a BIZZ veja mais a galera elogiando, aplaudindo e pedindo BIZZ, em vez de palavrões, baixarias e cultura de porto.

Paula Regina Chaves
Pouso Alegre/MG

É isso aí: chega de ofensas e baixarias gratuitas! Como diria John Lennon (quem?), "a vida é muito curta e não há tempo para brigas e amolações". É hora de recolher os estilingues e escrever com estilo.

SEPULTURA

Estou há tempos fora do "Brasa". Aqui na Zooropa, quando se fala em música brasileira, a primeira coisa que vem à mente é o velho samba. Mas dei uma passada na Virgin Megastore e notei que tinha até fila para escutar o tal Chaos A.D., o novo disco do Sepultura. Acho o som deles meio demoníaco, mas mesmo assim quero parabenizar o Sepultura pelo espaço conseguido aqui fora, sendo que a maioria da molecada nem sabe que eles são brasileiros. Isso serve para mostrar que o Brasil não vive só de samba, Caetanos e Danielas.

Walcleyber Silva
Milão/Itália

MARCA HISTÓRICA

De forma alguma poderia deixar de abraçar o pessoal da BIZZ pelo nº100. Afinal, é uma marca histórica, principalmente em se tratando de jornalismo tupiniquim, tão achincalhado...

Sylvio José Miceli Jr.
São Paulo/SP

LENNON MESA BRANCA

Vi uma coisa que realmente despertou meu interesse: uma pessoa, que se identifica como Sígia Carbaço Reis, do Rio de Janeiro, que diz receber mensagem psicografada de John Lennon.

Gostaria de saber mais sobre essa pessoa, gostaria de me corresponder com ela para saber maiores detalhes dessa mensagem.

Norma Lúcia
São Paulo/SP

Como vocês tiveram a cara-de-pau de publicar a enorme idiotice sobre John Lennon? Falar que recebeu John Lennon e ainda dizer que os Beatles vão fazer show no Brasil! Essa Sígia tá louca! Se os Beatles vão se reunir de novo para fazer shows, vai ser quando todos forem para o céu.

Alex Nunes e Luiz Roberto
São Paulo/SP

CLAPTONMANÍACO

Jamais surgirá um guitarrista capaz de superar Eric Clapton, pois ele se tornou o mais completo de todos. Aquela crítica virulenta em relação ao Acústico de Clapton foi de uma má fé incrível. O disco é excelente, e aí, o que acontece? Vocês colocam um sujeito estúpido e incompetente para falar do assunto. Como é que esse energúmeno confunde Ray Cooper com Ry Cooder e ainda diz todas aquelas besteiras a respeito do disco?

Marissom Ricardo Roso
São Borja/RS

LETRAS TRADUZIDAS

Gostaria de saber o que fazer para ser assinante da revista BIZZ-*Letras Traduzidas*.

Emmanuelle Reis
Vila Velha/ES

Há mais de um mês e meio estou atrás da próxima edição de Letras Traduzidas. Gostaria de saber se vocês voltarão a publicá-la, para continuar minhas pesquisas de inglês e a me divertir cantando as músicas.

Elton Duque Cardoso
São Paulo/SP

A BIZZ-*Letras Traduzidas* está temporariamente fora do ar. Mas logo estará de volta – e com novidades sensacionais!

FORASTIERI

Não acredito! André "Forastieri" deixou a BIZZ e montou seu próprio negócio? Graças à Deus, minhas preces foram ouvidas!

Marcelo Luiz de Miranda
Niterói/RJ

MADONNA

Sou leitor da BIZZ há algum tempo, mas agora perdi a paciência na edição 99 com Madonna na capa e mais seis páginas jogadas fora.

Sidney Dias Batista
Curitiba/PR

A capa com Madonna e a reportagem "The Girlie Show", assinada por Anamaria de Lemos, foram magníficas.

Márcio Júnior
Fortaleza/CE

CAMALEÃO

Espero que a BIZZ continue assim, como um camaleão, mudando de pele mas deixando a moçada sempre muito bem informada.

Mário Aduce Pereira
Florianópolis/SC

EDITORA
AZUL

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907-1990)

Diretoria
Angelo Rossi
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

BIZZ

Diretor - Gerente: Carlos C. Arruda

REDAÇÃO
Editor-Chefe: Otávio Rodrigues
Editor Especial: Celso de Salles Pucci
Editor de Arte: Richard Kovacs
Editor-Assistente de Arte: Antônio Fernando Mora
Repórter Sênior: Lu Gomes
Coordenador de Produção: Roberto Morgan Lopes
Diagramador: Flávio Vianna
Correspondentes: AnaMaria G. Lemos, Camilo Rocha (Londres), André Barcinski, José Emilio Rondeau (Los Angeles)
Colaboradores - Texto: Acemir Assumpção, Alex Antunes, Alexandre Rossi, Álvaro Pereira Jr., Andahil Felix, Arthur G. Couto Duarte, Ayrton Mugnaini, Carlos Albuquerque, Carlos Eduardo Miranda, Cecília Mãe, Celso Fioravante, Celso Fonseca, Claudio Campos, Cláudia Lima, Cristiane Fontes, Dagomir Marquezi, Eduardo Bid, Evi Otto, Fábio Massari, Felipe Zobaran, Gabriela Dias, Hagamenon Brito, Jan Felc, Jeferson de Souza, Jim Joe, João Ricardo Lima, Lourival C.S. Júnior, Lúcia Freitas, Marcel Plasse, Patrícia Guedes, Robert Halfoun, Rodrigo Leão, Rogério de Campos, Sérgio Martins. **Fotos:** André Sader, Ângelo Pastorello, Arnaquem Alcântara, Christian Knepper, Dimaha Kon Beu, Rose Mussain, Rui Mendes, Sergio Nedal. **Arte:** Renata Borges. **Ilustrações:** Eli Sumida, Matangra, Spetto, Fábio Cobiaco

PUBLICIDADE
Diretor de Publicidade: Claudio Santos
Supervisores de Contas: Afonso Palomares, Nilo Galdeano Bastos, Ricardo Santos
Gerente: Ana Lúcia Serra
Contatos: Ana Lúcia Bertola, Ana Maria Lobo, Cristiane Morlhans Loureiro
Marketing Publicitário: Denise Terranova
Coordenadores: Antonio Pernainolo, Igor Assan, José Soares

COMERCIAL
Diretora: Vera Helena Minardez Gomes
Gerente de Planejamento e Controle: Arnoveldo C. Dias
Gerente de Produto: André Felipe D'Amato
Gerente de Promoções: Sandra Gali Fonseca

Diretor Administrativo e Financeiro: Pedro Frazão
Azul Press-Gerente: Benjamin S. Gonçalves
Operações Editoriais: Rosiane Gonçalves Costa
Diretora Responsável: Liége de Lima Dória Castelli

BIZZ é uma publicação mensal da Editora Azul S.A. **(ISSN 0104-1649**, edição 101, dezembro de 1993). **São Paulo - Redação e Correspondência:** Av. Nações Unidas, 5777, CEP 05479-900, tel (011) 816-7866, Caixa Postal 66254 CEP 05389-970 telex (011) 83178, fax (011) 813.9115. **Rio de Janeiro:** Av. Marechal Câmara, 160 - 15º andar - salas 1534/35, CEP 20020-080 Centro, tel (021) 532-0313, fax (021) 532-1458, CP 4816. **Distribuidor em Portugal:** Distribuidora Jardim de Publicações Lda., Quinta Pau Varais, Azinhaga dos Fetais, 2685 Camarate, Lisboa. **Assinaturas:** valor de capa multiplicado pelo número de edições atuais. A Editora Abril garante aos assinantes desta publicação que a interrupção na entrega dos exemplares contratados, sem que para isso tenha dado motivo o próprio assinante, implicará a restituição em cruzeiros da parte do preço total pago antecipadamente e correspondente aos exemplares que não forem entregues, devidamente corrigida de acordo com a variação do IPCA (divulgado pelo IBGE) ou outro indexador que venha a substituí-lo. Com sua assinatura, seu nome é automaticamente incluído no cadastro da Editora Abril, o qual poderá ser cedido a empresas idôneas para fins unicamente de divulgação e promoção de seus produtos, que julgamos ser de seu interesse. Caso não queira fazer parte deste cadastro, entre em contato com uma das Centrais de Atendimento ao Assinante, cujos telefones constam desta revista. **Números atrasados:** ao preço da última edição em banca, por intermédio do seu jornaleiro ou no distribuidor das publicações Abril de sua cidade. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP. **Serviço ao assinante:** tel (011) 823.9222

ANER

Fotolitos: Fotolitos Ltda., Postscript Artes Gráficas, Graficolor, Prepress Editorial
IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

EDITORA
AZUL

NOSSAS PUBLICAÇÕES

CONTIGO
Atualidades - TV

BIZZ
Rock, Pop, Comportamento

LETRAS TRADUZIDAS
Fotos e Letras Traduzidas

SET
Cinema e Vídeo

SET 1000 VÍDEOS
Seleção dos Melhores Vídeos

OS CAMINHOS DA TERRA
Natureza, Aventuras e Ecologia

FLUIR
Surf

BOA FORMA
Ginástica, Esporte e Saúde

HORÓSCOPO
Astrologia

HORÓSCOPO ANUAL
Previsões

SAÚDE E VITAL
Prevenção e Saúde

CARÍCIA
Comportamento Jovem

AÇÃO GAMES
O Mundo dos Games

NOSSOS ENDEREÇOS

São Paulo: Av. Nações Unidas, 5777 - CEP 05479-900 - Tel.: (011) 816-7866 - Fax: (011) 813-9115 - São Paulo - SP
Rio de Janeiro: Av. Marechal Câmara, 160 - 15º andar - salas 1534/35 - Centro - Rio de Janeiro - CEP 20020-080 - Tel.: (021) 532-0313 - Fax: (021) 532-1486 - CP 4816
Los Angeles (EUA): 1840 N. Beverly Glen Dr. - 90077 - Phone (213) 474-7851
Nova York: Lincoln Building, 60 East 42nd Street - Suite 3403 - New York - N.Y. 10165 - Phone (001212) 557-5990/5993 - Telex (00) 237670 - Fax: (001212) 983-0972
Paris: 53, rue de Miromesnil - 75008 - Paris - Phone (00331) 4266-3113 - Telex (0042) 660731 ABRILPA - Fax (00331) 4266-1399

REPRESENTANTES DE PUBLICIDADE

Brasília: Espaço Com. Ind. e Consult. Ltda. - SDS Ed. Venâncio, III - sala 202 - CEP 70300 - Brasília/DF - Tel. (061) 223-2134 - Fax (061) 226-3644
Campinas: CZ Press - Com. e Representações Ltda. - Rua Antônio Cesarino, 867 - CEP 13015-291 - Campinas/SP - Tel/Fax (0192) 32-7375
Minas Gerais: MAH Publicidade e Repres. Ltda. - Rua Timbiras, 1560 - sala 1904 - Ed. City Center - CEP 30140 - Belo Horizonte/MG - Tel e fax (031) 224-9534
Paraná: MLC - Representações Comerciais - R. Cândido de Abreu, 526 - cj. 604 - Bloco B - CEP 80530-905 - Curitiba/PR - Tel. (041) 253-4049 - Fax (041) 252-2844
Rio Grande do Sul: Pord Sul - Av. da Azenha, 1500 - cj. 206 - CEP 90060 - Porto Alegre/RS - Tel/Fax (051) 223-9520
Santa Catarina: Bi Esperança - Rua Dr. Arfredo Daura Jorge, 9 - Cond. Village II - Florianópolis/SC - Tel.: (0482) 32-0519

ACEITAMOS DOLARES FALSOS

Apresente a nota acima
e ganhe 1 desconto
equivalente a US$ 5 na
compra de 1 CD ou na
taxa de inscrição

CLUBE do CD
Locação e vendas de
Compact Disc.

R. Capote Valente, 1443
Tel: 872.3113 - (Sumaré)

BIZZ Apresenta

THE CANNIBALS

Livingstone Nacaxa Jakamole

Desenho: SPETO / Texto: LU GOMAN

ROCK

POP

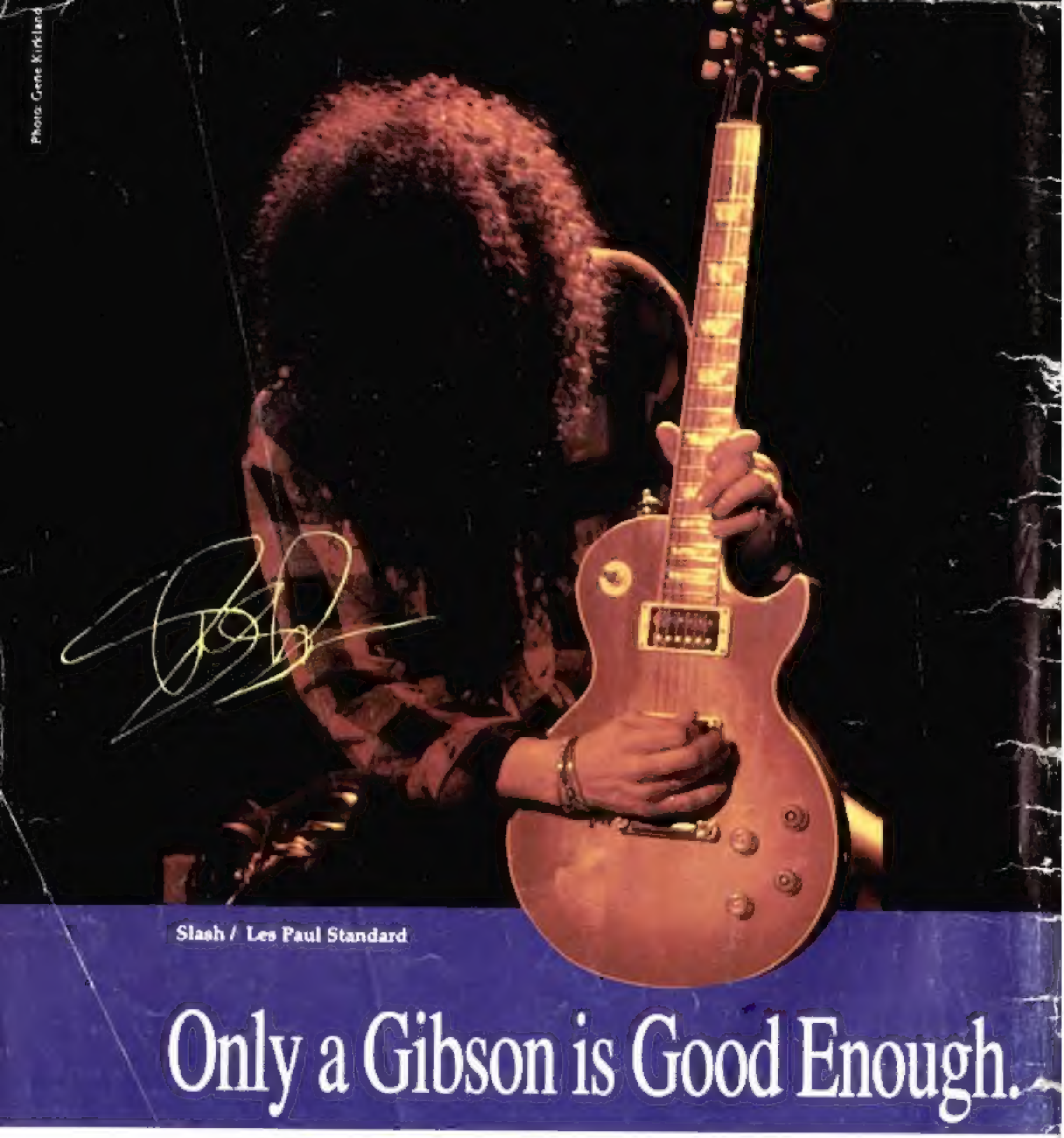
JAZZ

BLUES

FUSION...

IMBRASOM
Original Brazilian Percussion

PAiSTe
CYMBALS SOUNDS GONGS
IMPORTADOR EXCLUSIVO
IMBRASOM FONE (011) 277 8229
FAX (011) 279 0833



Only a Gibson is Good Enough.

I.P.A.
INSTRUMENTOS MUSICAIS
SEMPRE À FRENTE DE NOSSO TEMPO

DISTRIBUIDOR AUTORIZADO
COMPRE EM ATÉ 5 VEZES
1 ANO DE GARANTIA
Rua Teodoro Sampaio, 770
Tels.: (011) 282-5653 / 881-1515
Fax: (011) 64-3430 - CEP 05406-000
Pinheiros - São Paulo - SP

Gibson USA ®
Memo